ROMANCES NOVA CULTURAL 3

Julia Verão



A Ilha Dos Amantes

Miranda Lee

SBD

Título original: *Aunt Lucy's Lover*

Copyright © 1996 por Miranda Lee
Copyright da tradução © 1996 por Editora Nova Cultural.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Márcia Gimenez

revisão: Projeto Revisoras

preparo de originais: Projeto Revisoras

digitalização: Mana e Ale M.

capa: Star Books Digital

adaptação para ebook: Star Books Digital

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

Lee, Miranda A Ilha de AmantesUm Cowboy Encantador [recurso eletrônico] / Miranda Lee [tradução de Editora Nova Cultural]; Rio de Janeiro: Editora Nova Cultural, 1996.

recurso digital (Julia Verão; 3)

Tradução de: Aunt Lucy's Lover Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-02-6314-969-2 (recurso eletrônico) 1.Romance de Banca. 2. Livros eletrônicos.

E-book distribuído sem fins lucrativos
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou qualquer uso comercial do presente conteúdo

Sinopse

Uma herança surpreendente: um homem para amar!

Lucy, a tia de Jéssica, lhe deixara três coisas: sua fortuna, a chave para o passado de sua família e Sebastian Slade. Para ter direito à herança, Jéssica tinha de passar um mês em Norfolk Island junto com Sebastian, descrito no testamento da tia como "um companheiro leal e dedicado".

Quando conversou com Sebastian por telefone, Jéssica não gostou dele. Provavelmente era um espertalhão de meia-idade, que tivera um romance com Lucy na esperança de colocar as mãos em seu dinheiro. E as suspeitas de Jéssica aumentaram ainda mais quando viajou para Norfolk e o conheceu pessoalmente: jovem, bronzeado, charmoso, capaz de enlouquecer qualquer tipo de mulher!

Capítulo 1

— Sua tia Lucy deixou-lhe tudo o que tinha. Jéssica encarou o advogado sentado do outro lado da mesa.

— Tudo? — repetiu, confusa. Sua mente, sempre tão arguta, recusava-se a raciocinar com clareza.

Ela ainda se recobrava da notícia da morte da tia, que, vítima de câncer, morrera três semanas antes. Protestara por não ter sido informada a tempo, mas o advogado explicara que ninguém na cidade sabia de sua existência até a abertura do testamento, dois dias antes.

Jéssica também não sabia da existência da tia até o dia em que uma mulher aparecera em Sídnei, alguns meses atrás, e pedira para falar com a gerente do Hotel Grant, ninguém menos que a própria Jéssica.

Fora um encontro estranho. Ela ficara estupefata quando a mulher informou ser a irmã mais velha de sua mãe. Principalmente porque a mãe nunca falara em parentes próximos.

Tia Lucy também se surpreendera ao deparar com a sobrinha. Encaravam uma à outra como se estivessem vendo um fantasma. No meio do encontro, porém, Jéssica foi chamada para resolver um problema com um dos hóspedes e pedira à tia que a esperasse no escritório. Havia um milhão de perguntas que desejava fazer. Mas quando retornou, cerca de quinze minutos depois, tia Lucy havia desaparecido.

A lembrança daquele encontro atormentara Jéssica desde então. Muitas perguntas tinham ficado sem resposta. Por que sua mãe mentira? Por que tia Lucy não a esperara? O que significava o olhar estranho que a mulher lhe dirigira, como se a aparência de Jéssica lhe causasse uma grande comoção?

Depois disso tentara reencontrar a tia, sem obter, entretanto, nenhum sucesso. Estava prestes a contratar um detetive particular. Na verdade, já procurara por alguns nomes na lista telefônica.

Por mais triste que fosse a morte de Lucy, porém, ao menos iria servir para responder a algumas perguntas importantes. Por exemplo: qual o motivo de Jéssica, uma sobrinha que a mulher vira apenas uma vez, ter se tornado sua única herdeira?

— Posso notar que está intrigada com o testamento, srta. Rawlins — o advogado disse. — Mas a sra. Hardcourt deixou tudo muito claro.

— Sra. Hardcourt? — Jéssica imediatamente perguntou. — Quer dizer que minha tia era casada?

Isso explicava por que não conseguira seguir-lhe o rastro. Tinha procurado pelo sobrenome Woods, que sua mãe usava quando solteira.

— Ela era viúva há muitos anos. E não tinha filhos. Sua mãe foi a última pessoa da família que restou. Todos os demais faleceram há mais de quinze anos.

O coração de Jéssica apertou-se. Isso a deixava sem nenhuma esperança de vir a encontrar um parente no futuro. Também perdera completamente o contato com o próprio pai, assim como com toda a família dele, logo depois do divórcio, muitos anos antes.

Mal se lembrava do pai. A mãe recusara-se sistematicamente a falar no assunto. Quando ela

morrera, oito anos antes, Jéssica ainda ligara para o pai, que na época ainda vivia em Sídnei. Mas *ele* nem se dignara a comparecer ao funeral.

Realmente, havia muitas questões a ser respondidas sobre sua mãe...

— Certamente algum parente do marido de minha tia deve estar vivo — especulou. — Por que Lucy não deixou nada para ele, ou eles? Por que herdei tudo?

O advogado encolheu os ombros.

— Sinto não poder responder a isso. Ela não mencionou nenhuma outra pessoa no documento. Isso faz da senhorita a única herdeira, e devo dizer que o espólio é considerável.

Jéssica estava aturdida. Imaginava ter herdado no máximo uma casinha no campo, em uma cidadezinha qualquer do interior da Austrália.

— O que o senhor quer dizer com "considerável"? — finalmente indagou, sentindo-se curiosa.

Um dos principais objetivos de sua vida era tornar-se financeiramente independente. A infância pobre era a responsável por esse desejo.

Depois da morte da mãe, lançara-se ao trabalho com energia redobrada, desejando ganhar o bastante para garantir o próprio futuro.

— Em primeiro lugar, temos a propriedade — o homem começou, entusiasmado. — Consiste em um terreno de muitos hectares à beira-mar, além da velha mansão. É uma construção sólida, forrada de antiguidades e coisas assim.

— Meu Deus! — Jéssica exclamou. — Eu nem imaginava uma coisa dessas!

— Posso notar. E também devo lhe informar que, descontadas as despesas legais e os gastos com o funeral, a senhorita ainda receberá uma quantia em dinheiro que atinge aproximadamente quinhentos mil dólares.

Jéssica engasgou.

— Meio milhão de dólares! — Mal podia acreditar no que ouvia. — E onde fica a propriedade? O senhor mencionou que se localiza à beira-mar. Devo presumir que fica na costa leste?

O advogado a encarou, surpreso.

— Quer dizer que não sabia onde vivia sua tia?

— Não. Eu já lhe disse que mal a conhecia. Nós nos encontramos, na verdade, apenas uma vez.

— Entendo. Acredito, então, que vai ficar surpresa outra vez. Sua tia Lucy vivia em Norfolk Island.

— Norfolk Island?

— Sim.

— Deus do céu!

Jéssica nunca estivera em Norfolk Island, mas sabia onde ficava. Era uma ilha no meio do Pacífico, ao longo da costa leste australiana, muito popular entre casais em lua-de-mel e turistas. Um de seus companheiros de trabalho estivera lá no ano anterior e levara uma brochura com fotos da ilha. Certamente ela ficaria muito entediada em um lugar como aquele.

Jéssica gostava de estar sempre ocupada. E preferia viver rodeada de gente... Mais uma

consequência da infância pobre, pois era muito difícil, para uma criança sem recursos, fazer amigos. Principalmente se a mãe da criança fosse alcoólatra.

A zona metropolitana de Sídnei era o tipo de lugar que a agradava. As luzes tinham um brilho mágico! Ela sentia-se à vontade no meio da confusão de uma cidade grande. Além disso, Sídnei oferecia muitas opções. Quando estava entediada, por exemplo, saía para jantar. Também gostava de dançar em boates, ir ao teatro, ao balé, ver filmes e assistir a concertos.

Só não conseguia imaginar-se em um lugar ermo, cujas únicas luzes vinham, provavelmente, das estrelas do céu.

— Presumo que a senhorita deseje visitar a propriedade... — o advogado continuou.

Jéssica mordeu o lábio inferior. Bem, claro que devia ir. Mas não dispunha de tempo naquele mês. O hotel estava lotado, pois em fevereiro havia muito movimento.

Mas como podia deixar passar a oportunidade de descobrir a verdade? A casa onde a tia vivera podia fornecer muitas respostas. Além disso, ficara claro que o advogado não sabia muito sobre o assunto.

Ela pensou por alguns segundos sobre o trabalho no hotel. Na verdade, tinha direito a alguns dias de folga, pois trabalhara como uma escrava durante o último ano. Com certeza seu chefe seria compreensivo e entenderia a situação.

— Sim, eu quero conhecer o lugar — ela murmurou, tomando mais uma de suas decisões repentinas. — Posso colocar a propriedade à venda quando estiver lá, não posso?

O advogado pareceu perplexo outra vez.

— Está dizendo que não pretende viver lá?

— Céus, não! Minha vida está aqui, em Sídnei.

— Já considerou o fato de que as pessoas que vivem em Norfolk Island não pagam nenhum imposto? — ele perguntou, desanimado.

Na verdade, Jéssica esquecera-se desse detalhe. Era uma ideia tentadora, especialmente porque seu salário não era muito alto. Mas não o bastante para que desistisse da carreira e do estilo de vida que escolhera levar. Além disso, que faria em Norfolk Island?

— Você poderia alugar a casa para hóspedes — o advogado disse, como se tivesse lido sua mente. — Garanto que não lhe daria nenhum trabalho.

Jéssica trabalhara em hotéis tempo bastante para saber que cuidar de propriedades de veraneio era trabalhoso demais. Não, aquela não era a vida que planejara.

— Prefiro não fazer isso, mas obrigada pela sugestão. Prefiro vender tudo e investir o dinheiro.

— Entendo. Ahh... bem, e quanto tempo pretende ficar na ilha?

— Uma noite, no máximo — Jéssica disse secamente. — Não disponho de muito tempo.

— Pois acho que vai ter de arrumar algum, srta. Rawlins. Veja bem, existe uma cláusula no testamento que deve ser cumprida...

— Verdade? Mas você não a tinha mencionado...

— Presumi que a senhorita desejaria viver lá. A maioria das pessoas pularia de felicidade... Mas, desde que prefere fazer outra coisa, devo informá-la de que será necessária uma permanência

mínima de um mês para que o testamento possa ser executado.

— Um mês! Mas isso é ridículo. Não posso dispor de tanto tempo!

— Sinto dizer que vai precisar fazer isso. O desejo de sua tia foi bem claro. Obviamente o lugar está preparado para recebê-la... Oh, e há mais uma pequena condição. Durante esse mês, terá que conviver com um certo sr. Slade, que mora lá há três anos. Ele deverá permanecer na casa sem pagar aluguel durante esse mês.

— Mas que interessante! E o que acontece se eu não aceitar?

— Então a herança irá para o mencionado sr. Slade, que a sra. Hardcourt descreveu como o companheiro leal e dedicado que a acompanhou durante os últimos três anos.

Jéssica franziu as sobrancelhas. Aquela descrição seria um eufemismo para designar um amante? Lembrava-se de que a tia era uma mulher atraente, apesar da idade. Embora houvesse passado dos cinquenta anos, nada a impediria de manter um relacionamento íntimo.

— Foi o sr. Slade quem achou o testamento — o advogado prosseguiu. — O documento estava num cofre na mansão. O sr. Slade também tem cuidado do lugar desde a morte de sua tia.

— Além de procurar pelo testamento, que ele certamente sabia existir — Jéssica comentou secamente. Por alguma razão, não gostava do tal Slade. Ou será que era apenas o inconveniente da situação que a irritava? — Tento imaginar por que minha tia não deixou tudo para o sr. Slade, uma vez que eram tão próximos...

— Eu realmente não saberia dizer.

— Não, claro que não — ela murmurou. A única maneira de descobrir era indo até o lugar. Mas por um mês? Como fazer isso sem arriscar o emprego?

— Esse sr. Slade... — ela disse lentamente. — O que o senhor sabe sobre ele?

— Pouca coisa. Falei rapidamente com ele ao telefone ontem à tarde.

— E então?

— Parece ter uma voz surpreendentemente... jovial.

— Jovial? — Jéssica repetiu, intrigada.

— Foi apenas impressão. Pode ser que eu tenha me enganado. Isso sempre acontece, aliás.

Ela meneou a cabeça, em sinal de assentimento. Confundir vozes ao telefone era mesmo um engano comum.

— Há um vôo para Norfolk Island domingo pela manhã — o advogado informou. — Se a senhorita quiser, posso ligar hoje mesmo para a companhia aérea e reservar um lugar. Se partir logo, cumprirá o desejo de sua tia em quatro semanas. Neste ano, fevereiro vai ter apenas vinte e oito dias.

Seria assim, então. Mas... quatro semanas fora do hotel? Seu chefe ficaria muito irritado. Apesar disso, ela não tinha outra alternativa.

— Certo — concordou.

Agora que tomara a decisão, sentia uma curiosidade terrível. Tinha que ver o local logo. E a ilha. Sem falar no misterioso sr. Slade.

Na verdade, sentia-se um pouco culpada em relação a ele. Se o homem realmente cuidara de tia Lucy, amando-a e protegendo-a durante os últimos anos, sem dúvida merecia uma recompensa mais

generosa. Jéssica decidiu que se Slade conseguisse provar ter sido um amigo genuíno de sua tia, e se estivesse em dificuldades financeiras, daria uma quantia em dinheiro a ele. Era o mínimo que poderia fazer.

— Gostaria de anotar o número do telefone da mansão? — o advogado perguntou depois de marcar a passagem na companhia aérea. — Assim a senhorita poderia ligar para o sr. Slade e pedir para que ele a esperasse no aeroporto.

— Tudo bem — ela concordou novamente.

Seria interessante ouvir a voz do estranho para ver quão "jovial" pareceria. Talvez o advogado achasse que as pessoas de cinquenta anos fossem jovens, principalmente porque já passara dos setenta.

Ele escreveu um número nas costas de um cartão de visitas e estendeu-o a Jéssica, que imediatamente guardou-o na bolsa.

— Não hesite em me ligar se precisar de alguma coisa — ele disse, levantando-se.

Jéssica apertou a mão que o homem lhe oferecia.

— Muito obrigada. Farei isso.

Enquanto saía do escritório, porém, um pensamento tomou conta de sua mente. Sua vida nunca mais seria a mesma. Subitamente tornara-se uma mulher rica.

O pensamento era perturbador. Jéssica decidiu não dizer nada aos colegas de trabalho, nem mesmo aos amigos. As pessoas podiam mudar de atitude com a notícia, como sempre acontece quando há dinheiro envolvido na história...

Claro, existia quem já soubesse de sua nova situação financeira. Como o advogado, que obviamente não lhe causaria transtorno algum.

E havia também o sr. Slade.

Ela quase riu ao sentir um arrepio. Claro que não devia se preocupar com o sr. Slade. Obviamente o homem devia ter cinquenta anos ou mais, o que tornava impossível qualquer aproximação.

"Bem, está decidido", ela pensou, deixando escapar um suspiro.

Ao menos aquela situação lhe daria a chance de montar o quebra-cabeça das vidas de sua mãe e de tia Lucy...

Capítulo 2

O relógio de Jéssica marcava nove e meia quando ela destrancou a porta do apartamento. Como fosse difícil enxergar no escuro, caminhou lentamente, tateando a parede, até encontrar o interruptor e acender a luz.

Tinha ficado até mais tarde no hotel naquela noite, organizando tudo para que seu assistente pudesse cuidar do trabalho durante o mês em que ficaria afastada.

Conseguira as férias sob o pretexto de estar emocionalmente abalada com a morte da tia. O gerente-geral não ficara muito satisfeito, mas concordara com o afastamento sem fazer mais perguntas. Obviamente ele a considerava uma funcionária eficiente, e não parecia disposto a perdê-la.

A própria Jéssica sabia que estava fazendo um bom trabalho, mas às vezes se sentia insegura e precisava provar que sua função fora conquistada pelo esforço, não apenas graças à sua aparência. Não que ela não fosse uma pessoa preparada, muito ao contrário. Formara-se em turismo e administração hoteleira; depois disso construíra uma carreira sólida, trabalhando em praticamente todos os setores de grandes hotéis e acumulando uma experiência preciosa.

Da janela do apartamento, que ficava na parte norte de Sídnei, ela podia apreciar a baía. Comprara o apartamento quatro meses antes, e tinha usado cada centavo de suas economias para pagar a entrada.

Era ótimo ter seu próprio lugar depois de dividir apartamentos alugados com outras moças por tantos anos.

Havia, porém, um detalhe que a incomodava um pouco: a solidão. Sentia falta de não ter com quem conversar à noite, e essa sensação piorara muito nos últimos tempos. No passado, quando era acometida por aquele tipo de sensação, geralmente saía para jantar com algum homem. E sempre com o homem errado...

Claro que eles não eram tão ruins no começo. Declaravam estar apaixonados e conseguiam convencê-la sem grande esforço. Só mais tarde, quando descobria que eram casados ou comprometidos, ela reconhecia a própria ingenuidade. Sempre agira por impulso, desejando desesperadamente ser amada e não ficar só.

Quando voltava a enxergar com clareza, porém, Jéssica acabava notando quem eram os homens pelos quais se interessava. Geralmente charmosos e bonitos, mas nada dispostos a manter um relacionamento mais sério. Tudo o que queriam, invariavelmente, era sexo.

Jéssica tinha consciência, por conversar com amigas e ler alguns artigos nas revistas femininas, de que conhecia pouca coisa sobre os homens. Talvez tivesse cometido erros no passado, mas sabia que isso acontecera apenas por achar que estava apaixonada.

O fato de voltar a sentir solidão provocou-lhe um arrepio. Talvez fosse melhor ficar sozinha a envolver-se com um homem como os que tivera no passado. Melhor ficar solteira e esquecer o sonho de ser mãe do que sentir-se explorada por algum tipo egoísta, que com certeza seria um péssimo pai e não a satisfaria na cama.

Mas o que poderia fazer para livrar-se, rapidamente, daquela solidão?

— Uma companheira! — ela decidiu em voz alta. — Uma mulher, claro... — adicionou com amargura, enquanto ia para o banheiro, depois de tirar os sapatos e jogar a bolsa sobre a enorme cama de casal. — Droga de homens! — murmurou em seguida, começando a se despir.

Um homem em particular veio à sua mente. O amante de sua tia... o enigmático sr. Slade. Quase ligara para ele mais cedo, do escritório, mas estivera muito ocupada e acabara esquecendo.

"Devo ligar para ele agora?", perguntou-se silenciosamente. "Está ficando louca?", advertiu-se em seguida.

O homem podia gostar de dormir cedo, afinal. Devia ser polida.

Olhou para o telefone, na mesa que ficava perto da janela. Erguendo o queixo, decidiu-se finalmente. Apanhou a bolsa e procurou pelo cartão que o advogado lhe entregara. Depois sentou-se na cama e discou o número. Talvez não ligasse mais tarde se perdesse a coragem.

— Alô — uma voz masculina atendeu. — Aqui é o Seb.

Jéssica franziu as sobrancelhas. Se o "Seb" fosse realmente o sr. Slade, então ele possuía uma voz jovem. Jovem demais para alguém que fora amante de uma mulher de cinquenta anos. A menos que...

O coração dela apertou-se diante da ideia de que a tia pudesse ter caído nas garras de algum "especialista" em consolar viúvas. Jéssica estava familiarizada com esse tipo de gente. Eles frequentemente eram encontrados em bares e boates, esperando pela próxima vítima. Quase sempre eram bonitos. E charmosos. E jovens.

Se o sr. Slade fosse um tipo assim, não ganharia nada depois que aquele mês se acabasse. Nem um centavo!

— Aqui é Jéssica Rawlins — ela disse, tentando manter a voz sob controle. — Estou falando com o sr. Slade?

— Certamente. Prazer em ouvi-la, Jéssica. Presumo que o advogado de Lucy tenha entrado em contato com você. Então... quando virá para cá?

As sobrancelhas dela ergueram-se ainda mais. Bem, ele certamente ia direto ao ponto, sem usar de rodeios. Se não estivesse sob controle, com certeza cairia na armadilha do charme casual que o homem fazia questão de usar.

— Estarei no vôo que parte às sete horas de Sídnei, no domingo — ela replicou friamente.

— Encontro você no aeroporto, então. Opa... não, não posso. Prometi ao Mike que iria pescar com ele no domingo de manhã. Vou *fazer* outra coisa. Mandarei Evie ir buscá-la.

— E quem é Evie? — Jéssica indagou, exasperada.

— Evie? Era a cozinheira e o anjo da guarda de sua tia. Você vai gostar dela. Todo mundo gosta. Agora, talvez seja melhor me dizer como é. Assim não teremos problemas para reconhecê-la no domingo. É alta?

— Razoavelmente — ela murmurou, sentindo-se frustrada.

Teria que esperar um pouco mais para saber como o rapaz era. Aí poderia avaliá-lo melhor. Uma simples conversa telefônica não levaria a nada.

— Magra? — ele continuou.

— Sim.

— De que cor são seus cabelos?

— Negros.

— Longos ou curtos?

— Médios, mas acho que vão estar presos.

— Quantos anos você tem? Quero dizer... — e acrescentou depressa, com um toque de humor na voz —... aproximadamente.

— Vinte e oito — Jéssica respondeu, não encontrando nenhum motivo para ocultar a idade.

— Verdade? Sua voz parece ser a de uma pessoa mais velha. Ela tentou não parecer ofendida, mas falhou.

— Bem, a sua não.

— A minha "não" o quê?

— Não parece ser a de uma pessoa com a idade que imagino que tenha. Se eu nunca tivesse ouvido falar a seu respeito, imaginaria que não tinha mais do que trinta anos.

A risada dele feriu-lhe os ouvidos.

— Não faz ideia de quanta gente me diz isso. Mas um bom tempo se passou desde que eu fiz trinta anos.

Ela não sabia se ficava aliviada ou não. Devia ser uma boa notícia descobrir que o homem era de meia-idade, mas por um motivo qualquer continuava preocupada. O sr. Slade devia estar ocultando alguma coisa. Podia sentir isso.

— Eu pareço jovem também, para minha idade — ele continuou. — Mas tento não me preocupar com isso. — Por um segundo ela teve a impressão de ouvir um riso abafado. — De qualquer maneira, traga sua roupa de banho. Está fazendo muito calor por aqui. Quanto tempo você pretende ficar?

— Só por um mês.

— Ah! — ele exclamou, soltando um longo suspiro. — É uma pena. Bem, podemos conversar sobre isso quando você chegar. Fiquei feliz por ter ligado, Jéssica. Estava ansioso para conhecê-la. Sinto muito não poder estar no aeroporto. Tentarei voltar o mais rápido possível. *Au revoir*... por enquanto. Tenha uma boa viagem.

E desligou, deixando Jéssica sem saber ao certo o que pensar. Pelo que entendera, ele era de meia-idade. Nada na reação do homem demonstrara vacilação.

E, para ser sincera, teve que admitir que o homem fora muito gentil. Não parecia nem um pouco ressentido por ter sido deixado de fora da herança.

Imaginou o que o sr. Slade poderia querer lhe falar depois da chegada. Será que pretendia convencê-la a não vender a casa? Se fosse isso, ela decidiu, prendendo a respiração, o homem estava perdendo tempo.

Mesmo assim, queria falar com ele. Queria descobrir tudo o que o desconhecido sabia sobre tia Lucy. Talvez Evie pudesse dizer algo, mas tudo dependia do tempo em que trabalhava na casa.

Afastando as preocupações, Jéssica percebeu que estava faminta. Levantou-se e foi para cozinha,

sem sequer vestir o roupão. Quando passou diante do espelho da sala, olhou de relance para o próprio reflexo e tentou imaginar se tinha feito uma boa descrição de si mesma para o sr. Slade. Vinte e oito anos, alta, magra e com cabelos negros.

Não era uma descrição muito completa. Dificilmente poderia expressar o resultado final. E, além disso, dificilmente seria capaz de dizer que tinha um rosto perfeito, e um corpo pelo qual alguns homens seriam capazes de verdadeiras loucuras.

— E como você se parece, sr. Slade? — ela perguntou em voz alta enquanto continuava a caminho da cozinha. — Alto, eu aposto. E magro. Homens que não aparentam a idade geralmente são magros... E não deve ter cabelos brancos, de jeito nenhum. Tem uma vasta cabeleira, apenas um pouco grisalha. E com certeza é bonito, não é, sr. Slade? Pelo menos para um homem de sua idade. E muito gentil com as mulheres, isso eu posso garantir.

Jéssica imaginou se teria mesmo sido amante de Lucy, ou apenas um bom amigo. Ele não dissera nada que servisse como indicação. Na verdade, ela não conseguira arrancar nada pelo telefone. Absolutamente nada. A voz jovial a confundira, e logo depois a ligação fora interrompida.

Mas faltavam apenas três dias para o domingo. Passariam depressa. Dentro em pouco estaria aterrissando no aeroporto de Norfolk Island, pronta para descobrir tudo o que queria.

Um arrepio percorreu sua espinha, fazendo-a tremer. Algo muito grave devia ter acontecido para que sua mãe tivesse mentido por toda a vida. Talvez houvesse feito algo vergonhoso e fugido de casa. Ou... talvez tivesse acontecido exatamente o contrário.

Jéssica nem imaginava o que podia ser. Mas estava determinada a descobrir tudo. Tudo mesmo.

Capítulo 3

O vôo de Jéssica durou duas horas e meia, e durante todo esse tempo ela se sentiu enjoada. Metade da culpa devia-se ao medo de voar, e a outra metade ao que temia encontrar em Norfolk Island.

Olhou através da janela por todo o caminho, apesar das altas nuvens impedirem a visão do oceano. Na verdade, não estava realmente olhando para nada. Estava pensando, fazendo suposições e ficando preocupada. Apenas quando o avião começou a descer para a aterrissagem conseguiu voltar à realidade.

Vista do céu, a ilha parecia um lugar realmente pitoresco. Uma pequena mancha de um verde profundo, cercada pelo azul do mar. Mas era *tão* pequena! Jéssica lera no guia turístico que tinha apenas cinco quilômetros por oito. Mas, vista do avião, parecia muito menor. Por alguns instantes ela temeu que o piloto não conseguisse aterrissar e que o avião acabasse caindo no mar.

No instante em que a aeronave começou a descer, uma das asas bloqueou a visão que Jéssica tinha da ilha. Tudo o que podia,ver era água... muita água. O enjôo piorou. Detestava voar, e odiava principalmente a descida.

A aterrissagem aconteceu sem maiores incidentes. O avião manobrou na pista e parou ao lado dos terminais de desembarque. Os passageiros demoraram um pouco para passar pela alfândega, graças à longa conversa de uma senhora com o fiscal aduaneiro.

Jéssica revirou os olhos, impaciente, enquanto a mulher se informava sobre coisas como o limite de velocidade permitido na ilha, pontos turísticos e coisas assim. Depois disso, todos os motoristas foram advertidos para tomar cuidado com os animais nas estradas.

"Deus do céu", ela pensou, admirada. "Estou realmente no fim do mundo!"

As formalidades finalmente terminaram, e então Jéssica apanhou sua *nécessaire,* seguindo a fila de passageiros até o lado de fora. A temperatura era alta, apesar do sol se esconder por trás de grandes nuvens. Jéssica usava um conjunto de calça e blusa leve, mas ainda assim sentia muito calor.

Os cabelos estavam presos em um rabo-de-cavalo e ela usava jóias discretas; apenas uma gargantilha e um par de brincos de ouro.

Uma mulher grisalha com expressão divertida, baixa e robusta, tocou-a no ombro quando ela caminhava pelo hall do aeroporto.

— Você deve ser Jéssica — adivinhou, sorrindo.

— E você deve ser Evie — Jéssica respondeu, retribuindo o sorriso.

O sr. Slade estava mesmo certo sobre a mulher. Era o tipo de pessoa com quem se simpatiza à primeira vista. Evie recendia a um perfume floral e a encarava com grandes e brilhantes olhos cinzentos. Sua pergunta seguinte deixou Jéssica muito confusa:

— Você não se parece muito com sua mãe, não é?

A mulher estava certa. Sua mãe tinha sido uma mulher pequena, tipo mignon, com olhos muito azuis.

— Você conheceu minha mãe?

— Ora, claro que conheci sua mãe, amor! Vivo nessa ilha há mais de quarenta anos. Todos se conhecem por aqui. Logo você vai descobrir isso. Conheci seus avós também. Mas agora vamos — Evie interrompeu-se, tomando Jéssica pelo braço. — Vamos sair dessa estufa e respirar um pouco de ar fresco.

Jéssica deixou-se conduzir até o estacionamento semideserto. Sua mente começava a organizar as novas informações. Se Evie tinha conhecido seus avós, isso significava que eles haviam vivido naquela ilha. Será que sua mãe e sua tia Lucy tinham nascido ali também? Era de lá que provinha toda a família? Daquela ilha perdida?

Queria bombardear Evie com uma série de perguntas, mas achou melhor se conter. No fundo, porém, não sabia ao certo se queria mesmo conhecer toda a verdade...

— Esse é meu carro — Evie informou, parando.

Era um Mazda. Pequeno, branco e muito empoeirado. Estava destrancado, com as chaves penduradas na ignição. Jéssica não podia acreditar no que via.

— Não acha que devia ter trancado o carro? — perguntou ao sentar no banco dos passageiros, incapaz de manter-se calada.

Evie riu.

— Ninguém tranca o carro por aqui, amor. Você ainda vai se acostumar a isso.

— Duvido — Jéssica murmurou, meneando a cabeça com descrença. Imagine se alguém fizesse uma tolice daquelas em Sídnei!

— Pense da seguinte forma — Evie continuou, dando partida no motor. — Para onde um ladrão iria se roubasse o carro?

O pensamento fazia sentido. Mas Jéssica sabia que continuaria trancando as portas dos carros onde quer que estivesse.

— Na verdade, o veículo não é meu — Evie emendou quando saíram do estacionamento. — Era de Lucy, mas ela o deu a Sebastian antes de morrer.

Jéssica franziu as sobrancelhas. Então o sr. Slade ganhara alguma coisa, afinal. Certo, talvez um carro não fosse muito, mas ele podia ter recebido outros presentes também. Tia Lucy podia ter feito as doações em vida, e isso explicaria o fato de o nome dele não constar do testamento.

— Essa é a rua principal — Evie comentou. — A ilha é uma zona franca para o comércio, como deve saber. Esse é um dos principais atrativos para turistas. Fazer compras.

Realmente havia muitas lojas, mas todas desertas, assim como as calçadas. Havia apenas um rapaz em uma bicicleta, e um casal de meia-idade passeando de mãos dadas. Tudo se encaixava na ideia que Jéssica fizera do lugar.

— Tudo fica muito deserto no domingo — Evie observou. — Mas amanhã o movimento será bem maior.

Jéssica imaginou que provavelmente não concordava com a noção de "movimento" que Evie tinha.

— Sebastian pensou que seria melhor que eu voltasse para a casa enquanto você estiver por aqui — Evie continuou. — Ele esteve cuidando de tudo depois da morte de Lucy, embora eu tenha ajudado a limpar a mansão algumas vezes. Sabe como é, sou vizinha, e além disso os homens nunca

se lembram de tirar a poeira...

— Muita gentileza de sua parte, Evie. Sim, eu gostaria que você fizesse isso. Pagarei o mesmo que tia Lucy pagava. Está bem para você?

A mulher pareceu indiferente à menção do dinheiro.

— Esqueça. Eu não preciso de dinheiro. Meu marido me deixou o bastante quando morreu. Eu apenas gosto de me sentir útil. Adoro cozinhar... e comer! — Sorriu ao encarar Jéssica. — O que você gosta de comer? Tem algum prato predileto?

— Para ser sincera, não. Cozinhe o que quiser. Vou gostar de ser alimentada por alguém, para variar. Cozinhar não é uma de minhas diversões preferidas.

Na verdade, ela podia cozinhar muito bem. Tinha feito isso por toda a vida. Se esperasse pela mãe, quando criança, teria morrido de fome. Mas não gostaria de cozinhar para o sr. Slade. Isso a fizera decidir rapidamente sobre a proposta de Evie.

— Está combinado, então — a mulher disse, alegremente. — Vou aparecer todos os dias por volta das onze e meia e preparar o almoço. Depois voltarei às cinco e prepararei o jantar. Não posso fazer o café da manhã. Lucy sempre cuidava dele sozinha. O que acha?

— Maravilhoso. — Jéssica suspirou, satisfeita com o arranjo, e virou a cabeça para olhar pela janela.

As ruas estreitas do centro comercial da cidade deram lugar a uma estrada, cercada de fazendas. Podiam-se ver algumas vacas pastando aqui e ali. O Mazda passou por uma caminhonete e Evie buzinou. Jéssica notou, depois de algum tempo, que a mulher fazia o mesmo com todos os carros com os quais cruzava.

Comentou o fato, e Evie respondeu tratar-se de um costume local. Apesar de impressionada com a maneira amistosa com a qual os vizinhos se tratavam naquela ilha, Jéssica não pôde deixar de imaginar cinicamente que todos em Sídnei ficariam surdos se aquele hábito fosse levado para a cidade grande. Ainda assim, era um costume encantador.

— Chegamos — Evie anunciou, virando para entrar em uma alameda sinalizada por uma placa com dizeres simples: "Lar de Lucy".

A alameda subia ligeiramente, e a visão era bloqueada em ambos os lados por fileiras de pinheiros. Finalmente a cerca-viva terminou, e Jéssica viu-se diante de uma das mais belas construções coloniais que já vira. Era uma mansão enorme, pintada em tons pastéis e cercada de varandas. Era realmente imponente.

A elegância do lugar a aturdia. Já ouvira falar de amor à primeira vista, mas sempre pensara que a frase dizia respeito a homens, não a casas.

Um súbito movimento na varanda a fez voltar à realidade. Alguém estivera sentado em uma das cadeiras, e agora movia-se em sua direção. Um homem, que vestia apenas bermudas, segurava uma taça na mão. Era muito jovem, e tinha os cabelos bem aparados.

Ele parou e recostou-se em uma das pilastras enquanto observava Evie manobrar o carro pelo jardim e parar diante da entrada.

Através da janela, Jéssica encarou-o, franzindo as sobrancelhas. Aquele, obviamente, não era o sr. Slade. Não podia ver os detalhes do rosto, mas aquele corpo não parecia ser o de um homem de

meia-idade.

Talvez fosse um empregado. Um jardineiro, talvez. Ou o homem que cortava a grama. Havia muita grama naquele jardim, que, aliás, possuía uma vegetação exuberante, cheia de flores coloridas e arbustos bem podados.

— Vejo que Sebastian voltou da pescaria a tempo de encontrá-la — Evie comentou, interrompendo os devaneios de Jéssica sobre a identidade do homem.

Ele permaneceu imóvel até que o carro parasse. Depois avançou um passo, saindo das sombras da varanda. Só então levou a taça aos lábios, sorvendo um gole lentamente. Jéssica teve que conter a respiração ao notar a poderosa musculatura que se revelava sob a pele bronzeada. O homem continuava a bebericar, como se não tivesse consciência de sua extraordinária beleza física.

Uma gota pingou do fundo da taça e escorreu pelo peito atlético e sem pêlos. Os olhos fascinados de Jéssica seguiram intuitivamente a trilha da gota até que parasse, pouco acima da bermuda jeans.

Ela engoliu em seco. Desviou os olhos ao notar que o homem também a examinava minuciosamente, sem pudor. Depois disso ele voltou a erguer o olhar e sorveu outro gole da bebida.

O rosto era tão impressionante quanto o corpo. O nariz parecia ter sido esculpido por um artista da Renascença, e o queixo anguloso tornava a expressão muito forte. Para completar o quadro, possuía profundos olhos azuis, e uma boca escandalosamente sexy. Enquanto reparava nesses detalhes, a admiração de Jéssica foi lentamente transformando-se em raiva.

Era óbvio que aquele homem não aparentava mais do que trinta anos! Mesmo que não aparentasse a idade, como ele mesmo dissera, não devia ter mais do que trinta e cinco anos. Se tanto!

Antes que o sr. Slade pisasse no primeiro degrau, ela escancarou a porta do carro e saltou. Ninguém precisava lhe dizer que tipo de homem era aquele. Estava muito claro...

O homem estacou no primeiro degrau, notando a expressão fria dos olhos negros de Jéssica. Depois olhou novamente para seu corpo escultural com indiferença.

Será que ele pensava tê-la impressionado? Será que imaginara, por um segundo, que pudesse enganá-la também?

Jéssica quase riu. Sebastian Slade era tudo o que ela temera na primeira vez em que ouvira falar dele. E possivelmente pior.

A despeito disso tudo, concluiu que seria melhor esconder os próprios sentimentos. Não havia motivo para ser rude com o homem. Afinal de contas, ela já sabia de tudo. Por que transformar aquela estada de um mês em um inferno?

Teria que suportar aquela hipocrisia por trinta dias para ter direito à herança. Depois livrar-se-ia daquele sujeito para sempre. Oh, sim. E no último dia diria a ele tudo o que pensava daquela situação. E adoraria cada palavra que jogasse naquela cara de pau!

Estendeu a mão polidamente para cumprimentá-lo. Seus olhos, porém, continuavam frios.

O homem hesitou por um momento antes de apertar-lhe a mão, encarando-a por alguns segundos em silêncio. A expressão dele era tão surpresa quanto a de tia Lucy, no dia em que conhecera Jéssica em Sídnei.

"Que há de errado com minha aparência?", ela se perguntou.

Certo, não se parecia com a mãe, mas lembrava muito o pai, que também era alto, de olhos e cabelos negros.

Começava a ficar irritada com o olhar fixo do homem quando Evie juntou-se a eles, rindo.

— Você precisava se olhar em um espelho, Sebastian — a mulher disse, retirando a taça vazia de sua mão. — Sim, a sobrinha de Lucy é uma mulher estonteante, não? Não era exatamente o que você esperava, estou certa?

— Não exatamente — ele murmurou, deixando um sorriso escapar de seus lábios sensuais.

Jéssica surpreendeu-se olhando outra vez para aquela boca, e imaginou se sua tia fora beijada por aqueles lábios. Seria ingênua se não admitisse a possibilidade de a tia ter um amante jovem. Isso acontecia o tempo todo, em nome da luxúria. E engordava consideravelmente a conta bancária de jovens como o sr. Slade.

— Bem-vinda a Norfolk Island — ele disse formalmente, apertando a mão dela. — E bem-vinda à casa de Lucy. Você gostou?

"Eu gostaria muito mais", ela pensou furiosa, "se você soltasse minha mão. E se estivesse vestido com decência".

Droga, mas o homem era mesmo muito atraente. Em uma escala de zero a dez, o *sex appeal* dele atingia nota vinte...

— É adorável — ela murmurou polidamente.

— Quer dizer que vai reconsiderar sua decisão sobre ficar aqui?

— Não, isso está fora de cogitação — ela respondeu, apesar de sentir o coração apertar-se.

Qualquer pessoa adoraria viver em uma casa como aquela. Mas uma casa não era o mesmo que um lar, e a vida em Norfolk não a satisfaria, não importava quão amáveis fossem os costumes dos habitantes da ilha.

Teria sido alívio o que leu nos olhos dele? Ou decepção? Na verdade, parecia frustração. A mente de Jéssica começou a trabalhar. Será que o sr. Slade tinha algum plano? Será que esperava ficar no lugar por mais de um mês?

Ela se perguntava qual seria o verdadeiro objetivo daquele homem. Talvez estivesse pensando na próxima vítima, planejando seduzir uma jovem herdeira... Jéssica encolheu os ombros, sentindo um arrepio na espinha.

— Tenho certeza de que ela vai mudar de ideia — Evie disse confiante, subindo a escada. — A bagagem está no banco de trás, Sebastian — murmurou por sobre o ombro. — Use esse monte de músculos para levá-las para dentro. Eu vou cuidar do almoço.

Finalmente ele largou a mão de Jéssica. Depois foi até o carro.

Ela recriminou-se por gostar daquele toque, mesmo que tivesse sido breve. Mas, apesar disso, admitiu que o carisma do homem era incrível. Felizmente estava preparada para lidar com a situação.

— Eu não vou, você sabe — ela respondeu tardiamente, quando ele voltou carregando as malas.

— Não vai o quê?

— Mudar de ideia. Não existe nada que você possa dizer para me convencer.

— Por que acha que eu quero fazê-la mudar de ideia? — A frieza daquela voz a surpreendeu,

bem como o brilho estranho dos olhos azuis. Sebastian não parecia agir como um homem determinado a seduzir alguém. — Prometi a Lucy que tornaria sua estada aqui o mais agradável possível — ele continuou, com a mesma frieza. — Apenas vou lhe mostrar o que a ilha tem a oferecer. Mas já notei que você não é o tipo de garota que se contentaria com uma vida simples. Por isso não vou incomodá-la com essa ideia.

— Você é muito gentil — ela comentou, imitando o tom gélido de Sebastian.

Os lábios dele retorceram-se, quase imperceptivelmente.

— Diga-me, srta. Rawlins, qual é o verdadeiro motivo de sua visita? Está interessada em descobrir algo sobre sua origem? Ou será que é apenas uma questão de dinheiro?

Jéssica respirou fundo, tentando conter a raiva crescente. Mas seu esforço foi em vão, e ela acabou mandando pelos ares a determinação de ser cortês e hipócrita.

— Não admito que me julgue, seu... seu gigolô!

Sebastian deixou as malas caírem a seus pés e não fez nenhum movimento para reerguê-las. Simplesmente ficou ali, parado, encarando-a fixamente.

— Gigolô?

O choque de Sebastian atingiu a própria Jéssica. Como fora capaz de dizer tamanha estupidez? Mesmo que fosse verdade, era no mínimo indelicado fazer uma acusação tão direta. Mas pelo menos expressara suas convicções, e não estava disposta a pedir desculpas. Afinal de contas, fora ele quem a acusara primeiro de ser apenas uma mercenária, não fora?

— Está querendo dizer que não foi amante de minha tia? — ela perguntou com desdém. — Que você não está aqui para conseguir tudo o que deseja?

— Mas que juízo horrível você faz de mim!

— Não tente mudar de assunto, sr. Slade — ela disparou.

— Você foi descrito no testamento dela como um "companheiro leal e dedicado", apesar de ser vinte anos mais jovem. Você está vivendo nesse lugar sem pagar nada, e não duvido que sempre tenha feito isso. E é você quem vai herdar tudo se eu não cumprir os desejos de minha tia. Vai me dizer que nunca fez amor com ela? Que não comprou a afeição dela com sexo? Que ela não lhe deu o carro... e só Deus sabe mais o quê... por "bons" serviços prestados?

Jéssica ficou sem ação diante do brilho glacial dos olhos azuis.

— Vou esquecer o que acaba de dizer porque, se não fizer isso, posso quebrar o juramento que fiz à mulher mais incrível que já conheci. Você pode ser sobrinha dela, mas posso notar que nada herdou de Lucy. Não fico nem um pouco admirado por ser filha de pais tão patéticos!

O rosto de Jéssica ficou muito vermelho.

— Você não conheceu meus pais! E certamente não conhece a mim!

A boca de Sebastian ficou entreaberta, como se ele quisesse dizer algo, mas fechou-se em seguida. Apenas encarou-a outra vez, passando os dedos nos cabelos e soltando um suspiro desanimado.

— Vamos parar com isso já — ele disse com firmeza. — Não tenho a mínima intenção de passar o próximo mês discutindo com você. Não preciso dizer, porque muitas pessoas sabem disso, que meu relacionamento com Lucy nunca foi mais do que uma sólida amizade.

— Está me dizendo que nunca foi amante dela? — Jéssica desafiou.

Os lábios dele curvaram-se sarcasticamente.

— E você acreditaria se eu dissesse que não?

— Tente.

O olhar dele percorreu o corpo de Jéssica.

— Não, acho que não vou tentar — recusou-se finalmente, ainda com um brilho estranho no olhar.

Ela sorriu, triunfante.

— Muito engraçado. Se você não quer negar, devo presumir que estou certa.

— Acredite naquilo que quiser — ele replicou com indiferença.

— Oh, pode ter certeza disso, sr. Slade. E quanto à sua acusação... sobre eu estar aqui apenas pelo dinheiro... Bem, não sou tão hipócrita quanto você para dizer que não me interesso por dinheiro. Mas não da maneira como acredita que me interesso. Mas não tenho necessidade de me defender. Não sei se é do seu conhecimento, mas eu nem ao menos sabia que tinha uma tia até Lucy aparecer no hotel em que trabalho.

— Bem, eu sabia sobre você — ele murmurou, surpreendendo-a.

— Mas... mas eu pensei que você desconhecia minha existência até a abertura do testamento...

— Eu não sabia seu nome e endereço completos até a abertura do testamento. Mas sabia que Lucy encontrara uma sobrinha chamada Jéssica, trabalhando num hotel em Sídnei, e que ela lhe deixaria tudo como herança. Lucy referia-se a você apenas pelo primeiro nome. Naturalmente, concluí que precisava descobrir mais sobre você. Mas então Lucy morreu, e eu não conseguia encontrar o tal documento. Estava trancado num cofre, entende?

— Sim, o advogado me contou.

— Francamente, Lucy não falou muito sobre você. Ela não parecia muito disposta a entrar em detalhes sobre o encontro de vocês duas em Sídnei... Eu estava prestes a ligar para todos os hotéis da cidade para encontrá-la quando finalmente deparei com o documento.

— Quer dizer que você não sabe por que tia Lucy saiu do hotel naquele dia sem falar comigo? — Jéssica indagou, frustrada. — Sabe, ela me olhou como se eu fosse um fantasma. Depois fui chamada para resolver um problema, e quando voltei ela já partira. Nem mesmo me disse seu sobrenome, o que me impediu de encontrá-la mais tarde.

— Entendo. Isso explica algumas dúvidas que eu mesmo tinha, mas não... Sinto muito, mas não posso dizer por que ela saiu daquele jeito. Só Deus sabe. Talvez tenha se sentido culpada por nunca ter procurado a irmã. O choque que teve ao descobrir que Joanne estava morta foi terrível.

Jéssica meneava a cabeça lentamente, os olhos fixos no chão.

— Não consigo entender isso.

Um toque surpreendentemente gentil no braço fez com que ela erguesse os olhos. Ficou espantada com a compaixão contida no olhar de Sebastian, e a confusão tomou conta de seu coração. Compaixão era algo pouco familiar... e pouco confortável. E, principalmente, não era o que Jéssica esperava daquele homem.

— Claro que você não pode entender nada — ele disse com inesperada simpatia. — Já é bastante difícil compreender o que acontece com nossas próprias vidas. Muito mais difícil entender os motivos dos outros. Mas terá um mês para tentar responder a algumas dessas perguntas. Vou ajudá-la no que puder. Não que eu tenha todas as respostas. Mas, por enquanto, por que não entra? Está quente aqui fora e Evie já deve estar imaginando onde podemos estar...

Jéssica afastou-se quando sentiu o toque, desconfiada da súbita atitude solícita de Sebastian. Tamanha atenção devia ser encarada com alguma suspeita.

O rosto dele deixou transparecer frustração.

— Não precisa agir assim. Eu estava apenas tentando ser amigável.

— Por quê? — ela perguntou. — Poucos minutos atrás, estava *me* dizendo coisas terríveis.

— Isso foi há poucos minutos. Talvez eu tenha mudado de ideia a seu respeito.

"E talvez os porcos saiam por aí voando!", ela pensou cinicamente, arqueando as sobrancelhas.

Um sorriso de desdém surgiu nos lábios carnudos de Sebastian, lábios carregados de sensualidade. Pensar que ele pudesse ter mudado de ideia sobre seduzi-la era estranhamente excitante. Ela não podia ignorar aquilo.

Mas era exatamente o que faria. Não tinha ido até aquele lugar para ser tentada pelo charme de um tipo como Sebastian Slade, não importava quão sexy ele fosse.

— Vejo que não confia em mim — ele observou secamente. — Engraçado, posso entender seu ponto de vista. Sei que algumas pessoas desta ilha pensam como você, mas nunca me importei com isso. Deixei de me incomodar com o que pensam a meu respeito há muito tempo.

— Sorte sua. Quantas pessoas podem ter esse privilégio? Infelizmente, algumas de nós, as pessoas que vivem no mundo real, temos que nos preocupar com um emprego real. Isso significa que interessa, e muito, o que pensam de nós.

— Mas você não tem que se preocupar, Jéssica — ele murmurou, usando um tom de voz tão suave que a fez estremecer. — Não tem que viver no mundo real, nem trabalhar em um emprego real. Nem tem que se preocupar com o que as outras pessoas pensam. Pode fazer o que quiser daqui por diante.

Era um pensamento sedutor, provocativamente sussurrado por um homem sedutor. Ela o encarou, encontrando uma máscara impenetrável, e tentou afastar as imagens tentadoras que aquele corpo másculo lhe provocava.

Ele estava certo, claro. Se ela investisse a herança com sabedoria, poderia viver tranquila o resto da vida, sem ter que suportar nenhum patrão. Também estava certo ao dizer que ela não precisaria se preocupar com o que as outras pessoas pensassem a seu respeito, principalmente no mês que se seguiria. Naquela ilha, naquela casa isolada, podia fazer tudo o que quisesse. Não haveria ninguém para julgá-la, ninguém para condená-la...

Por que ele fizera aquele comentário? Seria uma técnica de sedução elaborada, que corrompia a vítima com pensamentos sobre uma vida sem censura?

Ele teria que tentar coisa melhor, Jéssica decidiu com amargura. Já fora seduzida antes por mentirosos bonitões, e não tinha nenhuma intenção de deixar isso acontecer outra vez, não importava quão estonteante esse mentiroso, em particular, parecesse.

— Deixe-me dizer-lhe uma coisa, sr. Slade — avisou friamente. — Acontece que gosto do mundo real, e isso sem mencionar meu emprego real. Mas obrigada por me explicar que não devo me preocupar com o que as outras pessoas pensam sobre o que vim fazer aqui. Espero que isso inclua o senhor.

Sebastian encarou-a fixamente, e Jéssica adoraria saber em que ele estava pensando.

— *Touché* — ele disse finalmente, e um sorriso frio surgiu em seus lábios. — De qualquer forma, pode me chamar de Sebastian, não pode? Ou Seb, se preferir.

— Eu prefiro Sebastian — ela disse rispidamente.

Pensava mesmo assim. E o nome lhe caía muito bem. Era forte, até mesmo sensual... como o dono. Não era um nome moderno. Não havia nada de moderno na aparência de Sebastian. Se ele fosse um ator, nunca seria chamado para fazer o papel de um executivo. Seria, provavelmente, escalado para interpretar um príncipe viking, ou um cavaleiro da corte do rei Arthur, ou um dos três mosqueteiros... talvez D'Artagnan.

— Então será Sebastian — ele concordou, desanimado. — Como preferir.

Virou-se e entrou na casa, depois de apanhar os pacotes no chão. Jéssica não pôde deixar de notar as coxas grossas e bem torneadas que as bermudas deixavam à mostra.

Ela tentava não olhar, mas cedeu à tentação. Nunca o corpo de um homem a fascinara tanto. Ele era... simplesmente perfeito.

Sebastian parou na soleira e virou-se, encarando-a por uma última vez. Não se tratava apenas do corpo, Jéssica pensou. Os olhos azuis eram magnéticos, atraindo-a, tentando-a. E aqueles lábios pareciam ter sido desenhados para o pecado.

"Droga!", disse a si mesma.

Esperava não ter deixado nenhum desses pensamentos transparecer no rosto.

O instinto de autopreservação exigiu que Jéssica dirigisse um olhar glacial a Sebastian antes de subir os degraus da bela casa de tia Lucy.

Capítulo 4

O interior da casa era ainda mais belo do que a fachada. Uma construção centenária, como Sebastian informou, mas que, bem conservada e restaurada, mantinha o charme original.

Quase todo o interior era de pinho sólido, mas a maioria dos móveis viera da Nova Zelândia, da Austrália e até mesmo da Inglaterra, o que explicava a variedade de estilos e materiais. Havia peças de mogno, carvalho, cedro e nogueira.

Os banheiros eram revestidos de mármore de Devon, e tinham sido levados até lá em barcos ingleses há mais de um século. Os quartos, magníficos, eram dotados de camas com dosséis e móveis de extremo bom gosto.

Para onde Jéssica olhasse havia um detalhe que saltava à visão. Cortinas clássicas, com bandos de veludo, toalhas de mesa rendadas, jogos de porcelana perfeitos, o enxoval... As cores predominantes dos tecidos eram o branco e o creme, o que combinava com a atmosfera européia do ambiente. A iluminação tênue fazia brilhar as peças de latão que se espalhavam por toda a parte. Sobre o chão estendiam-se finos tapetes persas.

Era uma casa acolhedora e requintada, com um estilo e uma elegância que Jéssica não podia deixar de admirar. Ela começou a se sentir culpada ao imaginar que poderia vender a mansão a alguém que não a conservasse com tanto zelo. Seria um crime deixar aquele lugar lindo se deteriorar. Cada detalhe da decoração parecia ter sido escolhido com o máximo de carinho.

— Que lugar... perfeito! — ela murmurou enquanto atravessava um dos inúmeros salões, passando a mão pelo mármore de uma lareira.

— Era o orgulho de Lucy — Sebastian informou.

Os olhos de Jéssica moveram-se com relutância para o lugar onde ele parara, no vão da porta. Suas malas estavam no chão, aos pés dele.

Evitara olhar para Sebastian enquanto caminhava pela casa. Lá dentro, ele parecia ainda mais sexy... como se isso fosse possível.

Jéssica ficara nervosa ao esbarrar em Sebastian, quando entrara na casa. Por isso decidira manter-se tão afastada quanto possível. Ele parecia fazer o mesmo, para seu alívio. Nada seria mais embaraçoso do que demonstrar, de qualquer modo, ser vulnerável a ele.

— É um pecado que eu tenha que vendê-la — ela murmurou.

— Por que *tem* que vendê-la? Por que não vem viver aqui?

— Não é tão fácil, Sebastian — Jéssica respondeu de imediato. — Construí minha vida e minha carreira em Sídnei.

— Você também poderia fazer carreira cuidando desse lugar, como Lucy. Ela frequentemente recebia hóspedes selecionados durante o verão.

— Eu não sou muito boa com esse tipo de coisa.

— Vamos lá! Uma gerente de um grande hotel, como você, não encontraria nenhuma dificuldade nesse tipo de atividade. Oh, não fique assim — disse, ao notar a surpresa no rosto de Jéssica. — Sei o que faz porque Lucy comentou alguns detalhes da visita dela a Sídnei. Parecia muito

orgulhosa de você.

— Entendo. Bem, não é uma questão de capacidade, Sebastian. Trata-se do que eu gosto de fazer. Eu gosto de trabalhar no hotel. E detesto ser dona de casa.

— Exatamente como Lucy. Quando ela recebia hóspedes, contratava uma garota para cuidar da roupa e da louça, outra para a limpeza pesada e Evie para a cozinha. O papel de Lucy era apenas o de anfitriã. Mas ela gostava de preparar sozinha o café da manhã.

— O que mais ela fazia durante o dia?

— Entretinha os hóspedes, na maior parte do tempo. A simpatia dela era um dos motivos que faziam os clientes voltarem ano após ano. Lucy era uma pessoa simpática, doce, fácil de lidar. E, claro, também havia o jardim. Ela passava bastante tempo lá. Adorava suas flores. Você gosta de flores, Jéssica?

— Qual a mulher que não gosta? Mas não conheço nada de jardinagem... e nunca tive um jardim.

— Teria um aqui.

— Eu não disse que *queria* um.

— Também não disse que não queria. Jéssica soltou um suspiro exasperado.

— Pare de tentar me fazer mudar de ideia, Sebastian. Não quero ser uma anfitriã. Não quero ficar. Estou aqui para passar um mês, e é tudo.

Ele não disse nada, mas seus lábios curvaram-se levemente em um sorriso. Jéssica imaginou ver um certo desdém nos olhos azuis.

"Chega", disse a si mesma, sentindo-se embaraçada por ficar respondendo o tempo todo àquele homem. Agora seria a vez de ele responder a algumas perguntas.

— O que mais Lucy disse sobre mim? — indagou.

— Não muito. — Ele encolheu os ombros. — Disse que você parecia ser muito... eficiente. Algo assim. A intuição dela, mesmo num breve encontro, parece que foi correta.

Sebastian estava mentindo. Tia Lucy com certeza dissera algo que ele estava escondendo. Isso era muito claro. Jéssica sentiu-se totalmente frustrada.

"Oh, droga!", pensou, furiosa.

Mesmo parado do outro lado da sala ele continuava a atraí-la, como um ímã. O homem era o pecado em pessoa.

Por que ele não era apenas um velhinho simpático e grisalho? Por que tinha que ser aquele deus com olhos brilhantes e uma boca carnuda, capaz de seduzir a mais frígida das virgens?

— Já decidiu em que quarto vai dormir? — ele perguntou abruptamente.

"No seu". O pensamento passou pela mente de Jéssica sem que ela pudesse controlá-lo. Obrigou-se a respirar profundamente.

— Não — respondeu, confusa. — Mas não quero ficar no quarto de tia Lucy. Não me sentiria à vontade nele.

— Sendo assim, restam quatro quartos, uma vez que não pretendo ceder o meu.

— É difícil escolher — ela murmurou. — Pelo que vi, todos são lindos.

— A vista é melhor no lado norte — Sebastian avisou. — Lá também é mais fresco no fim da tarde.

— E qual é o lado norte?

— Este — ele respondeu, indicando com a cabeça um corredor. — O *meu* lado. Vou colocar sua mala no quarto ao lado do meu, está bem?

— Oh... ahn... tudo bem.

— Ótimo.

Ele abaixou-se para pegar a pesada bagagem. O movimento fez com que a musculatura poderosa se revelasse ainda mais.

— Presumo que deve ter prometido à minha tia que iria tentar me convencer a ficar — ela disparou, notando um súbito pânico por ficar no quarto ao lado do dele. — Mas a verdade é que... eu simplesmente não suportaria viver em Norfolk Island.

Ele a encarou, a expressão séria.

— Como pode saber? Você nem mesmo tentou.

— Não preciso escalar o monte Everest para saber que é frio lá em cima — ela murmurou, na defensiva.

— O que quer dizer?

— A vida aqui é lenta demais para mim. E quieta demais. Eu ficaria chateada em dois segundos.

Ele mantinha o olhar fixo no dela, fazendo-a quase perder o fôlego.

— Imagina mesmo isso? — indagou com suavidade.

— Tenho *certeza* disso.

— Você não sabe de nada, Jéssica. — Ele deixou escapar um suspiro. — Eu também não sabia de nada quando vim para cá pela primeira vez. Mas não vou aborrecê-la com minhas memórias. Posso notar que Evie estava enganada. Você não vai mudar de ideia. A ilha e você não combinam. — Seus olhos tinham voltado a ficar frios. — Não mesmo. Deve ser muito melhor se preocupar com sua carreira em Sídnei. Acredito que deve ter tido problemas para conseguir passar um mês aqui, não é?

Jéssica ficou ressentida com o toque de reprovação que havia naquele tom de voz. Quem era Sebastian para julgá-la?

— Sim, na verdade eu tive — ela murmurou secamente. — Posso ter arriscado meu emprego ao vir para cá durante a alta temporada.

— Desculpe-me, mas acho que não deve se preocupar. Sua herança vai compensar todos os inconvenientes. Além disso, se perder o emprego sempre pode conseguir outro.

— Ainda acredita que estou aqui só pelo dinheiro, não é?

— Se a carapuça lhe serve, vista-a.

— Eu não vim só pelo dinheiro!

— A vida é sua. Pode fazer com ela o que quiser. — Sua expressão era distante, como se não se importasse mais com o assunto.

— Almoço em dez minutos! — Evie gritou do fundo da casa. — Vou servi-lo na varanda dos fundos!

— Ótimo! — Sebastian respondeu por sobre o ombro, virando-se em seguida para encarar novamente Jéssica. — Deixe-me levá-la até seu quarto — ofereceu-se rispidamente. — Deve querer tomar um banho antes do almoço. Quanto a mim, também quero.

Jéssica observou Sebastian cruzar a sala, tentando imaginar se ele tinha alguma namorada na ilha. Não gostou de pensar nisso. Nem um pouco.

— Vou usar o banheiro do final do corredor — ele avisou. — Sabe como é, essa é uma construção antiga, ainda não havia o costume de construir suítes...

— E eu usarei o outro — Jéssica apressou-se em dizer. — Isso evitará que ocorram encontros "imprevistos" entre nós.

Sebastian encarou-a por um longo momento.

— Certo. Se é assim que você quer... — falou, por fim.

— O que eu quero — ela murmurou ao segui-lo para dentro do quarto —, é que você me diga a verdade.

Ele colocou a bagagem aos pés da cama, virando-se para encará-la com surpresa.

— Sobre o quê?

— Sobre tudo.

— Tudo?

— Sabe do que estou falando. Por isso não adianta bancar o tolo. O papel não lhe cai bem.

— E se eu achar que você não está pronta para saber... de tudo? — ele replicou, com irritação.

— O que lhe dá o direito de fazer tal julgamento? — Jéssica indagou, frustrada. — Parece que você adora julgar os outros. Agora mesmo estava dizendo que só estou aqui por causa da herança. Está totalmente enganado. Eu sobreviveria perfeitamente sem a herança de tia Lucy. Mas duvido que seria capaz de viver sem descobrir toda a verdade sobre minha mãe, sobre nossa família e o motivo que a fez sair daqui. Portanto, pare de me dizer o que estou sentindo. Você não me conhece o bastante... e provavelmente nunca vai conhecer.

As sobrancelhas de Sebastian arquearam-se. Jéssica não sabia ao certo se ele estava impressionado com sua explosão, ou apenas curioso. Mas não se importava. Sentia-se furiosa demais para se importar.

— Também quero saber em que parte da história você entra — disparou, inflamada. — Certo, então afirma que não era amante de minha tia, mas ainda quero saber quem diabos é você, como veio viver aqui, e por que tia Lucy colocou o testamento num velho cofre em vez de entregá-lo ao advogado.

O sorriso dele era frio.

— Realmente, são muitas as perguntas que você tem a fazer, Jess. Eu levaria o resto do dia e a noite toda para respondê-las.

Por um segundo ela ficou quieta, imóvel, depois de ouvir aquele homem maravilhoso chamá-la de "Jess". Sentiu um estranho prazer ao imaginar que ele começava a acreditar em suas palavras. Ou,

até mesmo, *gostar* dela...

Mas logo afastou tais pensamentos, forçando-se a se lembrar de onde e com quem estava. No mínimo aquele galã musculoso era um vagabundo de praia. E ainda havia a possibilidade de ser um detestável gigolô.

— Acontece que eu tenho esse tempo vago — ela disse com firmeza. — Então acho que é bom você começar a me explicar tudo.

— Eu trabalho à tarde.

— Você... trabalha? — Tanto o rosto quanto a voz dela demonstravam espanto.

— Sim. Acaso pensou que eu ficava o tempo todo pescando e mais nada?

"Acertou!", foi o cínico pensamento de Jéssica.

— Que é que você faz? — ela perguntou. Talvez o conceito de trabalho de ambos não fosse muito parecido, concluiu.

— Eu escrevo.

— Escreve... — ela repetiu, confusa. Francamente, ele realmente não se aproximava nem um pouco da imagem que Jéssica fazia de um escritor. — O que você escreve?

— Estou trabalhando num romance.

— Então você é escritor? Ganha dinheiro escrevendo livros?

— Assim espero. Um editor já aceitou minha história, com duzentas páginas e uma sinopse. Já completei outras quatrocentas, e agora estão faltando apenas cinquenta. Meu prazo se encerra no final deste mês. Portanto, espero que não se ofenda por eu declinar da honra de lhe fazer companhia nessa tarde.

— Qual é o tema do romance que você está escrevendo?

O suspiro dele foi profundamente desanimado.

— Jéssica, por favor... Você nunca abre a boca sem fazer uma pergunta? Eu ficaria aqui a vida toda se a deixasse continuar. Tome um banho e coloque uma roupa mais confortável. Contarei sobre meu livro no almoço. E depois, à noite, posso responder a algumas de suas perguntas.

— Não vai me esconder nada? — ela indagou. — Promete?

— Prometo ficar à sua inteira disposição até que se sinta plenamente satisfeita. É o bastante?

Aquela afirmação certamente não tinha duplo sentido, Jéssica decidiu, mas mesmo assim imagens perturbadoras surgiram em sua mente. Viu-se deitada na cama, depois de passar a noite com aquele homem, fazendo amor até ficar exausta...

Engoliu em seco, aturdida com a própria imaginação.

— É... Sim, é o bastante.

Sebastian sorriu diante da resposta. Era um sorriso inconscientemente sensual, que fez os joelhos de Jéssica fraquejar.

— Vejo-a no almoço — ele informou. — Vou dizer a Evie que você vai se atrasar uns dez minutos. Mas não demore muito mais do que isso, por favor.

Capítulo 5

Jéssica conseguiu arrumar-se em quinze minutos. Depois, foi direto para a varanda. Sebastian já estava lá, vestindo short azul e camiseta da mesma cor.

Ele parecia calmo, extremamente atraente e relaxado, de uma forma que chegava a irritar Jéssica. No momento, estava esticado na cadeira, com os pés nus apoiados sobre a balaustrada.

— É uma vista maravilhosa, não acha? — ele perguntou, puxando a cadeira ao lado para oferecer a ela. Fez isso sem olhar na direção de Jéssica.

Ela ficou em estado de alerta. Dizia a si mesma que não se vestira para atraí-lo, que colocara aquele conjunto branco apenas porque não precisava ser passado a ferro e não porque deixava transparecer toda a sua feminilidade.

Mas agora tinha que admitir a verdade. O conjunto, constituído de calça e blusa de *lycra,* amoldava-se a seu corpo de uma forma quase indecente, deixando à mostra todas as curvas, dos quadris aos seios. O decote profundo mostrava o colo exuberante, com a pele rosada e suave como seda.

Jéssica sentiu-se culpada pela própria estupidez, ao mesmo tempo em que ficava aliviada pelo fato de Sebastian reagir-lhe com aquela indiferença.

Deixando escapar um pequeno suspiro, sentou-se, cruzando as pernas. Foi só então que reparou na paisagem à qual Sebastian se referira.

Era *realmente* magnífica! Colinas verdejantes, circundadas por bosques de pinho, estendiam-se até o horizonte, com uma moldura azul proporcionada pelas águas do mar. No céu espalhavam-se inúmeras nuvens brancas.

— Não vejo nenhum barco no mar — ela comentou, surpresa. Em Sídnei, raramente se olhava para o mar sem que se visse uma embarcação.

— Nenhum barco de passeio vem até a ilha — Sebastian respondeu. — Apenas alguns botes dos pescadores locais saem ao mar. Na verdade, você só vai ver *um* barco: o que traz semanalmente os suprimentos, vindo do continente. A ilha inteira vai até o cais quando o barco chega.

Jéssica não se sentia nem um pouco impressionada, mas tentava não deixar isso transparecer.

Sebastian riu.

— Isso deve parecer tão interessante para você quanto ver a grama crescer, não é?

Por que mentir para ele?

Ela desviou o olhar e mirou mais uma vez o horizonte.

— Algo do gênero — admitiu. — Mas talvez eu esteja errada. Se algum barco chegar enquanto eu estiver por aqui, leve-me para vê-lo.

— Certo. Farei isso. Ah! Evie veio trazer nosso banquete!

— Banquete? Oh, não chega a tanto — Evie desconversou, aproximando-se com uma bandeja nas mãos. — Apenas alguns sanduíches, salada, torta de banana e chá. Ou café, se você preferir. — A mulher dirigiu a última observação a Jéssica.

— Chá está ótimo — ela respondeu, sorrindo. Só gostava de café pela manhã, ou depois do jantar. — Hum... Isso parece delicioso. — Jéssica apanhou um pedaço de sanduíche e um pouco de salada. — Não vai comer, Evie?

— Já fiz isso, na cozinha. Sebastian, você permitiu que o estoque de provisões ficasse muito pequeno. Vou ter que fazer algumas compras hoje à tarde para poder cozinhar um jantar decente.

— Mas temos vários trombeteiros no freezer! — ele replicou, forçando Jéssica a imaginar o que poderiam ser "trombeteiros".

— Não podemos comer peixe todas as noites — Evie recriminou-o, resolvendo o mistério. — E, além disso, preciso de alguns vegetais frescos.

— Tem dinheiro o bastante para comprar o que é preciso, Evie? — Jéssica indagou. — Pago você amanhã, quando for ao banco. Não quis embarcar com muito dinheiro...

— Posso dar alguns dólares a ela — Sebastian ofereceu-se.

— Claro que não — Jéssica disparou. — O testamento diz que você deve viver aqui sem nenhuma despesa, e é exatamente o que vai acontecer.

— Pelo amor de Deus, não vão discutir outra vez, vocês dois! — Evie protestou. — Era a última coisa que Lucy desejaria. Pagarei pelas compras e Jéssica me devolve depois. Agora comam, enquanto vou buscar a torta de banana e o chá.

— Mulher insuportável! — Sebastian murmurou ao ver Evie afastar-se.

— Ela é uma dama — Jéssica defendeu.

— Eu estava falando de você.

— Oh! — Ela virou-se abruptamente e encontrou-lhe o olhar fixo.

Sebastian a observava calado, deixando o olhar percorrer o corpo de Jéssica com insolência e sem nenhum pudor. Uma eternidade pareceu se passar até que Evie retornasse, carregando outra vez a bandeja, e só então Jéssica conseguiu recobrar a compostura.

— É assim que gosto das coisas — Evie comentou com felicidade. — Apreciaram tanto da comida que estão quietos. Bem, acho que vou sair para fazer as compras. Vocês só precisam colocar a louça suja na lavadora de louças depois que terminarem de comer. Voltarei às cinco. Oh... e não quero que briguem depois que eu sair, entenderam?

A atmosfera entre os dois ficou insuportável depois da partida de Evie. Jéssica permaneceu em silêncio, talvez porque fosse muito difícil falar e comer a deliciosa torta de banana. Evie lhe dera um pedaço enorme.

— Está tendo problemas com a sobremesa? — Sebastian perguntou, quebrando finalmente o pesado silêncio.

— Um pouco. Não estou tão faminta quanto imaginava. Meu estômago parece ter ficado em Sídnei. — Tivera que adiantar o relógio duas horas e meia por causa do fuso horário. Para ela, eram apenas dez e meia da manhã.

— Você logo vai se acostumar. Bem, quando vai começar com as perguntas? Disponho de meia hora antes do trabalho.

— Não é muito tempo.

— Então não o desperdice — ele replicou de imediato.

Ela arqueou as sobrancelhas, surpresa com o tom daquela voz.

— Por que está zangado comigo?

— Não estou zangado com você.

"Oh, sim, você está", ela pensou. "Só preciso descobrir por quê..."

— Comece a perguntar, Jéssica — ele murmurou, com olhos frios e impenetráveis.

— Muito bem — ela replicou, por fim. — Por que não me diz algo a seu respeito, para começar? Dê-me sua breve biografia.

O riso dele foi de surpresa.

— Sinto muito. Não tenho o hábito de contar minha vida para estranhos.

— Mas eu não sou uma estranha!

— Claro que é. Sei tanto sobre você quanto você sobre mim.

— Mas... mas...

— Pare de gaguejar. Isso não lhe cai bem. Agora, quer saber algo sobre meu livro, ou será que vai perguntar outra vez sobre sua tia e nosso "romance"?

Jéssica abriu a boca para responder, mas calou-se a tempo. A agressividade de Sebastian a fazia desconfiar de que talvez houvesse um fundo de verdade em suas suspeitas. Além disso, não acreditava que ele fosse contar a verdade.

— Como conheceu tia Lucy? — foi sua primeira pergunta.

Os ombros dele relaxaram visivelmente diante da questão, mostrando que estivera tenso momentos antes.

— Vim para cá passar férias, três anos atrás — contou casualmente —, e simplesmente decidi ficar.

— *Você* veio passar férias? Na casa de tia Lucy?

— Sim. Por que a surpresa?

— Você estava sozinho?

— Certamente.

— Mas... por quê?

— Por que eu estava sozinho?

— Não! Por que... por que escolheu Norfolk Island, se estava sozinho? Não é o tipo de lugar que um jovem solitário escolheria...

— Para começar, eu já não sou assim tão jovem. Estava com trinta e cinco anos na época.

Jéssica ficou admirada. Aquilo significava que agora Sebastian tinha trinta e oito anos! Impressionante... Não parecia, em hipótese alguma, ter passado dos trinta.

— Eu queria me afastar da correria louca da cidade — ele continuou. — Tinha trabalhado duro por muitos anos, e por isso podia me afastar.

— Trabalhou em quê?

— Eu era especialista em investimentos internacionais. Tudo era muito estressante... E, para piorar, eu estava com muitos problemas pessoais.

— Que tipo de problema?

O brilho de seu olhar deixou claro que aquela não era uma pergunta que ele estivesse disposto a responder.

— Problemas financeiros — foi a resposta brusca. — Entre outras coisas.

— Mas você ainda tinha o bastante para passar férias aqui — ela retrucou, olhando ao redor. — E esse lugar não deve ser nada barato.

Sebastian pareceu irritado por um instante. Depois, limitou-se a respirar fundo e esforçou-se para sorrir.

— Eu sempre me arranjei — disse simplesmente.

— Quanto tempo duraram as férias?

— Três semanas.

— E no fim tia Lucy convidou você para ficar aqui, sem pagar nada?

— Não exatamente. Dois dias depois de minha chegada, caí doente por causa de um vírus. Fiquei acamado por uma semana, e passei o resto das férias me recuperando. Mal tinha energia para ler um livro. Lucy ficou com pena de mim, e ofereceu mais três semanas, para que eu não perdesse todo o dinheiro.

— E você deve ter ficado radiante!

— Naturalmente. Você não ficaria?

— Acho que sim. E o que aconteceu no final das três semanas? Foi então que tia Lucy convidou-o para ficar indefinidamente, e de graça?

— Não, claro que não. Mas a essa altura eu já estava apaixonado pelo lugar, e queria ficar. Por isso ofereci meus serviços à sua tia em troca da hospedagem.

As sobrancelhas de Jéssica arquearam-se ligeiramente.

— É mesmo?

— Você tem uma mente suja, sabia disso? — ele perguntou.

— Eu apenas estava tentando imaginar que tipo de serviço você poderia fazer para tia Lucy... Era algo ligado a seu trabalho no banco?

— Não, era um serviço de pintura, srta. desconfiada.

— Pintura? — As sobrancelhas arquearam-se ainda mais. — O que quer dizer? Você pinta quadros?

— Não, paredes. Sua tia mencionou que pretendia contratar alguém para pintar a casa durante o inverno. Ela nunca recebia hóspedes antes disso. Foi então que me ofereci para o trabalho. — Sebastian parecia divertir-se com as recordações. — Eu lhe disse que já havia pintado antes. O que era verdade... mas só em parte. Tinha pintado uma bicicleta, quando garoto... Mas achava que não era preciso ser nenhum gênio para aprender o serviço. Por isso, arrisquei. E devo dizer que considero o resultado bastante razoável.

— Você fez um bom trabalho — Jéssica teve que admitir. A pintura chamara sua atenção desde o primeiro instante. Tinha mesmo sido feita com competência.

Ele a encarou com espanto.

— Cuidado, srta. Rawlins. Isso quase soou como um elogio. Quando souber mais, vai descobrir que eu não tinha nenhum motivo indecente para ficar aqui.

O olhar que ela lhe deu foi de indiferença.

— E talvez você também descubra que não vim para cá apenas por causa da herança.

Dessa vez o riso dele foi mais relaxado.

— Verdade. Mas talvez, para respeitar a vontade de Evie, seja melhor continuar a nos tratar de maneira polida.

— Eu *estou* sendo polida, pode acreditar.

— Deus me ajude se você decidir ser grosseira...

Jéssica ignorou o comentário.

— Quando teve a ideia de escrever um romance?

— Foi ideia de Lucy. Dizia que era melhor eu arranjar algum trabalho para o cérebro antes que ele se atrofiasse. Notou que eu gostava muito de ler, e por isso sugeriu que eu tentasse escrever algo. No começo achei a ideia absurda... Na verdade, acho que nunca tinha usado o lado direito do cérebro. Ou seria o esquerdo? — Ele franziu as sobrancelhas.

— Como vou saber?

"Droga", ela pensou, notando que Sebastian parecia ainda mais bonito quando fazia aquilo.

— Estou me referindo ao lado criativo do cérebro — ele continuou, encolhendo os ombros. — Sabe o que eu quero dizer.

— Claro que sei — Jéssica disse secamente.

Conhecera muitos homens criativos... mas na maioria das vezes eles usavam a criatividade apenas para uma coisa: mentir melhor.

Olhou de relance para o belo homem que tinha diante de si e tentou descobrir se também era mentiroso. Sebastian era sexy demais para que uma mulher pensasse com clareza quando estivesse a seu lado. A pobre tia Lucy não tivera nenhuma chance...

— Ninguém ficou mais surpreso do que eu quando descobri que realmente tinha algum talento — Sebastian acrescentou. — Mais do que isso, eu gostava do que estava fazendo. O inverno foi maravilhoso. Eu costumava pintar pela manhã, escrever à tarde e me divertir com Lucy à noite.

— O quê?

Jéssica mal teve tempo de reagir antes da risada dele.

— Sim, fiz esse comentário de propósito. Desculpe-me, mas queria alimentar sua sede por detalhes sórdidos. Lucy gostava muito de jogos. Cartas, gamão, todo o tipo de jogo. Tenho certeza de que notou a ausência de televisores na casa. Lucy costumava dizer que as pessoas vinham para cá procurar outra coisa. Costumava entreter os hóspedes à maneira antiga.

Na verdade, Jéssica *não* havia reparado na falta de televisores. Agora estava aturdida. A televisão

fora sua maior companheira por anos... Mal podia imaginar uma vida sem aquele aparelho!

— Quando terminei a pintura — Sebastian continuou —, já havia mostrado minha história a um editor e recebido um adiantamento. Por isso perguntei a Lucy se podia ficar até terminar o livro.

— Ainda de graça? — Jéssica perguntou acidamente.

— Claro que não. Lucy era gentil, mas não tola. Alugar os quartos era sua fonte de renda. Mas tenho que admitir que ela fez um belo desconto, levando em consideração o fato de que eu era um hóspede que tinha ficado por um período prolongado.

— E um companheiro "leal e dedicado" — ela emendou secamente.

Sebastian encarou-a rapidamente.

— Vamos começar tudo de novo?

— Ainda não. Você é um bom escritor?

— Acho que sim.

— Vai ficar rico com seu livro?

— Provavelmente. Gosto muito dele.

Ela deixou escapar uma gargalhada.

— Posso ver que a modéstia não faz parte de suas virtudes.

— Nem das suas — ele desafiou, sem desviar o olhar nem por um segundo.

Jéssica notou que o tipo de perguntas que fazia não a aproximava nem um pouco da verdade. Por isso resolveu mudar o rumo da conversa. Talvez conseguisse arrancar mais informações daquele homem.

— Diga-me uma coisa — arriscou, cautelosa. — Tem alguma ideia de por que tia Lucy não lhe deixou nada no testamento?

Depois de pensar por um segundo, ele ergueu a cabeça com serenidade.

— Penso que sua tia fez o que era certo. Afinal de contas, você é sobrinha dela. Sangue do mesmo sangue.

— Mas... Quero dizer, não ficou nem um pouco decepcionado por não ter ganhado nada... além do carro?

Por um momento ele pareceu exasperado. Mas, com um nítido esforço, tudo o que fez foi respirar profundamente para conter os próprios impulsos.

— Eu ganhei, Jéssica. E muito. — Ele fez uma pausa e encarou-a com uma expressão muito séria no olhar. — Recuperei minha alma...

Jéssica pareceu espantada, mas Sebastian não lhe deu tempo para nenhuma reação.

— Quando vim para cá — ele continuou com calma —, praticamente havia perdido a própria alma. Foi Lucy quem me ajudou a recuperá-la. Devo muito a ela por isso. E agora tenho que trabalhar um pouco. Se me der licença...

Sua reação com a última pergunta fora de raiva, Jéssica notou. Mas por quê? Ela observou-o afastar-se, sem conseguir tirar os olhos daquele corpo sexy e perfeito.

Talvez estivesse sendo injusta.

Mas a prudência a mandava caminhar devagar. Nada de conclusões precipitadas, disse a si mesma.

Talvez fosse melhor fazer algumas perguntas a Evie. A cozinheira, com toda certeza, seria capaz de dar respostas mais esclarecedoras às perguntas que a atormentavam.

Enquanto isso, o melhor que podia fazer era manter-se afastada de Sebastian Slade.

Capítulo 6

Evie voltou logo depois das quatro e meia, e Jéssica a seguiu até a cozinha como uma garota faminta. Estava com muita fome, certo, mas por respostas que satisfizessem sua curiosidade.

Sentira-se muito solitária durante toda a tarde, deitada na cama e incapaz de dormir. Sua mente parecia um furacão. Se ao menos houvesse uma televisão para distraí-la...

— Estou feliz por você ter voltado — comentou, ajudando Evie a desempacotar as compras.

— Sebastian não lhe fez companhia?

— Ele desapareceu depois do almoço e foi escrever. Não o vi desde então.

A cozinheira assobiou.

— Ele parece um tigre quando está cuidando daquele livro. Mas bem que podia lhe dar mais atenção... Afinal de contas, é seu primeiro dia aqui.

— Não tem importância — Jéssica murmurou lentamente. — Desfiz as malas e fiquei deitada, repousando um pouco. Acordei muito cedo hoje, pois o avião partiu praticamente de madrugada.

— Meu Deus! Então você deve se deitar cedo hoje à noite.

Jéssica esforçou-se para conter a ansiedade.

— Você não se importaria se eu fizesse algumas perguntas sobre minha família, Evie? — perguntou.

— Não, claro que não. Estava imaginando quando faria isso. Aposto que nem sabia que sua mãe era de Norfolk Island, acertei?

— Sim. Mamãe sempre disse que não tinha família... Ela contava ter sido abandonada na porta de um orfanato quando criança.

Evie meneou a cabeça.

— Isso foi tolice dela — a mulher murmurou. — Uma grande tolice.

— Devia ter seus motivos — Jéssica considerou. — Sabe com que idade ela saiu daqui?

— Hum... Por volta de dezessete anos. Partiu logo depois de se formar no colégio. Lembro disso porque Lucy se orgulhava da irmã, que era a aluna mais jovem a ganhar o diploma na escola local.

— Há um colégio nessa ilha?

— Sim, para crianças a partir de doze anos. Mas naquela época as crianças podiam se matricular com dez anos. Se quisessem ir adiante nos estudos, tinham que ir para Brisbane ou Sídnei. Joanne partiu para Sídnei e não conseguiu mais se acostumar ao ritmo lento da vida aqui na ilha.

Jéssica podia entender a mãe.

— Faz alguma ideia do motivo que a levou a partir? Foi só o desejo de viver em Sídnei?

— Isso eu realmente não sei. Só me lembro de uma discussão entre ela e Lucy, depois da qual Joanne partiu e nunca mais voltou. Todos nós imaginamos que deve ter sido algo muito sério, pois Lucy se casaria na semana seguinte e Joanne seria sua madrinha. O casamento aconteceu, obviamente sem Joanne, mas ninguém esqueceu o incidente.

— Imagina qual possa ter sido a razão da briga?

Evie encolheu os ombros.

— Eu arriscaria dizer que se tratava de uma explosão de rebeldia adolescente, embora também tenha pensado na época que Joanne parecia enciumada com o casamento da irmã. Ou talvez ela não gostasse de Bill. Eu os vi discutindo uma vez na estrada, e Joanne o estava empurrando com raiva. Sua mãe era uma pessoa muito explosiva.

Jéssica mal podia crer no que ouvia. Sua mãe nunca parecera uma mulher "explosiva". Nunca, aliás, discutira com ninguém. Parecia que a cozinheira se referia a outra pessoa.

— Sem dúvida ela discutiu com Lucy e sua situação na casa ficou insustentável. Coisas assim acontecem em família. Mas, qualquer que tenha sido o motivo, Lucy sempre se recusou a falar no assunto.

— Assim como mamãe nunca falou sobre tia Lucy. Gostaria de ter presenciado essa discussão.

— Acho que nunca vamos saber o verdadeiro motivo da briga. Principalmente agora que Lucy morreu.

— Talvez ela tenha dito a Sebastian.

— Não acredito nisso. Ele nunca me disse nada a respeito, nem mesmo quando me contou que você viria para cá. E teria dito, se soubesse de algo.

Não era essa a impressão de Jéssica. Na verdade, achava que Sebastian estava escondendo alguma coisa.

— Quantos anos tia Lucy era mais velha do que mamãe? — ela perguntou.

— Cinco ou seis anos, eu acho.

— Cinco ou seis anos... — Jéssica repetiu, tentando ordenar os pensamentos. A mãe morrera aos trinta e oito anos, oito anos antes; se estivesse viva, contaria quarenta e seis. Tia Lucy, portanto, devia ter cinquenta e um ou cinquenta e dois quando a procurara em Sídnei, mas com certeza a doença a fizera parecer mais velha. — E o que pode me dizer sobre minha avó? Há quanto tempo morreu?

— Ah! Foi uma tragédia! Ela foi para Sídnei, realizar uma pequena operação, e sofreu um choque anafilático em reação à anestesia. Aconteceu alguns meses depois da partida de Joanne.

— E meu avô? Também está morto, não é?

Evie suspirou.

— Quando a esposa morreu, ele começou a definhar... A bebida ajudou a acabar com sua saúde, devo admitir.

— Mas foi *assim* que mamãe morreu! — Jéssica balbuciou. — Ela era alcoólatra...

O rosto da cozinheira era todo simpatia.

— Oh, meu amor, eu não sabia! Lucy comentou que ela morrera de alguma doença...

— Não, ela morreu por ter uma vida desregrada. Era alcoólatra há muitos anos. Você sabe, dizem que isso arruina as famílias — ela emendou, franzindo as sobrancelhas ao concluir que ao menos aprendera algo com tudo aquilo.

— O que arruina famílias? — Sebastian perguntou, entrando na cozinha.

— Alcoolismo — Jéssica admitiu prontamente, desejando que ele tivesse ficado no quarto. — Tanto meu avô quanto minha mãe beberam até morrer. Eu estava imaginando se essa doença é hereditária...

— Não precisa se preocupar. Sou capaz de ver que não há nem um osso fraco em seu corpo.

O tom irônico sugeria zombaria, não um elogio.

— Mais um de seus julgamentos precipitados, Sebastian?

— Uma observação calcada na experiência — ele replicou. — Uma mulher de sua idade, que já tenha chegado a um posto como o seu, que envolve tantas responsabilidades, deve ser feita de aço.

— Oh, bom Deus! — Evie exclamou, irritada. — Pensei que vocês fossem se adorar. Em vez disso, parecem brigar como gato e rato. Só Deus sabe por quê!

— Sebastian acha que só estou interessada no dinheiro de tia Lucy — Jéssica defendeu-se. — Só porque não quero viver aqui. Só porque quero vender a casa.

— Vender? — Evie repetiu, confusa. — Ela realmente pensa em vender? — Dirigiu a última pergunta a Sebastian.

— Até onde sei, sim — ele respondeu secamente.

— Mas... mas essa casa está na família há mais de cem anos! — Evie protestou, encarando Jéssica com espanto. — Foi seu tataravô quem a construiu. Foi um dos primeiros exploradores desta região. Essas terras foram doadas à sua família pela própria rainha Vitória! E você ainda pensa em vender? — A mulher começou a menear a cabeça, desconsolada. — Pobre Lucy... Ela se viraria no túmulo se soubesse disso!

— Mas... mas...

Jéssica esforçou-se para dizer algo. Afinal de contas, era a primeira vez que ouvia aquela história. Por que sua mãe escondera a verdade por tanto tempo?

A emoção era muita. Lágrimas surgiram em seus olhos, e ela lutou para controlar uma onda de sentimentos turbulentos. Não percebeu que Sebastian atravessara a cozinha e agora colocava as mãos sobre seus ombros, num gesto confortador.

— Não devia ser tão dura com ela, Evie — ele disse com gentileza, aninhando-a junto ao peito. — Não foi sua culpa. Ela não podia saber toda a história. Lucy nunca lhe disse nada. Aliás, Lucy devia ter-lhe contado muitas coisas em vez de deixar essa tarefa para nós. Calma, calma, Jess. Não chore...

Ela não estava mais chorando. As lágrimas tinham parado logo depois que Sebastian a tomara nos braços.

Jéssica sentiu-se tomada por um pânico insuportável. Por um lado, sentia-se traída pela mãe, que escondera a verdade a vida toda. Por outro, não conseguia entender a sensação agradável que experimentava nos braços daquele homem.

Tudo era muito perturbador. Incapaz de manter o controle, ela disparou pelo corredor, indo direto para o quarto. Não fora capaz de dizer uma palavra sequer antes de sair da cozinha, e sua respiração ainda estava entrecortada quando fechou a porta do dormitório.

Não, concluiu, não podia se envolver com Sebastian Slade. Seria um erro terrível, do qual se arrependeria muito no futuro.

Uma infinidade de tempo pareceu transcorrer, e o silêncio pesado foi quebrado por leves batidas à porta. Jéssica, deitada na cama, passou as costas da mão no rosto para limpar as últimas lágrimas enquanto olhava para a pesada peça de madeira com expectativa.

— Jéssica? — Era Sebastian, e sua voz parecia preocupada. — Você está bem?

— Sim... sim, obrigada — ela respondeu com voz fraca.

— Evie sentiu-se muito mal com o que aconteceu na cozinha agora há pouco. E eu também. Ela fez um pouco de chá, e eu o trouxe. Posso entrar?

Jéssica gemeu, forçando-se a sentar na beirada da cama.

— Tudo bem — respondeu, desejando parecer refeita da explosão emotiva.

Sebastian entrou carregando uma pequena bandeja de prata com duas xícaras, o que significava que ela não ia tomar chá sozinha.

Um tremor sacudiu-a diante da perspectiva de passar mais algum tempo com aquele homem bonito e perturbador. Jurou a si mesma que não faria mais papel de tola diante dele.

— Desculpe a atitude de Evie. Não falou aquilo por mal. Acontece que tanto ela como eu gostaríamos de tornar realidade o último desejo de Lucy. Por isso acho que nossa amiga exagerou.

— E qual era... — Jéssica mordeu o lábio inferior, ansiosa. — Qual foi o último desejo de tia Lucy?

Sebastian serviu-se do chá em silêncio, caminhou até uma velha poltrona vitoriana ao lado da janela e só depois de se sentar encarou Jéssica. Os olhos azuis pareciam faiscar na escuridão.

— Ela esperava que você passasse a viver aqui — murmurou num tom frio e monocórdico.

— Isso nunca! — ela replicou com desdém. — Seja franco, Sebastian, você mesmo, depois que entregar seu livro ao editor, não vai continuar vivendo isolado aqui, não é?

— Pretendo fazer exatamente isso — ele respondeu calmamente.

— Mas... o que o prende a essa ilha? — Jéssica começava a ficar curiosa. Afinal de contas, depois que aquele mês se passasse, Sebastian não teria mais moradia grátis. — Alguma namorada? — arriscou.

Seguiu-se um longo silêncio, durante o qual Sebastian limitou-se a encará-la fixamente. Depois disso levantou-se, colocou a xícara sobre a bandeja e foi até a porta.

— Sabe de uma coisa? — murmurou, virando-se, ao chegar à soleira. — Além de parecer muito curiosa sobre minha vida particular, você faz perguntas demais. Vou deixá-la a sós agora. Ainda tenho trabalho a fazer. Por que não se acalma um pouco? — Abriu a porta suavemente e então continuou, sem deixar espaço para comentários: — Vejo-a no jantar. Até logo.

Capítulo 7

O jantar foi servido no salão principal. Sebastian e Jéssica sentaram-se nas extremidades da longa mesa, separados por um vaso de flores-do-campo. Mais uma vez Evie preferira fazer a refeição na cozinha, dizendo sentir-se mais à vontade lá.

O prato principal, um peixe assado com um molho muito suave e agridoce, estava delicioso. Havia também batatas com creme e uma salada leve. Um vinho Chablis acompanhava a comida, ressaltando ainda mais o sabor da refeição.

Sebastian, infelizmente, decidira vestir camiseta e jeans escandalosamente justos, o que não facilitava em nada a vida de Jéssica, que escolhera um vestido de seda verde muito discreto exatamente para não chamar a atenção.

— Você está me encarando — Sebastian comentou em voz baixa, erguendo a taça de vinho e observando Jéssica através da borda do cristal.

O orgulho forçou-a a desviar a cabeça, para tentar esconder o rubor que lhe tomava conta do rosto. Esperou até recobrar o controle, respirando profundamente e devagar.

— Estava admirando seus cabelos — ela confessou por fim.

— Verdade? — ele murmurou. — E eu estava admirando seu vestido. Trouxe muitos?

— Não há nada em mim para admirar. Você mesmo acha que sou uma mulher materialista e sem coração. Por que não admite isso?

Ele riu. Era um som áspero e cáustico.

— Sou assim tão transparente?

— Você deixou bem claro o que sente por mim.

— E você fez o mesmo — ele comentou friamente. — O que foi, na verdade, uma pena. Tenho certeza de que Lucy gostaria muito se nos tornássemos amigos.

— Por que pensa assim?

— Isso tornaria mais fácil persuadi-la a ficar, claro. Esse foi o motivo que levou Lucy a incluir aquela cláusula no testamento... aquela que a força a passar um mês na ilha.

— Parece que ela vai ficar desapontada... esteja onde estiver. Não concorda?

— Então está mesmo determinada a vender a propriedade? Não pensou, sequer, em outras alternativas?

— Por exemplo?

— Manter a casa como residência de férias. Talvez, com o tempo, você passe a gostar daqui. Eu poderia cuidar do lugar, se quiser. Em vez de me oferecer dinheiro, você simplesmente me ofereceria um lugar para morar. Eu aceitaria.

Sebastian não entendia. Era a presença dele que incomodava Jéssica, não a ilha.

— Sinto muito, mas acho a ideia impraticável. Seria melhor alugá-la a uma pessoa que se dispusesse a explorá-la como ponto turístico. Ou pagar para alguém fazer isso para mim. Você estaria disposto a isso?

Assim poderia mantê-lo a distância... a distância de um telefonema.

— Não, eu não estaria — ele disparou. — Não era isso que Lucy queria. Ela queria *você,* que tem o sangue da família. Achou que amaria o lugar como ela própria amou.

— É uma ideia muito romântica.

— Lucy er*a* romântica. Não como outras mulheres que conheci... — E lançou um olhar de reprovação na direção de Jéssica.

Ela estava a ponto de explodir de raiva, mas não quis dar tamanha satisfação a Sebastian.

— Se tia Lucy queria tanto que eu vivesse aqui, então acho que deveria ter ficado em Sídnei naquele dia. Devia ter me permitido conhecê-la. E explicaria o que aconteceu entre ela e minha mãe... Não tenho certeza de que seria feliz aqui, sem saber o que aconteceu realmente. Mas agora nunca vou saber, não é?

Sebastian sorveu lentamente um gole de vinho.

— Já perguntou a Evie?

— Sim, e ela não sabe nada a respeito.

— Bem, se Evie não sabe, acho que nenhum outro habitante da ilha deve saber — ele murmurou.

— Também pensei nisso. A menos que tia Lucy tenha dito a *você,* claro — arriscou, encarando-o fixamente. — Ela fez isso, Sebastian?

— Não — ele negou com firmeza. — Ela não fez.

Jéssica deixou escapar um suspiro exasperado.

— Não posso acreditar que não tenha dito a ninguém! Podia ao menos ter deixado alguma pista que levasse à verdade.

Ele permaneceu calado, sorvendo em seguida outro gole de vinho e saboreando-o devagar. Por um instante Jéssica imaginou que Sebastian podia estar se divertindo com a situação. Só não conseguia imaginar o motivo.

— Sei que não deve mais aguentar esse assunto — ela continuou —, mas não posso deixar nada de lado. Me incomoda a sensação que tenho... Parece que todos vocês, mesmo sem saber do que se trata, acham que tia Lucy era a parte inocente da história. Talvez minha mãe tenha mesmo sido a culpada. Mas tia Lucy também pode ter deixado tudo para mim apenas por remorso.

As sobrancelhas dele arquearam-se numa expressão surpresa.

— É uma possibilidade remota, acho. Se tivesse conhecido Lucy melhor, saberia que era incapaz de magoar qualquer pessoa. Não é, Evie? — indagou ao notar a entrada da mulher.

— Não é o quê?

— Eu estava dizendo a Jéssica que Lucy era incapaz de maltratar uma mosca. Você não concorda?

— Oh, claro. Ela era muito gentil, e tinha um bom coração. Nunca a vi mentir em toda a vida, nem falar mal de ninguém. Lucy preferia sempre considerar o lado bom dos outros. Acho que só a vi nervosa uma vez, quando teve que lidar com uma situação muito delicada.

— Que situação? — quis saber Jéssica.

Evie continuou a falar enquanto tirava a mesa:

— Havia uma garota que Lucy costumava empregar como lavadeira. O nome dela era Myra. Um dia, a blusa de uma das hóspedes desapareceu. A hóspede disse que deixara a roupa para ser lavada, mas Myra negou. — Fez uma pausa, como se quisesse organizar as recordações. — Três meses mais tarde, depois da partida dos hóspedes, Myra apareceu vestindo a blusa azul de seda. Meu Deus! Vocês precisavam ter visto Lucy. Nunca a vi tão irritada. A moça teve que sair da ilha depois daquilo, pois Lucy fez um escândalo enorme, dizendo a todos que ela era uma ladra.

— Talvez minha mãe tenha feito isso — Jéssica arriscou. — Talvez tenha roubado algo e deixado a irmã furiosa.

— Parece um pouco forçado — Sebastian murmurou.

— Sem dúvida — Evie concordou. — Joanne era da família, e Lucy era muito sentimental quando se tratava de assuntos de família.

— Apesar de não ter nenhuma — Jéssica comentou.

— Isso é verdade. Pobrezinha... — Evie suspirou. — Bill, seu marido, não se importava muito com a família. Ele, sem dúvida, não era muito sentimental. Tudo que gostava de fazer era pescar em alto-mar. — A mulher fez outra pausa. — Foi assim que ele morreu... durante uma tormenta. Depois disso dei a Lucy a ideia de transformar a casa numa espécie de hospedaria de luxo. Achei que ficaria menos solitária se contasse com a companhia de outras pessoas o tempo todo.

"Mas nunca pôde desfrutar da companhia da irmã caçula", Jéssica pensou com amargor.

— Você está certa, Evie — Sebastian concordou. — Mas ainda acho que a maior virtude de Lucy era ser uma boa ouvinte.

Jéssica não disse nada, sentindo-se estranhamente culpada por censurar a tia em pensamento. Mas, ao mesmo tempo, não conseguia imaginar o que a mãe poderia ter feito de errado. Por que o segredo fora guardado por quase trinta anos? Essa dúvida era realmente angustiante.

Entretanto, raciocinando friamente, Jéssica concluiu que não podia sentir-se obrigada a cumprir os desejos da tia. Apesar de a casa ser adorável, não conseguiria viver naquela ilha isolada, e ainda por cima ao lado de alguém como Sebastian Slade.

— Vocês dois vão querer sobremesa, não é? — Evie perguntou.

Por um instante Jéssica hesitou.

— Eu...

— Vamos querer sim — Sebastian respondeu, olhando de relance para Jéssica. — Está com medo de engordar, moça da cidade? — provocou-a quando ficaram a sós. — Seu amante vai ficar decepcionado se você ganhar alguns quilos?

— Eu não tenho nenhum amante — ela respondeu num impulso, corrigindo-se logo em seguida: — Pelo menos... no momento.

— Pobre Jess... Por isso você é assim tão rude?

Ela já aguentara demais.

— O que há com você? Por que me trata dessa forma? O que lhe fiz, afinal?

— Você nasceu — foi a amargurada resposta de Sebastian.

— Se eu não tivesse nascido, você herdaria tudo sozinho, não é isso que quer dizer?

— Não exatamente. Eu quis dizer que com você por aqui vai ser muito difícil acabar meu livro.

— Eu não pretendo incomodá-lo. Posso conhecer a ilha sozinha. Basta me dar um mapa. Para ser franca, nem *quero* nenhum favor seu.

Sebastian deixou escapar um suspiro exasperado. Depois respirou profundamente, desviando o olhar por alguns segundos para a magnífica paisagem.

— Eu já desconfiava disso, querida Jess, mas você não quer que eu quebre um juramento feito num leito de morte, não é?

Nesse momento Evie voltou trazendo a sobremesa, uma deliciosa mousse de frutas tropicais. Serviu o casal, que encarou com ar de reprovação.

— Pude ouvi-los lá da cozinha, brigando como crianças mimadas. Não vou voltar aqui se continuarem se comportando assim. Agora... Jéssica, pare com essa bobagem e deixe que ele a leve para um passeio — a mulher aconselhou com firmeza, não deixando nenhum tempo para comentários. — E você, Sebastian, trate de ser mais gentil, entendeu?

— Tenho a impressão de que você vai querer se certificar disso — ele retrucou, divertido.

— É o que pretendo. — As mãos da mulher agora estavam na cintura. — Agora sorria para Jéssica, seu malvado, e use um pouco desse charme para convencê-la a ficar em Norfolk Island. Era esse o desejo de Lucy, não era? Por que acha que ela exigiu sua presença aqui, junto com a sobrinha?

— É o que eu também me pergunto, às vezes — ele murmurou. Evie revirou os olhos, zangada, e voltou a entrar na casa.

Jéssica queria dizer alguma coisa, mas as palavras pareciam bloqueadas pelos brilhantes olhos azuis de Sebastian. Ele ergueu a taça, em um brinde, e seus lábios esboçaram um sorriso extremamente sensual.

Aquilo atingiu-a como uma descarga elétrica, provocando um estranho tremor em todo o seu delicado corpo.

— Ao meu charme... e à sobrinha de Lucy — ele disse em tom de zombaria.

Logo depois do jantar, Jéssica recolheu-se ao quarto para dormir. O sono, porém, não chegava. Na verdade, ela estava curiosa, tentando descobrir por que a luz do quarto de Sebastian ficava acesa até tão tarde.

Ficou surpresa ao virar a cabeça e notar que já passava das três horas da manhã.

Sebastian. Sempre ele.

Aquele homem parecia ter se apoderado, de alguma maneira, de sua mente, forçando-a a pensar o tempo todo naquele corpo musculoso e perfeito. Ela sentia um prazer perverso ao imaginar cenas sensuais, eróticas...

Teve que respirar profundamente, sabendo que devia afastar aqueles pensamentos o mais rápido possível. Afinal de contas, aquilo não passava de luxúria.

Uma luxúria, porém, que parecia tomar conta de todo o seu corpo, como nunca havia acontecido. Por mais que se esforçasse para manter o controle, sentia que falhava. Estava extremamente frustrada com isso.

E pensar que, para piorar as coisas, teria que sair em um passeio com Sebastian Slade para conhecer a ilha... Mais uma vez ficaria a sós com aquele homem perturbador. Era como se tudo naquela ilha tivesse sido preparado para testar sua resistência.

O dia seguinte, Jéssica imaginou, desanimada, provavelmente seria um pesadelo.

Capítulo 8

— É lindo, não acha? — Sebastian perguntou ao parar o Mazda e desligar o motor.

Não estavam muito longe da casa, mas agora podiam divisar melhor a paisagem. Do alto daquela colina, a visão era ainda mais majestosa. Jéssica notou especialmente o grande número de construções coloniais localizadas no sopé da montanha.

— O capitão Cook descreveu a ilha como um paraíso quando a viu pela primeira vez — Sebastian informou. — Esta é minha parte preferida. Lá embaixo fica Kingston, onde os ingleses construíram os primeiros prédios. Alguns deles ainda estão em perfeitas condições. Que acha de visitá-los?

— Hoje não — Jéssica negou, concluindo que o passeio podia durar horas. E não queria ficar com Sebastian por horas. Já fora difícil resistir ao café da manhã.

Acordara por volta das sete, tomara banho e vestira uma roupa leve, apenas uma bermuda de brim e uma blusa larga. Continuava esforçando-se ao máximo para não mostrar o próprio corpo, e mantinha os cabelos presos em um penteado bastante formal.

Pela manhã o quarto dele estava em completo silêncio, o que fez Jéssica imaginar que poderia ter um café da manhã calmo e tranquilo. Mas segundos depois Sebastian aparecera, vestindo apenas short negro de boxeador e parecendo mais sexy do que nunca.

Sentindo-se acuada, ela voara para o quarto ao terminar de comer. Mas agora não havia para onde fugir, pois ambos estavam bem próximos dentro do pequeno automóvel.

Felizmente ele resolvera vestir uma camiseta antes de sair. Desse jeito, pelo menos, podia olhá-lo sem sentir aquele desejo desesperado de tocá-lo. Mas ainda assim era muito difícil.

— Por que não hoje? — Sebastian perguntou.

— Para começar, preciso ir ao banco antes do almoço — ela respondeu, usando a primeira desculpa que lhe ocorreu. — E, além disso, *preciso* fazer algumas compras pessoais. Não há nenhuma pressa, não é? Posso voltar outra hora... agora que já sei o caminho.

— Não será a mesma coisa — ele comentou. — Você precisa de um guia treinado. De qualquer forma, estarei livre hoje à tarde. Quem sabe?

— Oh, não, você não vai estar. Disse que escreve a tarde toda, e não quero que no futuro me acuse de atrapalhar seu trabalho — ela concluiu, deixando escapar o mais falso dos sorrisos.

O riso dele a surpreendeu.

— Então vou lhe mostrar, rapidamente, os pontos mais interessantes. Não queremos que você fique de fora da atmosfera local. Lembre-se, pode vir a gostar daqui, não é mesmo?

Jéssica negou-se a responder à pergunta sarcástica. Desviou a cabeça e olhou através da janela, expressando completa indiferença.

Acostumada como estava a Sídnei, ficou incomodada com a baixa velocidade do carro. Será que aquela era a ideia que Sebastian fazia de rapidez? Daquele jeito o passeio iria durar horas!

— Por acaso está tentando me atrasar intencionalmente? — ela disparou.

— Nem pensaria em fazer isso. E prometi a Evie me comportar, lembra? Infelizmente o limite

de velocidade na ilha é de quarenta quilômetros por hora. Não lhe disseram isso no aeroporto? — Nesse momento ele se interrompeu, desviando o carro de um animal que cruzava lentamente a pista. — Ou será que está desesperada para me ver longe?

Jéssica concluiu que não suportaria mais provocações. As coisas estavam ficando fora de controle. Tinha apenas duas maneiras de agir. Podia devolver o sarcasmo na mesma moeda ou tentar amenizar o conflito até atingir um nível aceitável de convivência.

O bom senso indicou-lhe a segunda opção.

— O que o fez imaginar isso? — perguntou, esforçando-se para parecer casual.

— Ora, vamos lá! Não precisa representar.

— Em nome da civilidade, acho que preciso — ela retrucou com firmeza. — Entendo que esteja desapontado pelo fato de não poder executar os últimos desejos de Lucy exatamente como planejou. Também posso entender que sou tudo o que detesta numa mulher. Mas deixe-me assegurar que...

— Isso não é verdade — ele cortou bruscamente. — A última afirmação, pelo menos...

— Ora, vamos lá — Jéssica murmurou, imitando-lhe o ar sarcástico. — Não precisa representar.

Sebastian olhou-a de relance, deixando escapar uma gargalhada.

— Muito bem. Eu confesso. No fundo, não gosto de você. Ou, pelo menos, do tipo de pessoa que quer ser às vezes. Mas, "em nome da civilidade", posso representar, se é isso que deseja.

— Negócio fechado! — ela disse, experimentando um prazer inexplicável ao vê-lo sorrir.

Pela primeira vez desde que tinham se conhecido concordavam em alguma coisa, e a sensação era muito boa. Jéssica devolveu o sorriso.

Aquele sorriso, porém, não surtiu o efeito que planejara. O rosto de Sebastian ficou sério e um clarão da velha hostilidade brilhou em seus olhos.

— Não finja demais, Jess. Não queremos dar falsas esperanças a Evie, não é?

— Falsas esperanças?

— Ela é uma daquelas almas românticas que você despreza. Se continuar sorrindo como fez há pouco, Evie pode pensar que se apaixonou por mim, e isso só complicaria a situação.

Jéssica recostou-se no assento, sentindo o coração frio e pesado. Aquele homem era realmente um chato! Gostaria que pelo menos o corpo dele não fosse tão atraente... E pensar que ele a chamara de cínica!

— Não se preocupe — replicou, incapaz de se conter. — Acredito que Evie nunca pensará nada do gênero. Assim como você não gosta de mim, eu também não gosto de você. Prefiro homens de outro tipo... mais sofisticados e ambiciosos. E a ambição principal deles, claro, deve ser eu! — Ajeitou o cabelo com um gesto afetado, querendo aparentar autocontrole. Depois ergueu o queixo com franco desdém. — Também não gosto de sujeitos que se acham grandes intelectuais e desejam escrever livros para provar aos outros que são espertos. E, principalmente, não gosto de homens que querem me ver pelas costas.

Depois da explosão, um silêncio profundo caiu entre eles, quebrado apenas pelo ruído do motor.

— Já terminou? — ele disse friamente quando passavam diante de um grupo de ruínas.

Jéssica sabia que a ilha fora utilizada pelos colonizadores ingleses como prisão de piratas.

Provavelmente aquelas ruínas eram de uma prisão.

— Terminei.

— Ótimo. Então cale a boca e escute.

Ela imaginou que teria início outra batalha verbal, mas Sebastian se restringiu a fazer comentários sobre as ruínas, confirmando as suspeitas de Jéssica ao contar que aquilo realmente fora um presídio.

Entretanto, ela mal o ouvia, perdida nos próprios pensamentos.

"Que diabos deu em você? Agora ele realmente a odeia! Certamente você queimou todas as suas chances com esse homem..."

— Droga, você está me ouvindo? — ele gritou, fazendo-a saltar no assento. Depois simplesmente continuou a contar a história da ilha, num tom mecânico e monocórdio. — Aquilo é um moinho de sal desativado — comentou, minutos depois, apontando para outra construção. — E essa é a baía Emily.

A estrada contornava a baía pelas colinas, serpenteando entre a floresta de pinheiros. Por um segundo Jéssica não viu sinal de água, mas logo o carro fez uma curva e diante de seus olhos surgiu a mais maravilhosa paisagem que já vira na vida.

Sebastian estacionou o carro para que ela pudesse apreciar a vista, mas não disse uma palavra. Jéssica também permaneceu calada, incapaz de pensar em qualquer assunto.

Depois de um longo momento, porém, concluiu que aquela situação era insustentável. Não podiam continuar se tratando daquela forma.

— É muito lindo — murmurou finalmente.

Podia sentir o olhar dele, mas não conseguia encará-lo.

— Você gosta de nadar? — ele indagou. — Costumo vir aqui para nadar nos fins de tarde, antes do jantar. Pode vir comigo, se quiser.

A ideia a deixava ao mesmo tempo fascinada e apavorada. Nadar seminua naquela praia deserta, todos os dias, com um homem como Sebastian... Imagens eróticas passavam descontroladas por sua mente.

— Não precisa levar suas obrigações tão a sério — provocou.

— Foi Evie quem me mostrou a baía pela primeira vez — ele murmurou, ignorando o comentário. — Além disso, a praia é grande o bastante. Quer dizer... poderemos ficar bem afastados.

— Tudo bem, então — ela concordou, achando ter enlouquecido. Aonde aquilo a levaria? — Agora, poderia me deixar no centro da cidade, para que eu possa ir ao banco e fazer as compras?

— Não quer ver mais nada hoje?

— Não. Vou ter um mês inteiro para fazer isso.

— Duvido que possa conhecer tudo, mesmo que tivesse um ano — ele comentou secamente.

Jéssica suspeitava que a frase fosse de duplo sentido, mas preferiu não pensar no assunto.

— Não imaginei que a ilha tivesse tantas atrações assim.

A expressão de Sebastian era impassível, mas os lábios retorceram-se levemente.

— Estou certo disso. Mas talvez eu possa surpreendê-la.

— Você parece mesmo capaz disso.

Ele a encarou e riu.

— Tenho que cumprimentá-la pela representação, Jess. Só espero conseguir ser um bom ator... para estar à sua altura. Mas que compras são essas, que a deixam tão ansiosa? — ele perguntou, voltando a ligar o carro e manobrando de volta à estrada.

— Lixa de unhas e acetona — ela murmurou, sentindo-se patética. Sebastian estudou as unhas bem-tratadas; depois lançou-lhe um olhar curioso. — É para as unhas dos pés — ela acrescentou, nervosa.

— É mesmo uma emergência e tanto — ele murmurou.

Jéssica negou-se a ouvir a provocação.

— Gosto de me cuidar — ela continuou casualmente. — Algum problema?

— Acho que não. Para ser franco, também preciso de uma escova de cabelos. Incomoda-se se eu for junto?

— Lembre-se do que Evie disse — Jéssica zombou. — Ela parece pensar que você está apaixonado por mim e que quer me impressionar. Pode ser que note nosso atraso.

— Não me importo com o que Evie pensa. *Você* sabe a verdade, e isso é tudo o que importa.

— A verdade?

— Sim. Que não existe a menor chance de que eu fique apaixonado. Sabe, não gosto de mulheres indelicadas e ambiciosas. Prefiro as suaves e sentimentais. E, principalmente, aprecio que gostem de mim... — Sorriu com declarada falsidade. — Mas pode fingir, se quiser.

— Fingir o quê?

— Que gosta de mim. Pode tentar parecer um pouco mais gentil e sentimental, para variar. E eu poderia ajudar, lançando olhares apaixonados em sua direção. Evie ia adorar.

Subitamente Jéssica quis chorar. Por que ele tinha que ser tão duro?

— Não sou tão boa atriz — recusou, indignada. — Portanto, fique quietinho e dirija para a cidade. Acho que me cansei dessa conversa e desse passeio.

— Oh, claro. Não quero chateá-la ainda mais.

Voltaram para a mansão no começo da tarde, depois de fazer compras sem não trocar uma palavra sequer.

Mais tarde, trancada sozinha em seu quarto, Jéssica decidiu falar. Sozinha, para desabafar. Na verdade, praticamente gritou de raiva.

— Eu o odeio! — disse, jogando um travesseiro para longe. — Odeio, odeio...

— Pelo amor de Deus, não pode ficar quieta? — Sebastian gritou do quarto dele. — Não posso me concentrar com essa gritaria. Por que não vai dar um passeio? Pode levar o carro. Lembre-se apenas de voltar a tempo para nadar.

Jéssica saiu para o corredor e abriu a porta do quarto dele. Sebastian estava sentado a uma pequena escrivaninha, defronte a um computador.

— Não sei se você notou — ela disparou —, mas parece que vai chover.

— E daí? — ele murmurou, sem desviar os olhos do computador.

— Não gosto de sair na chuva, muito menos para nadar.

— Por que não? A água fica morna e gostosa quando chove.

— Para ser honesta, não gosto muito de nadar.

— Por quê?

— Não sou muito boa nisso.

— A prática conduz à perfeição. Além disso, não tem nada a fazer a não ser pintar as unhas.

Ela ficou em silêncio por um instante. Depois continuou:

— Obrigada por me lembrar disso. Ao menos vou me ocupar por uns dez minutos...

— Pode mexer no jardim, se quiser.

— Na chuva e com unhas pintadas?

— Não vai chover muito. São apenas tempestades de verão. E, quanto às unhas, deixe-as para depois.

Jéssica suspirou.

— Vai ser um mês muito longo.

— Pode acreditar — ele concordou, encarando-a por um instante e voltando a olhar para a tela do monitor. — Trate de sair daqui e arrume algo para fazer. Qualquer coisa, desde que fique em silêncio.

Ela o contemplou por mais um momento. Depois girou sobre os calcanhares e voltou para o quarto. Pensando bem, podia mesmo cuidar do jardim. Isso iria ajudá-la a relaxar um pouco e, por tratar-se de um local bem grande, preencheria muito de seu tempo livre.

Foi para um celeiro que havia nos fundos da casa. Lá, encontrou tudo o que precisava para cuidar das flores. O tempo passou como se fosse mágica, e ela ficou satisfeita por ter feito um bom trabalho, regando todas as jardineiras das sacadas e tirando a erva daninha do meio das flores.

Voltou para o quarto no meio da tarde e, depois de um banho relaxante, deitou-se um pouco para descansar antes de cuidar das unhas.

Não devia ter feito aquilo. Caiu em um sono profundo, e só despertou horas depois.

— Onde está Sebastian? — perguntou ao entrar correndo na cozinha e encontrar Evie preparando o jantar. O relógio na parede marcava cinco e trinta. O cheiro delicioso indicava que Evie estava preparando um cozido.

— Saiu para nadar. Achou melhor não acordá-la.

— Oh! — Jéssica não sabia se devia sentir alívio ou desânimo.

— Sabe, não entendo por que vocês não se dão bem. Duas pessoas bonitas, jovens e inteligentes... Achei que Sebastian fosse gostar de ter companhia. Está muito solitário desde a morte de Lucy.

Aquilo nunca passara pela cabeça de Jéssica. Sebastian, solitário? Obviamente Evie o conhecia melhor, e isso significava que a mulher podia saber qual era a verdadeira natureza do relacionamento

dele com tia Lucy.

— Diga-me uma coisa — Jéssica balbuciou, nervosa, dominada por um impulso. — Sebastian e tia Lucy eram amantes?

Evie encarou-a, confusa.

— Esteve ouvindo fofocas?

— Não. Estava apenas imaginando. Quer dizer que há comentários na ilha sobre o assunto?

— Num lugar pequeno como esse? Sim, é claro que há. Montes deles, aliás.

— Bem... e eram amantes ou não?

A mulher encolheu os ombros.

— Realmente não sei. Se eram, agiam com muita discrição. Mas, se quer meu conselho, evite falar nisso.

— Lucy nunca lhe contou nada?

— Oh, não! Lucy e eu éramos amigas, mas ela nunca falava sobre detalhes íntimos. Nem gostava de fofocas. Claro que elas sempre aparecem quando um rapaz jovem e bonitão fica tanto tempo hospedado na casa de uma viúva rica. E pode acreditar em mim, Lucy ainda era muito atraente quando Sebastian veio para a ilha pela primeira vez. Não aparentava a idade. Foi a doença que a fez envelhecer.

— Entendo — Jéssica disse, profundamente desapontada. Tinha a esperança de que Evie pudesse esclarecer tudo. — O que acha de Sebastian? Gosta dele?

— Sim, eu gosto — a mulher assegurou com firmeza. — Gostei à primeira vista. Mas ele mudou muito nos últimos três anos. Para melhor, tenho que admitir. Foi muito bom para Lucy durante a doença, cuidando dela com o maior carinho. Fico triste por ver que vocês não se entendem. Talvez ele esteja decepcionado por não conseguir fazê-la respeitar o último desejo de Lucy, sei lá... — Evie terminou com um olhar ressentido.

Jéssica não sabia o que pensar. O som de um carro se aproximando chamou-lhe a atenção.

— Quem será?

— Deve ser Sebastian. Pode perguntar-lhe, se quiser... — disse Evie. — Mas acho que ele não falaria nada, mesmo que tivesse acontecido algo.

— Pode apostar nisso — Jéssica murmurou. — Bem... acho melhor me arrumar para o jantar.

Ela demorou cerca de duas horas para se preparar. Quando chegou à sala de jantar, notou que Sebastian já estava lá. Mais bonito do que nunca.

— Percebi que você decidiu não ir nadar comigo — ele comentou friamente. — Mas acho que devia ter dito a verdade em vez de fingir dormir.

— Oh, céus! — ela gemeu, desanimada por notar que a animosidade persistia.

Preferiu ficar calada e sentar-se à mesa em vez de alimentar a discussão.

— O que há de errado com você hoje? — ele disparou. — Está doente ou algo assim?

Depois de levantar a cabeça, ela o encarou.

— Não. É apenas impressão sua.

Foi tudo o que falaram durante o jantar. O silêncio era opressivo, e até mesmo Evie, notando a atmosfera pesada, preferiu servir a comida e tirar os pratos sem fazer nenhum comentário.

— Pelo menos sua sesta parece ter curado o mau humor da manhã — ele murmurou, quebrando o silêncio, logo depois de terminar a sobremesa.

— Eu não estava mal-humorada pela manhã.

As sobrancelhas dele arquearam-se.

— Quer dizer que costuma agir como uma gata selvagem?

— Eu podia mentir para você — ela murmurou, fingindo indiferença —, mas isso seria muito fácil.

Naquele momento, felizmente, Evie entrou na sala para se despedir.

— Já terminei a limpeza da cozinha, meninos. Vou para casa correndo. Hoje à noite haverá um filme muito bom na televisão, e não quero perder. *Ciao.*

— Até amanhã, Evie — os dois responderam em coro, vendo a mulher se afastar.

— Droga! — Jéssica murmurou, segundos depois. — Se pelo menos eu pudesse assistir a um pouco de televisão... Bem, acho que Evie não vai se opor se eu for até a casa dela à tarde para ver alguma coisa. Isso vai me acalmar muito.

— Queria poder resolver meus problemas apenas assistindo à televisão — Sebastian comentou desanimado. — Mais alguns dias e eu estaria pronto para um sanatório!

— De que você está falando? — ela perguntou com impaciência.

Ele arqueou uma sobrancelha com sarcasmo e sorveu um gole de vinho.

— Quer dizer que não sabe? *Honestamente*... quero dizer?

— Não, eu *honestamente* não sei!

— Então suponho que terei que lhe dizer, não é?

— Seria uma ideia brilhante!

A gargalhada dele foi amarga.

— Nem tanto. Mas, na verdade, tenho que contar. Não consigo dormir nem escrever.

Jéssica piscou, surpresa.

— E está me culpando por isso?

— Não estou *culpando.* Mas você *é* a responsável.

— Podia ter a gentileza de me explicar seu último comentário?

— Não vejo por que não... A verdade é que desde que coloquei os olhos em você ontem, srta. Jéssica Rawlins, fiquei alucinadamente atraído.

— Atraído por mim? — ela repetiu.

— Bem, na verdade acho que me comportei como um adolescente idiota, olhando para você o tempo todo. Pensei que tivesse notado. Evie notou, com certeza.

Então aquele era o motivo dos olhares de Sebastian! A situação, porém, a espantava. Não sabia o que dizer. Sentia-se paralisada.

— Fico feliz por sua reação — ele confessou. — Eu mesmo achei que não seria capaz de dizer. Mas não sou um bom ator, assim como você. E acho que devo pedir desculpas por ter sido tão grosso... Devo ter ficado nervoso por ver uma mulher bonita depois de tanto tempo. Agora pode rir, se quiser. É mesmo muito engraçado, não acha?

Jéssica não riu. Nem achava aquilo engraçado. Tudo o que conseguiu fazer foi ficar muda, olhando fixamente para o homem mais atraente que conhecera em toda a vida.

— Pelo amor de Deus, Jéssica, não piore as coisas para mim! — Sebastian explodiu, quebrando o pesado silêncio. — Tenho certeza de que outros homens já devem ter lhe dito a mesma coisa. Então pare de bancar a virgem ofendida, por favor.

Ela não conseguia ordenar os pensamentos. Sua mente girava como um bote no meio de uma tempestade. Como poderia entendê-lo? Como controlaria as fantasias sexuais que pareciam dominá-la desde que o conhecera?

Aquilo era um verdadeiro martírio...

— Gostaria de saber como me desculpar — ele murmurou. — Isso ao menos aliviaria minha dor.

— Dor?

— Sim. Já desejou alguém assim, a ponto de sentir dor... física?

— Sim — ela respondeu. "Desejo *você,* pensou com amargura.

— Então sabe como é. Tenha compaixão. Venha para a cama comigo hoje. Sou um bom amante... não pretendo desapontá-la.

Mais uma vez ela ficou sem fala. Tudo o que tinha a fazer era dizer sim, e aquele homem seria todo seu. O que a impedia de sentir aquele êxtase era apenas o orgulho.

Mas o orgulho era muito importante. Jéssica nunca se contentara em ser apenas a amante casual de alguém. Permanecera virgem até os vinte e dois anos, e mesmo depois disso escolhera apenas amantes com os quais estava afetivamente envolvida.

— Mas... eu não amo você! — balbuciou, finalmente.

Os lábios dele curvaram-se num sorriso.

— Não estou pedindo isso, Jess. Apenas quero fazer amor com você. Acho difícil acreditar que uma mulher prática e sofisticada ainda acredite em fantasias românticas. Nunca foi para a cama com um homem que não amasse?

— Não! — ela negou, ofendida. Ele ficou surpreso.

— Não?

Jéssica corou subitamente.

— Eu... não conscientemente. Sempre achei que estivesse apaixonada quando isso aconteceu.

— Hum... Interessante. E eles a feriram, no final? Quero dizer, esses homens que você pensou ter amado...

— Pode-se dizer isso.

Sebastian meneou a cabeça.

— O amor pode ser cruel. Sempre envolve muitas expectativas. Sexo, por sua vez, nunca desaponta. Quer dizer, se for só isso que a pessoa procura...

— É uma questão de opinião — ela disparou sem pensar. Os olhos dele examinaram atentamente o rosto de Jéssica.

— Já achou sexo desagradável, Jess? — perguntou com incrível casualidade.

— Algumas vezes — ela murmurou, olhando fixamente para a xícara de café.

— Algumas vezes... ou sempre?

Ela ergueu a cabeça e encarou-o, furiosa.

— Vamos parar com isso, por favor?

— Não. Eu não vou parar. Não consigo entender por que uma mulher linda como você é infeliz sexualmente. Acho que os homens de Sídnei devem estar loucos... ou cegos.

— E você faria melhor? Um homem que eu não amo?

— Gostaria muito de tentar — ele disse, sorrindo com sarcasmo.

— Posso apostar que sim! — ela replicou, com os olhos faiscando. — Então por que não tenta?

Uma voz interior lhe dizia para prosseguir, ir até o fim e satisfazer a febre que aquele homem lhe provocava. Mas algo a impedia.

Depois de mais um longo período de silêncio, durante o qual os dois se encararam fixamente, Sebastian levantou-se e entrou na casa. Nos lábios dele Jéssica pôde notar um sorriso satisfeito.

"Que felicidade poder sorrir desse jeito!", foi tudo em que conseguiu pensar. Tinha certeza de que era a única que não entendera a piada.

Capítulo 9

Sentada numa cadeira de balanço na varanda, Jéssica apreciava a vista. Enquanto isso, sentimentos conflitantes a atormentavam.

A conversa que tinha mantido com Sebastian na sala de jantar provocara-lhe um choque. Sem dúvida os dois sabiam que bastava uma palavra dela para tudo acontecer naturalmente. E uma voz interior continuava a insinuar todo o tipo de pensamentos sensuais em sua mente.

"Você não pode mudar de ideia agora e sabe disso. Quer que ele a leve para a cama. Fazer amor com Sebastian é uma das coisas que você mais desejou na vida!", pensava, angustiada.

Engoliu em seco e tentou esquecer o assunto, desviando o olhar para o céu límpido, que naquela noite exibia a lua cheia e uma miríade de estrelas.

Era uma noite para amantes, pensou. Uma noite feita para o romance. Mas Sebastian não estava à procura de romance. Nem de amor. Ele queria apenas o que a maior parte dos homens sempre deseja. A única diferença é que dessa vez Jéssica queria a mesma coisa: sexo.

Um tremor a acometeu quando pensou no que a palavra significava. Nudez. Intimidade. O ato em si. Era extraordinário pensar que poderia ter aquele homem, completamente nu, em seus braços, e sentiria o contato da pele dele sobre a sua...

Fazia menos de quarenta e oito horas que tinham se conhecido. Para ela, porém, parecia uma eternidade.

— O que está fazendo aqui fora?

Jéssica virou-se e olhou para Sebastian, que estava parado à porta, encarando-a com uma expressão impenetrável.

— Você... já terminou? — ela perguntou com voz trêmula.

Sebastian se oferecera para limpar a mesa depois do jantar, enquanto Jéssica tentava decidir se voltava correndo para o quarto ou não. Nada podia fazê-la sentir-se calma naquele momento.

— Sim — ele disse, sem desviar o olhar. — A máquina de lavar pratos já está funcionando a todo vapor.

— Muito obrigada.

Jéssica abraçou o próprio corpo, sentindo-se subitamente envergonhada. Será que ele a considerava uma mulher vulgar por ter concordado tão facilmente?

Provavelmente sim, concluiu, desanimada. O velho chavão machista era muito forte. Um homem podia dormir com qualquer mulher, sem sentir absolutamente nada. Seria chamado de macho. Já uma mulher como ela, nas mesmas condições, seria chamada de fácil.

— Quero que saiba que eu não disse a verdade agora há pouco — ela começou, na defensiva, apertando os braços ao redor do corpo com mais força.

Depois de avançar lentamente, ele segurou-lhe os braços com firmeza, forçando-a a se levantar, e os colocou ao redor do próprio pescoço.

— Entendo — respondeu, estreitando-a num abraço. — Acontece que mulheres mentirosas me atraem ainda mais...

E a beijou suavemente na ponta do nariz, depois na testa e, finalmente, no canto da boca. Os lábios de Jéssica estavam entreabertos, prontos para receber os dele.

Cruzando os dedos atrás da nuca poderosa, Jéssica puxou-o ainda mais, sentindo os joelhos fracos e a cabeça girando, como se estivesse no meio de um tufão. Sebastian estreitou ainda mais o abraço, fazendo com que os seios roçassem seu peito musculoso.

Mas o que mais a abalava era aquele beijo, que a fazia desejar freneticamente o que ele oferecia. *Precisava* tê-lo dentro de si!

Era uma tortura. Uma pessoa desavisada poderia pensar que se tratava de amor.

"Isso não é amor", ela fez questão de dizer a si mesma. "É apenas luxúria. Sebastian é um homem do mundo, e você sabe disso. O que está experimentando é sexo sem amor, a mesma coisa que homens e mulheres fazem há séculos", procurou se convencer.

Tremeu. Aquilo faria dela uma libertina? Certamente era assim que se sentia, principalmente depois daquele beijo sensual.

— Jess... — ele murmurou.

— Sim?

— Não esperava que tudo fosse acontecer assim — ele confidenciou. — Bem, não importa. Provavelmente foi melhor desse jeito. Mas vou ter que deixar você sozinha por um minuto ou dois...

Na verdade, nem a própria Jéssica tinha imaginado aquilo. Mas achava melhor aceitar, pois as fantasias continuavam a inundar-lhe a mente, acelerando a urgência que seu corpo sentia. Queria que Sebastian voltasse rápido, que a beijasse outra vez com a mesma avidez...

Como se lhe atendesse aos desejos, um minuto depois ele estava de volta, enlaçando-a de novo num abraço apertado.

— Fui rápido — explicou ele, beijando-a na nuca com suavidade. — Não quero perder nem um pouco dessa paixão louca.

Jéssica ouviu apenas a última palavra.

"Devo mesmo estar louca", pensou, desconsolada. "Totalmente louca. Basta ser tocada por ele e me transformo em outra mulher. Uma estranha que só obedece aos instintos. Parece que estou enfeitiçada..."

— Conte-me em que pensou agora há pouco — ele murmurou num tom sedutor. — Enquanto eu a beijava.

Ela meneou a cabeça, tomada por sensações que oscilavam entre o prazer e a dor.

— Pare — balbuciou, insurgindo-se contra o abraço.

Foi então que voltou a imaginá-lo nu, total e lindamente nu.

— Então conte — ele insistiu. — Não vou ficar chocado.

— Oh...

Novamente Jéssica meneou a cabeça, incapaz de encontrar as palavras certas.

— Você estava imaginando o que faríamos na cama — ele sussurrou-lhe ao ouvido. — Não estava?

— Sim — ela confessou com voz trêmula.

As carícias tornaram-se mais ousadas. Sebastian a tocava nas costas, no ventre e nos seios, provocando uma vertigem quase insuportável.

— E *quanto* você me desejou, Jess? — A voz continuava suave como seda. — *Quando* vai me querer?

— Agora — ela balbuciou num impulso. — Agora — repetiu, segundos depois, incapaz de formular outra frase.

— Aqui e agora?

— Sim — ela gemeu.

— Conte mais. O que eu fazia, nos seus pensamentos?

— Você... você me despia. — As palavras saíam num torvelinho. — E me tocava.

— Onde? — Os dedos dele insinuaram-se por dentro do sutiã, tocando-a levemente no mamilo.

— Em toda parte.

— E então, o que acontecia? Eu fazia amor com você? Aqui, na varanda? Aqui mesmo onde estamos?

— Oh! — O rosto dela enrubesceu violentamente.

— Vejo que sim. E eu a satisfazia?

— Sim — ela gemeu.

Por que Sebastian insistia em fazê-la falar? Aquilo a enlouquecia. Era como se seu corpo fosse explodir!

— Quantas vezes?

Ela suspirou, desanimada.

— Eu... não sei.

— O que acontecia com outros homens?

— Como?

Jéssica teve que rir. Sebastian interrompeu subitamente as carícias.

— Está dizendo que nunca foi satisfeita por um homem?

— Apenas... parcialmente.

— Então confie em mim, Jess... — ele disse, segurando uma das mãos dela enquanto a tocava nos seios e desabotoava a blusa de seda.

Ela não fez nenhum gesto de resistência, não esboçou nenhum protesto. Ao contrário, facilitou ao máximo os movimentos de Sebastian, que a essa altura já a livrava definitivamente do sutiã.

Havia algo mágico nas mãos dele. Era como se tivessem muita experiência com mulheres. Jéssica entregava-se às carícias num suave abandono, gemendo de impaciência cada vez que Sebastian as interrompia.

Mas o desânimo desapareceu quando ele abriu-lhe a saia e a fez deslizar pela cintura delgada, deixando-a cair suavemente ao chão.

— Oh! — ela gemeu, quando sentiu o braço forte ao redor da cintura, livrando-a da última peça.

Em seguida Sebastian a abraçou pelas costas, acariciando-a sem parar, e Jéssica sentiu uma estranha vertigem. Sua tensão aumentou quando sentiu os dedos grossos insinuando-se entre as coxas, e teve medo de explodir de prazer. Nunca se sentira tão excitada.

Não queria que aquilo parasse. Não ainda. Segundos depois veio o primeiro orgasmo, poderoso como uma descarga elétrica.

Mas Sebastian parecia saber exatamente onde tocá-la, e como aumentar ainda mais seu desejo. Fechando os olhos, ela recostou a cabeça no ombro largo e abandonou-se languidamente. Era como se estivesse caminhando sobre o fio de uma navalha, a mercê dos toques cada vez mais enlouquecedores daquele homem sedutor.

— Não! Não, eu...

Tarde demais. Já estava perdida, e seu corpo se contraía selvagemente. Sebastian fez com que se abaixasse lentamente, deitando-a devagar sobre o chão enquanto a segurava pela cintura. Jéssica sabia o que aconteceria a seguir... e desejava aquilo. Demais! Suas pernas abriram-se lentamente enquanto ele se despia, deixando clara sua intenção de recebê-lo.

Gemeu ao senti-lo penetrar seu corpo trêmulo. Gemeu outra vez quando ele começou a se mover devagar, provocando reações com as quais ela jamais sonhara. Com uma urgência selvagem, começou a se mover para a frente e para trás.

— Oh! — ela balbuciou ao sentir o segundo orgasmo, ainda mais forte do que o primeiro, e muito mais satisfatório.

Podia sentir que Sebastian desfrutava do mesmo prazer, e ficava feliz por isso. Arqueou o corpo, pressionando-o contra o dele, para aumentar ainda mais a intimidade daquele momento.

— Meu Deus, Jess...

Ele a segurava pela cintura, puxando-a contra si e fazendo-a sentir cada vez mais sua paixão viril. Os lábios percorriam incessantemente uma trilha que começava na boca de Jéssica, descia pelo pescoço e pelo colo até chegar aos seios. Mordiscava os mamilos rígidos e rosados, fazendo com que ela desejasse mais e mais...

O clímax de Sebastian veio mais tarde, acompanhando o terceiro orgasmo de Jéssica. Erguendo a cabeça, ele deixou escapar um gemido abafado antes de abandonar o corpo sobre o dela.

— Sebastian... — ela murmurou, enlaçando-o com suavidade, sentindo-lhe a pulsação acelerada no pescoço. Nunca se sentira tão contente, tão amada.

Ele se deitou de costas, ao lado dela. Jéssica, porém, ainda estava muito aturdida para raciocinar com clareza.

— Não me abandone — murmurou num fio de voz. Foi acariciada no rosto. — Beije-me — pediu num sussurro, enlaçando-o outra vez. Ele a beijou. — Abrace-me.

Sebastian a abraçou, e ela deixou escapar um suspiro. Continuou aninhada nos braços fortes até conseguir recobrar um pouco o autocontrole. Sua mente lhe dizia que a sensação de segurança e carinho era apenas ilusória. Sebastian não a amava. Só a desejava fisicamente. Qualquer mulher poderia ter provocado a mesma reação. Ele mesmo confessara isso...

Quanto a ela, sabia que não fora impelida só pelo desejo. Sabia que algo profundo e misterioso a

atirava nos braços de Sebastian.

Capítulo 10

Jéssica despertou e soltou um gemido. Sentia que todas as fantasias que tivera em relação a Sebastian haviam se concretizado.

Seus olhos demoraram alguns segundos para se acostumar à escuridão. Então ela pôde notar que o lugar a seu lado, na cama, estava vazio.

Um movimento vindo da porta que dava para a varanda, porém, chamou-lhe a atenção.

— É você, Sebastian? — perguntou, ansiosa.

O vulto entrou no quarto, impedindo a entrada da luz do luar.

— Quem mais? — ele murmurou, deitando-se. Jéssica contemplou por um instante aquele majestoso corpo nu. — O que foi? Acordou por causa de algum pesadelo?

— De certa forma. — Ela ergueu-se, apoiando-se nos travesseiros, e cobriu os seios nus tomada por um súbito impulso de pudor.

Queria falar sobre o que fariam no dia seguinte, apesar de ainda estar no meio da madrugada.

— O que há de errado? — ele perguntou, apoiando-se em um covelo e encarando-a fixamente.

Os olhos dela, já acostumados à escuridão, podiam vê-lo por completo. Parecia ainda mais sensual do que antes.

Aquilo não passara de prazer sexual, concluiu. Não havia nenhum futuro ao lado de Sebastian. Nenhuma esperança de amor, comprometimento... ou casamento. Ele podia ser um bom amante, mas provavelmente não estava disposto a ir além disso. Afinal de contas, tinha trinta e oito anos. Se quisesse formar uma família, teria feito isso antes.

— Sebastian — ela começou, a voz trêmula expressando um certo pânico.

Ele ergueu as sobrancelhas de forma inquiridora, e acariciou-a levemente no rosto.

— O que foi, Jess?

— Você... quer dizer... Oh, não consigo falar, mas... mas você... tomou cuidado?

A mão dele interrompeu a carícia e os olhos azuis tornaram-se, de súbito, frios e sem brilho.

— Claro — disse num tom entediado. — Achou que eu fosse algum tolo? Entretanto... acho que era a *mim* que eu estava protegendo.

A insinuação a magoou.

— Vamos lá, Sebastian. Você pode estar só há muito tempo, mas tia Lucy na certa o atendeu muitas vezes. E quem pode garantir que você tenha sido o primeiro amante dela?

Ele afastou-se um pouco, com os punhos cerrados e os olhos faiscando perigosamente.

— Fale assim de Lucy mais uma vez e eu vou... vou...

Parecia sinceramente ressentido. Talvez fosse um ataque de ciúme. Quem sabe ele realmente tivesse amado tia Lucy, e só fizera amor com Jéssica por sentir atração sexual?

Bem, pelo menos isso aquele demônio sentira, ela concluiu, furiosa. Podia não gostar dela, mas a desejava loucamente. Sentia um prazer perverso em saber que possuía tanto poder sobre um

homem.

Saboreou a sensação. Afinal de contas, desejara aquilo tanto quanto ele. Com a língua, descreveu um círculo sedutor nos lábios de Sebastian, num gesto altamente provocante.

— Vai fazer o quê? — ela sussurrou roucamente, mordiscando-lhe levemente o lábio superior.

— Sua vadia... Vou fazê-la pagar por isso.

— Promessas, promessas... — ela replicou, consciente de provocá-lo, mas incapaz de se conter. Tudo o que queria era seduzi-lo outra vez. Faria qualquer coisa para reviver aqueles momentos de prazer. Qualquer coisa. — Diga-me do que gosta — pediu, mantendo a voz rouca, passando a língua pelos próprios lábios. — Diga-me, e eu farei...

Ele a contemplou por um instante. Depois levantou-se de um salto e saiu do quarto, batendo a porta.

Jéssica ficou inerte na cama, confusa. Sebastian não queria mais fazer amor. Não se interessava mais por ela.

O pensamento trouxe desespero a seu coração, provocando também um tremor que percorreu-lhe o corpo. Não suportaria vê-lo sem poder se aproximar.

Contendo um suspiro, decidiu se levantar e procurá-lo. Tinha que fazer algo, trazê-lo de novo para a cama. Saiu do quarto sem se preocupar em colocar a roupa.

Encontrou Sebastian na sala de estar, sentado no sofá. Nas mãos, tinha um copo com uma bebida, que pela aparência devia ser uísque. As luzes estavam apagadas, mas a ampla janela permitia que o luar iluminasse todo o ambiente.

Jéssica engoliu em seco ao ver outra vez aquele corpo magnífico.

— Então você está aí — disse, tentando parecer divertida. Ele lançou-lhe um olhar selvagem.

— Veio zombar, não foi?

— Zombar?

Sebastian riu e colocou o copo na pequena mesa ao lado do sofá.

— Você me tratou como um idiota, Jess, e, imbecil como sou... eu caí direitinho. Vai querer fazer seus jogos outra vez? Já usou antes aquela história de nunca ter sido satisfeita para conquistar outros amantes? Presumo que uma garota da cidade, esperta como você, deva saber vários truques como esse... — Fez uma pequena pausa e sorveu outro gole da bebida. — Mas tudo bem. Basta me dizer o que *você* quer — murmurou, tomando o terceiro gole de uísque. — Fique tranquila, não vou decepcioná-la. Deixe-me beber um pouco mais dessa coisa e então estarei pronto para tudo. Só tenho que tirar da cabeça a estúpida ideia de que essa noite podia ter sido especial.

Levantou-se, caminhando em silêncio até a janela, e depois soltou um suspiro desanimado.

— Droga, eu devia estar louco. Talvez esteja morando em Norfolk Island há tempo demais. Precisava mesmo conhecer uma mulher promíscua de Sídnei para voltar ao normal. Foi estupidez pensar que eu podia ser especial para você, quando na realidade não passei de mais um amante!

— Não! — ela negou enfaticamente, sentindo as lágrimas rolarem pelo rosto. — Isso não é verdade. Nada do que você disse é verdade. Eu nunca tive amantes ocasionais, e você *é* especial para mim. Jamais experimentei nada parecido ao que aconteceu hoje à noite. Você... despertou algo em mim... algo selvagem, que desafia meu próprio pudor. Mas foi por sua causa. Só por *sua* causa.

Sebastian nada falou, limitando-se a encará-la com uma expressão impenetrável. Jéssica limpou as lágrimas com as costas da mão e voltou a fixar o olhar nele.

— Você não acredita em mim, não é? — Estudou a fisionomia marcante e implacável. — Não acredita em mim — murmurou, desconsolada.

— Isso importa? Essa noite foi um engano. Eu e você... *nós* somos um engano. Não vai funcionar. Acredite quando digo que não vai voltar a acontecer.

— Você não pode fazer isso!

— É o que pretendo — ele afirmou, deixando por um segundo que seu olhar passeasse pelo escultural corpo nu de Jéssica.

Ela notou-lhe a vulnerabilidade e aproveitou-se da chance, enlaçando-o pelo pescoço e pressionando o corpo contra o dele.

— Não vou deixá-lo ir — disse com a habitual petulância, mas com um toque sedutor.

— O que quer de mim, Jess? Diga logo. E não minta, por favor. Preciso saber a verdade.

— Eu... quero que seja meu amante enquanto estiver aqui — ela sussurrou, esperançosa. Sabia que querer mais seria uma fantasia ingênua.

— E quando o mês acabar? O que acontecerá?

— O que quer dizer?

— Vai conseguir partir sem olhar para trás? Sem querer me ver... nunca mais?

— Eu... eu...

— Jure agora mesmo que não vai se apaixonar por mim! — ele exigiu com firmeza, puxando-a para mais perto. — Que tudo o que quer de mim é sexo!

Jéssica tentou dizer algo. Seus lábios chegaram a se abrir, mas tornaram a se fechar. Ela sabia que não conseguiria mentir daquele jeito. No íntimo, tinha plena consciência de que estava se apaixonando por ele.

— Não — admitiu, aliviada por conseguir dizer a verdade. — Eu não posso jurar isso.

Um suspiro profundo escapou dos lábios de Sebastian, que em seguida acariciou-a levemente no rosto.

— Está bem, então — murmurou e, antes que Jéssica pudesse pensar, beijou-a levemente nos lábios. — Já suportei minha cota de vadias, Jess. Se quiser alguém em minha cama no próximo mês, vou querer uma mulher de verdade, com sentimentos reais. Deus, por um instante cheguei a pensar que você seria capaz de fazer aquele juramento... — Ele riu, e seu riso era um misto de prazer e alívio. — Que mês vamos ter pela frente! Agora posso fazer amor com você de novo. Posso fazer tudo... tudo o que você quiser...

Sebastian a amou outra vez, ali mesmo na sala. Depois carregou-a para o quarto e fez tudo de novo. E de novo, e de novo...

Ele não mentira, pois levou-a a conhecer sensações que Jéssica jamais fora capaz de imaginar.

— Não aguento mais — ela sussurrou, exausta, depois de fazer amor com ele por praticamente toda a madrugada.

Sebastian riu, abraçando-a outra vez. Não se cansava de dizer que ela era a mulher mais

desejável, mais sensual que conhecera.

Ela nunca sentira uma felicidade tão grande. Seu corpo, entretanto, estava completamente exausto. Caiu em um sono profundo, e teria dormido até tarde... se Evie não tivesse chegado para preparar o almoço.

Capítulo 11

— Ó de casa! Há alguém aí?

Jéssica acordou de imediato, reconhecendo a voz de Evie e notando que já era tarde. Não sabia ao certo que horas eram, mas o sol já estava alto no céu.

— Oh, meu Deus! Evie!

A mão de Sebastian, sobre seu braço, impediu-a de sair voando da cama.

— Ela já estava desconfiando, Jess. Não há sentido em esconder nada.

Jéssica o encarou como se o considerasse louco, afastando-se e pulando da cama.

— Não se atreva a dizer uma palavra! — ela sibilou, sentindo o coração bater alucinado. — Se fizer isso, mato você, juro!

Ele riu.

— Se você fizer isso, será o primeiro crime dos últimos cem anos em Norfolk Island.

— Não brinque, por favor — ela gemeu, sentindo o estômago revirar. Só conseguia pensar no que aconteceria se Evie a visse naquele estado ao lado de Sebastian. Afinal de contas, ainda estavam nus. — Oh, meu Deus, preciso pegar minhas roupas na varanda! Será que ela vai me ver se eu sair pela porta dos fundos e for para o meu quarto pela varanda?

— Não, se você correr bastante. Ela deve ter ido direto para a cozinha, preparar a refeição. Fica do outro lado da casa.

— Graças a Deus! — Jéssica suspirou, aliviada.

— Não vai me beijar antes de sair? — Sebastian indagou, sorrindo ao observar-lhe a agitação.

— Não seja tolo. Oh... tudo bem.

Mas, quando se inclinou para beijá-lo, Jéssica foi puxada de volta para a cama. Quis reagir, mas sabia que isso podia chamar a atenção da cozinheira.

— Pego você mais tarde — ameaçou-o, quando se viu livre, ajeitando os cabelos.

Uma brisa soprava pela janela e a fazia sentir-se ainda mais consciente da própria nudez.

— Promessas, promessas... — ele murmurou, repetindo com ironia o que Jéssica dissera na noite anterior.

Dessa vez ela não se incomodou em responder. Saiu dali, correndo para a varanda. Ao ver as roupas espalhadas pelo chão, porém, sentiu uma gostosa sensação de pecado.

As imagens sensuais retornaram à sua mente, mas Jéssica não as alimentou. Apressou-se em apanhar tudo, temendo ouvir a voz de Evie a qualquer momento. Não suportaria um encontro tão humilhante.

Ao entrar no próprio quarto, olhou de relance para a cama arrumada, imaginando se voltaria a dormir nela durante aquele mês.

"Não, se eu puder evitar", pensou com malícia.

Não, não era malícia, concluiu. Era maravilhoso. Fazer amor daquele jeito era maravilhoso! Não

devia se envergonhar de nada. Mesmo sem saber o que o futuro lhe reservava, estava determinada a aproveitar cada momento na companhia de Sebastian.

"Deixe para se preocupar amanhã", disse a si mesma com esperança.

Normalmente, encarava a vida de forma pragmática e objetiva. Mas queria mandar tudo para o inferno naquele instante. Tudo, exceto Sebastian.

Entrou no chuveiro sorrindo, para um banho rápido, e vinte minutos depois já estava na cozinha.

— Bem, aqui está a senhorita dorminhoca! — Evie brincou ao vê-la entrar, sem parar de se ocupar com uma tigela de vegetais. — Sebastian disse que achou melhor deixá-la dormir. Contou que ficaram até tarde jogando cartas. Não sabia que gostava de jogos... Lucy também era apaixonada por eles, sabia? Qual é seu jogo favorito?

Jéssica teve que pensar rápido. Mataria Sebastian logo que o encontrasse... entre outras coisas.

— Oh, eu gosto de todos — disse com casualidade, tentando desesperadamente não corar.

— Isso é bom. Assim, você e Sebastian terão uma oportunidade de se divertir, à noite. Deve estar aborrecida sem televisão, não é? Além disso, o jogo fez muito bem para o seu humor — Evie comentou, com certa maldade. — Está positivamente gloriosa nessa manhã. E o azul lhe cai muito bem, não acha?

— O quê? — Jéssica perguntou, distraída com as recordações da noite anterior. Sem dúvida, aquilo não a deixara nem um pouco aborrecida. Disso tinha absoluta certeza! — Oh, sim. Azul. Acho que sim, mas acredito que fica bem em qualquer pessoa, não concorda?

Escolhera um short e um *top* azuis mais por causa do calor do que por qualquer outro motivo. Aquele dia amanhecera mais quente do que o anterior, e o sol brilhava de forma intensa. Também não usava maquiagem nem adornos.

Parecia uma pessoa bastante diferente da mulher que descera do avião no domingo. Incrivelmente mais relaxada e feliz.

— Se quiser tomar chá, fiz um pouco — Evie ofereceu. — Acho que ainda está quente.

— Sim, obrigada — Jéssica aceitou. Sua voz era quase um murmúrio.

— O pobre Sebastian me pediu para fazer — Evie comentou. — Ele disse que não estava passando bem do estômago. E eu imagino o porquê — acrescentou, divertida. — Notei que a garrafa de uísque está pela metade. Ele disse que teve um pouco de insônia. Mas claro que a bebida não lhe fez bem. Você precisava ver a cama dele. Era uma confusão, com lençóis espalhados por todo canto. Deve ter sido uma crise e tanto de insônia...

Jéssica esforçava-se para não parecer culpada, mas as observações de Evie vinham carregadas de duplo sentido.

— Insônia é uma coisa terrível — comentou de modo distraído, servindo-se de uma xícara de chá.

— Pode acreditar — a cozinheira concordou. — Estou fazendo apenas um bife grelhado e uma salada leve, pois Sebastian pediu algo simples para comer. Tudo bem para você?

— Perfeito. Vou levar esse chá para ele. Está no quarto?

— Provavelmente. Foi para o outro banheiro, tomar um banho. Mas deve estar na escrivaninha

a essa altura, tentando escrever e cumprir o prazo de entrega do romance.

Evie se enganara. Sebastian não estava escrevendo. Sentado na varanda, diante do quarto, contemplava a paisagem. Vestia apenas bermudas.

Jéssica engoliu em seco, voltando a sentir-se atraída ao vê-lo daquele jeito, quase nu. Talvez, se fizesse amor com aquele homem por uma ou duas semanas, aquela sensação diminuísse um pouco.

— Aqui está o chá que pediu — ela disse, sorrindo ao estender a xícara.

A bebida fora uma boa desculpa. Assim, pudera aproximar-se dele outra vez.

Sebastian lançou um olhar estranho na direção dela. Depois sorveu lentamente um gole do líquido fumegante.

— Em que está pensando? — ela perguntou.

— Não acha que acordou muito curiosa?

— Bem, eu só queria compartilhar isso com você. Vou repetir: em que está pensando?

— Na possibilidade de esquecer o trabalho hoje.

— Oh... — Jéssica ficou feliz, mas não queria demonstrar. — Por causa da ressaca?

— Bem, isso ajuda. Tenho certeza de que não posso fazer nenhum trabalho mental. Minhas habilidades criativas ficaram, por assim dizer, obscurecidas. Como, aliás, muitas outras coisas. Na verdade, sinto-me péssimo.

— Ressacas *são* coisas péssimas — ela comentou.

— Eu não estava pensando na ressaca — ele retrucou, malicioso, fixando o olhar no corpo feminino. — Você podia ter colocado um sutiã, Jess. O que está tentando fazer comigo?

Ela teve que rir.

— É o roto reclamando do esfarrapado...

— De que diabos está falando?

— Você por acaso tem ideia do que faz *comigo,* andando pela casa seminu o tempo todo? Do que me faz desde o momento em que o vi pela primeira vez?

As sobrancelhas dele ergueram-se, e sua expressão era de curiosidade.

— Não. O que faço a você?

— Coloca pensamentos indecentes em minha cabeça. — Ao dizer isso, contemplou sem pudores o peito musculoso.

— Droga, não me olhe assim. Vai acabar me matando desse jeito. Me dê uma hora ou duas de descanso, pelo menos.

— Pobre Sebastian! — Jéssica passou um dedo no peito largo, de maneira provocante.

— Vou descansar, e não trabalhar, depois do almoço. Não quer massagear minhas costas? Ou outras partes do meu corpo, se preferir?

— Só se eu puder pentear seus cabelos — ela respondeu. Sebastian ficou surpreso.

— Escovar meus cabelos? Por quê? Estão embaraçados?

— Não — ela murmurou. — Eu apenas gostaria de penteá-los.

— Tudo bem. Fique à vontade.

"Eu gostaria de fazer muitas outras coisas", ela pensou enquanto observava Sebastian tomar o chá. "Gostaria de beijá-lo inteiro, massagear cada parte do seu corpo com óleo e fazê-lo gemer de prazer. Queria fazê-lo sentir a mesma coisa que ele me fez sentir na noite passada."

— Evie está preparando bife e salada para o almoço — disse, mudando bruscamente de assunto.

Sebastian gemeu.

— Nem posso pensar em comida.

— Não pense. Apenas coma.

Dessa vez ele pareceu pensativo.

— Você gosta de dar ordens, não é?

— Não. Na verdade, sou uma pessoa muito doce — Jéssica murmurou com ironia. — Mas alguém tem que dar as ordens, ou então nada funciona.

— Por que tudo tem que funcionar?

— Não comece de novo, Sebastian. Não vai adiantar. Você se imagina um espírito livre, mas deve saber que precisa de disciplina para terminar seu livro, ou ele nunca ficará pronto.

— Isso é diferente.

— Por quê?

— Porque foi o que escolhi fazer. Sem ninguém para me dar ordens.

— Que feliz você é. Mas se ficar pobre e com fome, vai descobrir que não tem opção. Todos têm que trabalhar para viver, e isso geralmente implica dar e receber ordens.

— Mas que língua rápida você tem, Jess! Francamente, posso pensar em usos melhores para ela.

O rosto de Jéssica enrubesceu de imediato. Ele a encarava fixamente.

— Não me diga que nunca fez isso. Minha credulidade tem limites.

Jéssica desviou o rosto.

— Acredite no que quiser — murmurou, ofendida.

— Ora, não fique irritada comigo. Acredito que não fez. Honestamente. — Aproximou-se dela, tocando-a com suavidade. — Gosto de você assim mesmo. — Com o dedo, acariciou-a na boca. — Lábios tão sensuais, apesar de tão inocentes...

Mas Jéssica não se sentia inocente naquele momento. Continuava, na verdade, pensando no que ele dissera e imaginando as cenas. Seu olhar deixava bem claro que seria capaz de qualquer coisa para agradá-lo. Para fazer sexo com aquele homem de novo.

— Você já mudou de ideia? — ele murmurou, segurando-a de leve pelo queixo.

— Sobre o quê? — Jéssica perguntou, sem saber a que Sebastian se referia.

— Sobre vender este lugar. Posso cuidar dele de graça... Se você jurar voltar sempre para mim.

Apesar de ter prometido mandar a cautela pelos ares, Jéssica hesitou.

— Não... eu não mudei de ideia — disse com cuidado. — Veja bem, não vamos falar sobre isso agora. Podemos acabar discutindo, e não quero brigar com você outra vez.

Sebastian meneou a cabeça, sorvendo um gole de chá e olhando para o panorama que tinha diante dos olhos.

— Como pode preferir Sídnei em vez disso? — ele perguntou, fazendo um gesto amplo que indicava a beleza do lugar.

Para Jéssica porém, o vale, apesar de belo, era apenas outra paisagem. Depois de alguns dias, provavelmente iria se tornar monótona.

— É adorável — ela admitiu. — Gosto daqui. É sossegado e relaxante.

— Isso quer dizer que acha um lugar bom para visitar, mas nunca para viver, acertei? — ele arriscou.

— Não vou deixar você me provocar hoje, Sebastian. Estou muito feliz.

Por um instante ele fez uma careta, depois sorriu. Foi um sorriso muito sexy.

— O que quer que eu faça, então?

— Nada que você já não faça muito bem —Jéssica sussurrou, pegando a xícara e sorvendo um gole.

Ele tirou a xícara dos dedos dela, dando-lhe um abraço e beijando-a em seguida.

— Ora, Sebastian! — ela reclamou. — Pode ser que você não se importe com o que Evie pensa, mas eu sim!

— Certo.

— Além disso, pensei tê-lo ouvido dizer que não estava em condições... — zombou suavemente, piscando. Mais uma vez era tomada por aquela estranha vertigem.

Depois de encará-la por um instante, Sebastian estreitou o abraço e beijou-a novamente, dessa vez de maneira mais apaixonada.

— Bem, acho que agora você já sabe — ele murmurou junto aos lábios femininos, entreabertos. Seus olhos azuis faiscavam.

— Sei o quê? — Jéssica balbuciou.

— Que sou um mentiroso.

Por um instante ela não soube o que pensar. Havia alguma coisa assustadora na maneira como ele a olhava. Mas então Sebastian riu, afastando-se em seguida.

Jéssica ainda se sentia desorientada. O sorriso irônico e a expressão estranha dele segundos antes não lhe saíam da cabeça. Por que Sebastian teria mentido ao dizer que estava cansado? Afinal de contas, não tinham nenhum compromisso sério. Eram apenas amantes. E Jéssica tinha certeza de que seria uma tolice esperar mais do que isso.

— Bem... — ela murmurou, escolhendo as palavras. — Que acha de me levar até a cidade? Tenho que fazer compras outra vez.

— Deixe-me adivinhar. Você... comprou a cor errada de esmalte?

— Não, eu me esqueci de comprar algodão para colocar entre os dedos. Quando não se faz isso, é impossível cuidar das unhas dos pés.

— Como pude viver até hoje sem saber desse detalhe? — ele zombou.

— Acontece que você não é mulher. Mas, voltando ao assunto, por que não põe uma camiseta e me leva, antes que Evie sirva a refeição?

— Aí está você, dando ordens de novo!

— Pode me punir por isso mais tarde — ela comentou, brincalhona, correndo para a cozinha antes que pudesse ser alcançada.

— Sebastian vai me levar até a cidade, Evie. Não vamos demorar muito.

— É bom mesmo. Vou servir o almoço dentro de uma hora; depois terei que sair. Só voltarei por volta das cinco e meia. Pobrezinha, eu gostaria de lhe fazer companhia... o que vai fazer a tarde toda? Posso apostar que Sebastian vai se enfiar dentro daquele quarto para escrever!

Jéssica encolheu os ombros.

— Oh, não planejei nada. Mas tenho certeza de que encontrarei algo com que preencher meu tempo...

Capítulo 12

— Vocês dois parecem bem-humorados — Evie comentou enquanto servia a refeição.

Jéssica colocou um pedaço do bife na boca para esconder a própria vergonha... Muito embora "vergonha" não fosse a palavra adequada. Na verdade, não via nada de errado no fato de ter passado a tarde inteira na cama com Sebastian. Aqueles haviam sido momentos maravilhosos, repletos de carinho e prazer, paixão e alegria.

Sim, "alegria" era a palavra certa!

Sorriu ao lembrar-se de Sebastian pintando-lhe as unhas, depois de passar por uma sessão de massagem, aplicada com toda ternura por Jéssica. Ele fizera um ótimo trabalho, mesmo tendo pouca prática. E, apesar das brincadeiras dela, fora uma experiência excitante ter as unhas pintadas por um homem.

Quando ele terminou, Jéssica quase não podia mais esperar o instante de tê-lo nos braços. Desejava-o de maneira tão intensa, tão aguda que não o deixou sequer tirar os chumaços de algodão dos pés.

Nunca tinha imaginado que pudesse sentir tanto prazer apenas nos seios. Sebastian a acariciara por muito tempo, de maneira delicada e deliciosa...

— Jess e eu somos grandes amigos agora, não somos? — Sebastian perguntou com fingida inocência. — Eu até mesmo deixei o livro de lado esta tarde, para poder ciceronear melhor nossa hóspede.

— Boa iniciativa, Seb. E então, onde a levou? Pelo que sei, conheceram apenas a cidade e a baía Emily...

— Eu a levei a lugares com os quais ela jamais sonhou.

Jéssica queria estrangulá-lo. Estava terrivelmente embaraçada e não sabia para onde olhar.

— Bem, claro que ela não podia sonhar com esses lugares, seu maluco — Evie murmurou com impaciência. — Afinal de contas, nunca esteve na ilha, não é mesmo, Jéssica?

— Verdade — foi tudo o que ela conseguiu dizer, sentindo que ficava cada vez mais pálida.

E pensar que Sebastian ainda reclamava de sua língua rápida!

— Já a levou até a baía Anson? — a cozinheira perguntou.

— Ainda não.

— E ao pico do Monte Pitt?

— Não.

— E à baía Cascade?

— Não.

— Então onde diabos a levou?

— Eu quis ir à cidade outra vez — Jéssica mentiu, desesperada para interromper o interrogatório. — Precisava fazer compras. Existem algumas lojas muito interessantes lá.

— Prometo que vou levá-la para um belo passeio amanhã, Evie. — Os olhos azuis dele

brilharam ao encarar os de Jéssica, como se fizessem uma promessa sensual.

"Céus!", ela pensou. "Como esse homem é sexy!"

Sabia que seu rosto estava ruborizado, e notou que dessa vez Evie percebera. Evitou encarar a ambos e ensaiou um sorriso desajeitado.

— Fico feliz por notar que começaram a se entender — a cozinheira alfinetou. — Sua tia Lucy ficaria muito feliz com isso.

Jéssica mordeu o lábio inferior, pois constatou que se esquecera de modo completo das perguntas que queria ver respondidas dois dias antes. Fazer amor alucinadamente com Sebastian a impedira de pensar em qualquer outra coisa.

Mas naquele momento a necessidade de fazer aquelas perguntas voltou, assim como a vontade imperiosa de conhecer toda a história da família que Joanne deixara em Norfolk Island.

— Por falar em tia Lucy, há uma coisa que eu queria perguntar a vocês dois — murmurou. — Ela deve ter deixado recordações. Vocês sabem, fotos, cartas... esse tipo de coisa. — Franziu as sobrancelhas ao lembrar que não havia nenhuma foto em toda a casa, o que não era muito comum. — Será que estão empacotadas em algum lugar? Eu realmente gostaria de vê-las. Deve haver alguma pista para... bem, vocês sabem...

— Há uma pequena caixa no alto do guarda-roupas dela — Sebastian respondeu de forma evasiva. — Pode ser que ache alguma coisa lá, mas duvido.

— Duvida por quê?

— Mexi em tudo quando estava procurando pelo testamento. Não encontrei nada ligado à sua mãe. Mesmo assim, você vai gostar de ver algumas daquelas fotos. Desculpe, mas até este instante eu nem tinha me lembrado de entregá-las a você.

Jéssica meneou a cabeça num gesto amistoso.

— Eu devia ter perguntado antes. Não sei onde minha cabeça estava.

— Não há problema — Evie disse com gentileza. — Pode ver tudo logo que terminar seu café.

— Farei isso. — Ela sabia que devia existir algum detalhe que a ajudasse a montar os pedaços daquele quebra-cabeça.

— Não fique tão esperançosa — Sebastian advertiu logo que Evie saiu do salão.

— Posso ver algo que você não notou — ela murmurou. — Uma mulher observa as coisas de uma perspectiva diferente da de um homem, você sabe.

— Verdade. Só não quero que imagine coisas.

— Que tipo de coisas?

Ele encolheu os ombros.

— Só Deus sabe. As mulheres também tendem a dramatizar tudo. Ver problemas onde eles não existem. Se há duas respostas para uma pergunta, elas sempre vão escolher a menos provável. E, quando uma resposta não as agrada, preferem mentir para si mesmas, na maioria das vezes.

— Não sou assim. Gosto de encarar tudo de maneira objetiva. E não sou mentirosa.

— Quer fazer um teste?

— Se você quiser...

— Quantos amantes você teve antes de me conhecer?

— Três.

Sebastian ficou espantado, mas satisfeito.

— Três idiotas, posso afirmar. Deixaram-na ir embora.

— Concordo totalmente, Sebastian. E também prefiro *você* em minha cama.

— Espero que se lembre disso quando o mês acabar.

— Digo o mesmo.

Os olhos dele fixaram-se nos dela.

— Você acha que irei atrás de você, não acha? Mas não vou, pode apostar nisso. Por outro lado, eu a quero muito, Jess. E não apenas por um mísero mês. Então considere-se avisada. Quando desejo alguma coisa, posso ser totalmente inescrupuloso.

— Eu me conheço muito bem — ela comentou, séria. — Portanto sugiro que reconsidere sua ideia sobre viver em Sídnei, ou pelo menos sobre me fazer visitas frequentes.

Ele continuava a encará-la.

— Mas você é mesmo uma mulher difícil, hein?

— Bem, já estou avisada. Fique tranquilo.

— Sabe que não vou jogar limpo...

— Isso não é um jogo, Sebastian. Não jogo com a minha vida.

— Sim, você está certa. Não é um jogo. É muito sério... Lembre-se disso.

Por alguns segundos ambos ficaram em silêncio. Jéssica tinha que admitir que gostava daquele novo Sebastian, mais ousado e envolvente. Além disso, era extremamente estimulante saber que ele tentaria conquistá-la. Principalmente se usasse alguns dos truques que começava a lhe mostrar...

Mas talvez alguns desses truques a ferissem, pensou, sentindo-se subitamente apavorada. Devia preocupar-se com isso?

— Você... não vai me machucar, não é mesmo? — perguntou num fio de voz.

A expressão dele demonstrou surpresa.

— Ora, claro que não! De que pensou que eu estava falando?

— Não estou certa. Sobre o que falávamos?

— Eu apenas quis dizer que vou tentar ser mais gentil a cada dia, até que você não consiga mais me deixar.

Um pensamento aterrador veio à mente de Jéssica. Ele estava certo. Se ela não tomasse cuidado, acabaria ficando à mercê daquele homem. Cega e irresistivelmente apaixonada.

Já podia ver a si mesma vendendo o apartamento, desistindo da carreira em Sídnei, abandonando tudo para ficar ao lado dele. E isso apesar de ter sérias dúvidas sobre aquele relacionamento maluco. Sebastian não a amava. E além disso, ela não queria passar o resto da vida naquela ilha. Isso não.

— Diga alguma coisa, Jess — ele pediu, forçando-a a encará-lo.

— O que quer que eu diga?

— Diga que me quer tanto quanto eu a quero.

— Você sabe que é verdade — ela sussurrou com voz rouca.

— Não mentiria sobre isso, não é?

— Não.

Então ele sorriu. E seu sorriso invadiu o coração de Jéssica como nunca acontecera.

Foi naquele instante que ela descobriu. Os sentimentos que nutria por Sebastian não eram apenas relacionados à luxúria. Estava, sim, apaixonada por ele.

"Oh, não..."

Abaixou a cabeça e continuou a refeição em completo silêncio.

Capítulo 13

— Você estava certo — Jéssica comentou, erguendo os olhos da caixa de fotografias e fixando-os em Sebastian. — Não há nada aqui. Nenhuma menção a minha mãe. Nem mesmo uma foto.

Ela estava sentada, de pernas cruzadas, sobre a cama de Sebastian, enquanto ele permanecia na escrivaninha. Preferira ficar escrevendo enquanto ela examinava o conteúdo da caixa. Virando-se na cadeira, Sebastian a encarou.

— Tentei lhe dizer, Jess — ele murmurou suavemente. — Mas foi bom você mesma ter visto.

Ela franziu as sobrancelhas, intrigada.

— Ela deve ter queimado muita coisa. Não há quase nada aqui. As únicas coisas que posso guardar são essas fotografias de meus avós e de tia Lucy quando menina. Oh, e não posso me esquecer dessa, do casamento dela. Devo admitir que seu marido era bem bonito. Podia ter sido um astro de cinema. Posso entender por que Lucy era tão devotada a ele.

— Beleza é apenas beleza — Sebastian disse bruscamente. — Ele era um canalha. Um grande canalha.

— Não estou dizendo o contrário. Simplesmente o achei bonito. Diga-me, por acaso sabe alguma coisa sobre o passado dele?

— Não. Nem mesmo Lucy sabia. Ele desembarcou na ilha quando ainda era um rapaz, empregou-se num barco de pesca e casou-se com sua tia alguns meses depois. Posso estar sendo cínico, mas, em vista do que Lucy descobriu sobre ele pouco antes de morrer, posso dizer que esse fulaninho se casou apenas para permanecer na ilha, e não porque a amasse. Um homem como Bill Hardcourt gostava de coisas fáceis...

— Quem lhe contou que tia Lucy desconfiava da fidelidade do marido? — Jéssica perguntou.

— O médico que cuidou dela. Ele aparentemente a conhecia há muito tempo. E me disse que se sentira mal por ter deixado Lucy pensar que era estéril por tantos anos, quando na verdade desconfiava que Bill havia feito uma vasectomia. Pelo que o homem me contou, pouco antes da morte de Bill eles se encontraram num bar da cidade, e o canalha ficou se gabando de um romance com uma garota da ilha. Obviamente não era a esposa dele, como você pode adivinhar...

— Mas que história triste!

Sebastian ficou com o olhar perdido por um momento, como se precisasse de tempo para reorganizar os pensamentos.

— Ligando as coisas, o médico lembrou-se de uma garota que deixara a ilha alguns anos antes para fazer um aborto no continente. A menina, pelo que entendi, se negara a dizer o nome do pai, que, segundo ela, era um homem casado. Depois da morte de Bill, o médico juntou as pontas do caso e... Bem, de todo modo só foi contar essa história a Lucy cerca de dois anos atrás.

— E ela, como reagiu?

Ele fez uma careta, deixando claro que não gostava da história que contava.

— Ficou péssima. Pessoalmente, acho que o velho tolo devia ter mantido a boca fechada. Ele esclareceu a história, mas acabou com a paz de espírito de Lucy.

Jéssica concordou.

— Você está certo. Ele não devia ter contado a ela. Isso deve ter partido o coração da pobre tia Lucy. Imagine, descobrir que o homem a quem fora devotada por tantos anos não passava de um canalha!

— E tem mais! — Sebastian suspirou. — Acho que ela desconfiava da história há muito tempo. O problema era que, apaixonada como estava, recusava-se a acreditar nos boatos.

— Sim, ela deve ter ouvido muitos rumores sobre o marido, vivendo num lugar pequeno como esse.

— Evie disse que todos comentavam sobre o comportamento de Bill. Também disse que ele não chegou aqui por acaso. Parece que o dono do barco em que trabalhava tinha uma esposa muito jovem e bonita...

— Isso combinaria com Bill. Que grande mau-caráter!

— Perfeitamente — Sebastian murmurou, desanimado. — Penso que não existe nada pior do que homens infiéis... ou mulheres infiéis — completou.

Ela já não o ouvia mais, perdida nos próprios pensamentos. Subitamente, porém, ergueu a cabeça com excitação.

— É isso, Sebastian! É isso!

— É isso quê?

— A garota que deixou a ilha! Aquela que ficou grávida! Aposto que minha mãe descobriu tudo e contou a Lucy. Isso, obviamente, deve ter provocado a briga que antecedeu o afastamento das duas. Sem dúvida, Bill deve ter mentido para se defender. Deve ter sido o responsável pela partida de mamãe. Talvez tenha feito Lucy escolher entre ele e a irmã.

— Hum...

Jéssica balançava o corpo com excitação na cama, certa de que descobrira uma solução lógica para o problema.

— Bem, o que você acha? — perguntou, ansiosa. — Acha que posso estar certa?

Sebastian reagiu com uma falta de entusiasmo irritante.

— Pode estar, acho...

— Acredita que estou me comportando de maneira melodramática, não é?

— Ora, garota, claro que não! — ele replicou, impaciente. — Tenho certeza de que outra mulher já teria inventado uma teoria muito mais picante.

Ela suspirou, satisfeita.

— Bem, sinto-me muito melhor. Agora *sei* como tudo aconteceu. Evie me contou que viu minha mãe discutindo com Bill certa vez, ao lado da estrada. Parece que mamãe o empurrou. Era muito corajoso da parte dela, não acha? Ele era um homem enorme!

— Muito corajoso.

— Que vergonha Lucy não ter confiado na própria irmã...

— É difícil desconfiar de alguém quando se está apaixonado.

— Acredito que sim — ela murmurou, pensativa, olhando de relance para Sebastian. — Não está tentando me dizer algo, está? Você, por acaso, não é um ladrão internacional ou coisa do gênero, é?

— Não exatamente.

— E o que significa "não exatamente"? Existe alguma coisa misteriosa em sua vida, não existe? O que você evitou me contar, Sebastian?

Ele deixou escapar um suspiro.

— Por onde quer que eu comece?

— De qualquer lugar. Apenas quero descobrir tudo sobre você.

— Tudo?

— Sim, tudo.

Os olhos azuis de Sebastian revelavam a frieza do aço.

— Nesse caso, suponho que queira saber sobre meu casamento...

Jéssica engoliu em seco. Aquilo nunca lhe havia passado pela cabeça. Sebastian... casado!

Talvez isso fosse ainda pior do que se ele tivesse dormido com tia Lucy. Muito, muito pior!

— E meu divórcio — ele emendou, quase provocando um suspiro aliviado em Jéssica.

Outro pensamento, porém, surgiu em sua mente.

— Não me diga que você teve filhos...

Ele riu. Mas não era um riso de felicidade.

— Agradeço a Deus todos os dias por Sandra ter se recusado a isso. Felizmente ela preferia esperar até que tivéssemos uma situação econômica estável antes de um grande passo como esse. Hoje sei que estava certa. Muito certa.

Subitamente, Jéssica notou sofrimento nos olhos dele. Seu coração se compadeceu. Desejou confortá-lo. Colocou a caixa de lado e levantou-se da cama, aproximando-se da cadeira e enlaçando-o carinhosamente pelo pescoço.

— Ela o magoou muito, não foi? — perguntou, num tom solidário e simpático.

— Pode-se dizer que sim.

— Era uma mulher bonita?

— Só na superfície. Isso me impediu de vê-la como realmente era... uma pessoa muito ruim.

— O que ela fez, Sebastian? Conte-me, por favor.

— Não gosto de falar sobre esse assunto.

— Mas você deve fazer isso. Desabafe. Exorcize esse caso de sua vida.

Sebastian suspirou e abraçou-a com força.

— Sim, você está certa. Devo exorcizar. Lucy também dizia que, se eu não conseguisse falar sobre esse problema, ele nunca sairia de minha mente.

— Você conversou com Lucy a esse respeito?

— Sem muitos detalhes. Ela sabia que eu fora casado. E que o casamento terminara de um jeito

muito infeliz. Só isso.

Jéssica não pôde deixar de ficar orgulhosa por ter sido escolhida para uma confidência tão importante.

— Sua esposa era infiel? — ela perguntou com cautela.

— O tempo todo — foi a resposta seca.

Ela mal podia acreditar no que ouvia. Se fosse casada com um homem como Sebastian, sequer *olharia* para outro!

— Mas por que você não a abandonou? Por que insistiu em manter o casamento?

— Porque no começo eu nem desconfiava. Você deve conhecer o ditado: o *amor é cego*... Só descobri quando ela cometeu o erro de sair com uma pessoa que pertencia aos quadros do banco onde eu trabalhava. O que ela não sabia, porém, era que o tal sujeito gostava de filmar as garotas com quem saía, e por isso tinha uma camera de vídeo escondida no apartamento.

— Oh, não!

Sebastian fez uma pausa. Parecia relembrar o passado.

— Depois disso o Casanova mostrou a fita para alguns colegas. Um amigo meu reconheceu aquela loira, completamente nua, transando com o sujeito... e fez o favor de me contar. Sou grato a ele até hoje.

— Oh, Sebastian, mas que coisa horrível! E o que você fez depois? — Jéssica perguntou.

— Que mais podia fazer? Troquei de emprego e pedi o divórcio.

— Não está me contando toda a história, está? Por que não revela os detalhes?

— Certo. Seja como quiser. Bem, então eu esmurrei o tal Casanova, fui despedido, voltei para casa, arrumei minhas coisas e depois me dirigi para o lugar onde Sandra trabalhava, para perguntar a ela o motivo daquilo tudo.

— E ela?

Jéssica, obviamente, quase não suportava a curiosidade.

— Sabe o que me disse? — Sebastian indagou em tom de escárnio. — Disse que eu era o culpado, que a negligenciara, que a fizera sentir-se muito só... Nem tocou no fato de que eu trabalhava como um louco para sustentá-la. Sandra era uma mulher de gosto sofisticado, como você pode imaginar. Quando lhe perguntei por quanto tempo me traíra, adivinhe só? Ela disse que fazia aquilo desde o primeiro ano de casamento!

— É revoltante.

Jéssica ficou indignada e pôde imaginar o ressentimento de Sebastian, mas concluiu que era melhor não dizer mais nada. Preferiu deixá-lo desabafar.

— Depois disso — ele continuou, em um tom calmo e frio —, eu me mudei para Sídnei e arrumei um bom emprego. Comecei a trabalhar no mercado de capitais e ganhei muito dinheiro.

— E o que aconteceu com seu dinheiro?

— O quê? — Sebastian, envolto por lembranças, agora parecia confuso.

— Como foi que perdeu sua fortuna?

— Não quero falar sobre dinheiro, Jess.

— Certo, certo. Então me diga quando decidiu vir para Norfolk Island.

Ele se levantou lentamente e caminhou para a janela com ar pensativo. Depois virou-se para encarar Jéssica.

— Quando acordei, um belo dia, e olhei para o espelho — disse, tranquila e vagarosamente —, não gostei nem um pouco daquilo que vi. Enxerguei apenas um homem ressentido e frustrado, que tinha abdicado dos próprios sonhos...

— Deve ter sido terrível...

Seguiu-se um longo silêncio, quebrado pelo próprio Sebastian: — Felizmente, porém, aquele espelho me trouxe para cá — ele murmurou, ainda pensativo. — E isso me fez conhecer Lucy, desfrutar da maravilhosa amizade dela e, principalmente, conhecer você.

Jéssica sorriu com afeto, aproximando-se dele ainda mais.

— Também fico feliz por ter vindo para essa ilha, querido — confidenciou em um sussurro rouco.

Capítulo 14

— Vai escrever um pouco hoje à tarde? — Jéssica perguntou a Sebastian depois do almoço, no dia seguinte.

Passara a maior parte da manhã tentando limpar a casa, enquanto ele a seguia, atrapalhando-a o tempo todo. E beijando-a. E, finalmente, fazendo amor com ela sobre a mesa da sala de jantar. Jéssica mal tivera tempo de se vestir antes da chegada repentina de Evie.

Ele suspirou, desanimado, ao pensar na ideia.

— Acho que é melhor. Você se importa?

— Não. Preciso mesmo cuidar do jardim. — Ela viu Sebastian erguer as sobrancelhas, surpreso. Sorriu-lhe. — Sim, sr. Slade, o senhor ouviu muito bem. Descobri, outro dia, que gosto de jardins.

Ele também sorriu.

— Eu não disse que gostaria?

— Não seja tolo... Mas isso ainda não mudou minha decisão de vender a propriedade depois que esse mês acabar, entendeu?

O sorriso dele se acentuou.

— Quer apostar como vai mudar de ideia?

Naquela tarde, Jéssica dedicou-se à jardinagem. A noite, Sebastian levou-a à cidade para jantar, pois Evie pedira uma folga. Queria visitar uma amiga.

O restaurante que ele escolheu era adorável, todo decorado com motivos náuticos ingleses. Jéssica notou que poucos turistas frequentavam o lugar, e mais tarde Sebastian lhe explicou que aquele era um reduto dos habitantes do lugar, que preferiam tranquilidade e ambientes mais discretos.

Durante o jantar, porém, o que mais chamou a atenção dela foi uma mulher sentada a uma mesa de canto, que não parava de fitá-los. A insistência daquele olhar aguçou a curiosidade de Jéssica.

— Você conhece aquela mulher? — perguntou finalmente.

Ele encarou-a, confuso, mas depois, seguindo discretamente o olhar de Jéssica, identificou a estranha com uma expressão de desdém.

— Aquela é Myra — respondeu simplesmente, e sua voz deixava transparecer uma irritação exagerada. — Trabalhou algum tempo na casa de Lucy, na lavanderia. Foi demitida porque roubava os hóspedes. Estranho... eu não sabia que ela estava na ilha. Talvez tenha vindo visitar algum parente.

— A família dessa moça mora aqui?

— Parece que sim. Mas é melhor mudar de assunto. Pessoas mesquinhas e venenosas como essa mulher não merecem nossa consideração.

Jéssica lembrou-se da história que Evie contara sobre a moça, mas achou a irritação de Sebastian um pouco excessiva. Afinal de contas, aquilo era coisa do passado.

Embora o restante do jantar tivesse transcorrido normalmente, com conversas assuntos casuais,

a reação exagerada de Sebastian não saiu da cabeça Jéssica. No trajeto de volta, aliás, ela começou a ficar intrigada com outras coisas.

Sebastian nunca lhe dizia *toda* a verdade sobre o que quer que fosse, concluiu. Omitira certos detalhes mesmo quando falara sobre o casamento desfeito e a carreira. Não contara, por exemplo, o que acontecera com o dinheiro que dissera ter ganho ao trabalhar no mercado de capitais.

Podia ser apenas um detalhe, mas era incômodo perceber que Sebastian não dividia tudo com ela. Um detalhe, Jéssica concluiu, muito, mas muito estranho.

Não que se importasse com o dinheiro dele. Mas com certeza não via nenhum motivo para que Sebastian fugisse tanto do próprio passado.

Por cautela, achou melhor não falar sobre aquela desconfiança, nem mesmo nos dias que se seguiram. Evitava também fazer confidências com Evie, pois aparentemente a cozinheira era ligada demais a ele.

Mas, à medida que o mês transcorria, as suspeitas de Jéssica se acentuaram, terminando por abalar o relacionamento. Apesar de fazer amor com carinho e muito ímpeto, Sebastian continuava mantendo sempre uma distância segura. Parecia realmente esconder alguma coisa. Por isso o romance foi esfriando gradativamente, perdendo a intensidade... até mesmo na cama.

Para piorar as coisas, ele não parecia preocupado com isso e, na última semana antes de o prazo de trinta dias expirar, passava quase todo o tempo trancado no quarto, escrevendo.

Como o jardim da casa a atraísse cada vez mais, Jéssica passava horas ali todos os dias, aprendendo pouco a pouco como cuidar das plantas e da imensa quantidade de flores. A beleza daquele lugar amenizava a sensação amarga de perda que ela fazia questão de esconder.

Com o passar do tempo, porém, concluiu que talvez fosse melhor que as coisas acontecessem daquele jeito. Sabia ser impossível manter um relacionamento com uma pessoa na qual não confiava inteiramente. Por isso, os arroubos de paixão acabaram substituídos por uma série cada vez maior de ressentimentos.

A indiferença de Sebastian, na verdade, ajudava a amenizar-lhe a dor, fortalecendo sua decisão de vender a propriedade logo que aquele mês acabasse.

Em uma tarde de quinta-feira, dois dias antes da partida, os dois se encontraram na sala de estar. Por acaso. Os últimos contatos vinham se restringindo praticamente a nada, na mesma proporção em que a frieza aumentava.

— Olá, Jess — ele murmurou, com uma expressão impenetrável.

Aquela altura, porém, Jéssica não tentava mais descobrir o que se passava por sua mente.

— Você tem trabalhado muito, Sebastian — comentou ela com um toque involuntário de ironia. Ainda sentia-se fisicamente atraída, mas só isso. — Desse jeito vai conseguir cumprir o prazo de entrega de seu livro, não é?

— Na verdade, eu já terminei — ele informou. Vestia, como sempre, apenas uma bermuda jeans, e parecia envolto em pensamentos. — Estou revisando os últimos capítulos. Depois disso pretendo entrar em contato com a editora.

— Que ótimo! Vou fazer questão de comprar seu livro, quando for publicado. Posso até mesmo lhe mandar meu exemplar pelo correio, para que você o autografe. Isso, é claro, se não houver uma

noite de autógrafos em Sídnei...

Por um momento ele se manteve em silêncio, examinando o rosto de Jéssica com seriedade. Depois caminhou até o bar e serviu-se de uma dose de bebida.

— Bem, pelo que vejo você já tomou sua decisão, não é? — indagou, sorvendo em seguida um gole de uísque.

— Nunca escondi isso — Jéssica argumentou. "Ao contrário de você, Sebastian, que nunca me contou *toda* a verdade sobre *tudo",* disse a si mesma. — Como já lhe falei, Norfolk Island é um belo lugar para conhecer e visitar, mas...

— Sim, sim, já sei! — Sebastian cortou-a abruptamente. Parecia extremamente irritado. — Não precisa ficar repetindo isso o tempo todo, droga!

A súbita explosão a assustou. O que Sebastian podia esperar, afinal? Ele, com seus segredos, com suas meias-verdades...

Jéssica respirou profundamente, encarando-o com um ar mordaz. Por um segundo pensou em protestar, mas conseguiu manter o autocontrole. Por mais forte que fosse a atração que sentia por aquele homem, não podia deixá-lo conduzir sua vida. Também não podia permitir que a tratasse daquela maneira.

— Você está muito nervoso — observou com ironia, determinada a deixar bem claro que não pretendia discutir. — Por que não vai pescar um pouco, para acalmar os nervos? Tenho notado que nos últimos tempos você anda muito...

Distante. A palavra veio a seus lábios, mas Jéssica não a pronunciou. Não pretendia deixá-lo perceber que ainda se importava *com* ele. Sebastian não merecia tanto.

— ... Tenso — ela concluiu com um olhar frio.

Se não houvesse desviado o rosto naquele momento, Jéssica teria percebido a expressão angustiada de Sebastian, que precisou fazer um grande esforço para manter o controle. Depois, respirou profundamente, procurando relaxar.

— É... acho que você tem razão, Jéssica — murmurou. — Estou mesmo precisando de um pouco de descontração. Vou sair para pescar amanhã pela manhã.

Não passou despercebido a ela o fato de Sebastian tê-la chamado de "Jéssica" em vez de simplesmente Jess. Mais uma prova de que algo havia mudado profundamente entre eles. O romance havia terminado. Definitivamente.

No dia seguinte Jéssica acordou tarde, depois de passar a noite atormentada por uma crise de insônia. Rolou na cama por alguns minutos, até despertar totalmente, e então olhou para o relógio, surpreendendo-se ao notar que já passava das dez horas.

Tomou um banho rápido e, depois de vestir um conjunto leve de algodão, foi até a cozinha, para tomar o café da manhã.

Evie já estava preparando o almoço, e saudou-a com um sorriso ao vê-la entrar.

— Como vai, querida? Dormiu bem? — A mulher examinou o rosto de Jéssica e percebeu que isso não acontecera. — Nossa! Mas por que essas olheiras?

— Tive insônia — Jéssica murmurou, desanimada.

Sentia-se realmente cansada. Na verdade, estava cansada daquela situação, da farsa. Felizmente

sairia de lá na manhã seguinte. Logo estaria de volta a Sídnei e à vida que deixara para trás.

— Percebi que você tem andado tensa nos últimos dias — Evie continuou. — Por acaso voltou a brigar com Sebastian? Ele também não me pareceu bem-disposto quando saiu para pescar.

Jéssica ergueu a caneca de café que acabara de levar aos lábios, sorvendo um gole enquanto encarava a outra mulher.

— Eu? Brigar? — replicou com desdém, incapaz de parecer indiferente, como desejava. — Ora, mas por que eu faria isso?

A mulher, que preparava uma massa de torta, franziu as sobrancelhas, em dúvida.

— Quer que eu seja sincera? — perguntou. — Pois bem, posso não saber o que anda acontecendo, mas na verdade tenho notado que você vem se afastando bastante de Sebastian, em especial nos últimos dias. Nem comigo tem falado direito!

A franqueza da cozinheira apanhou Jéssica de surpresa.

— Deve ser impressão sua, Evie — ela desconversou, sentindo-se incomodada com a situação. — Eu só estou cansada. Além disso, já comecei a pensar no trabalho que me espera em Sídnei, e isso tem me preocupado bastante.

— Trabalho, trabalho... — Evie meneou a cabeça, em um gesto de desaprovação. Sua expressão, porém, indicava que ela não estava totalmente satisfeita com a explicação. — Parece que é tudo em que as jovens de hoje pensam!

— O trabalho é a coisa que mais me dá prazer — Jéssica confidenciou. — Quando estou cuidando dos problemas, no hotel, sinto-me uma pessoa realmente necessária, pode entender?

— Claro. Mas... — a mulher piscou um olho, de forma insinuante — não acredito que o trabalho possa ser fonte de prazer para ninguém. Mas tudo bem. Afinal de contas, você deve saber de sua vida melhor do que ninguém.

Elas já não discutiam mais sobre a decisão de Jéssica, de vender a casa. A mulher era contrária a isso, mas desistira de tentar convencê-la. O assunto, aliás, tornara-se um tabu entre os três, um ponto de tensão que todos evitavam por cautela.

Depois de tomar o café, Jéssica perguntou a Evie se podia usar o Mazda para ir até a cidade. Tomaria o avião na manhã seguinte, muito cedo, e pretendia fazer pelo menos algumas compras nos *free shops*.

— Oh, claro, querida! — a cozinheira respondeu prontamente. Um momento depois, entretanto, sua expressão ficou pensativa, como se estivesse lembrando algo. — Aliás — continuou —, acho que vou levá-la à cidade, pois preciso mesmo fazer compras para o jantar. Não se importa, não é?

— Claro que não — Jéssica concordou. — Só preciso de alguns minutos para me aprontar. Podemos ir agora?

— Sim. Vou apenas colocar a massa na geladeira, querida. Estarei pronta quando voltar.

Evie dirigiu o carro até a cidade, e durante todo o trajeto Jéssica não disse uma palavra, limitando-se a observar as lindas paisagens pela janela. Norfolk Island era realmente um lugar lindo, onde qualquer pessoa gostaria de viver.

Ela, porém, sabia que nunca mais voltaria para lá, pois a ilha sempre estaria impregnada de lembranças dolorosas. Lembranças dos momentos de paixão que vivera com Sebastian...

Por que não tinha dado certo? A dúvida ainda a atormentava e, mesmo sem admitir, ela ainda não desistira de buscar uma explicação convincente. Afinal de contas, depois do mal-estar inicial, a relação parecia ter florescido. Além disso, ele a amara com tanta ternura...

Nunca homem algum conseguira provocar Jéssica àquele ponto. Mas, no final, algo parecia ter dado errado. O que poderia ser?

Assim que estacionou o Mazda em Kingston, Evie a deixou, dizendo-lhe que não se apressasse em fazer as compras, pois esperaria o tempo que fosse necessário. Combinaram um local para um encontro, um café que a cozinheira apontou do outro lado da rua, e despediram-se em seguida.

Jéssica começou a percorrer as ruas devagar, apreciando as velhas construções coloniais, que podiam ser vistas por toda parte. Vez por outra parava em alguma loja, admirava as vitrines. Comprou várias lembranças para os amigos, além de alguns itens de uso próprio. E, por volta das duas horas da tarde, resolveu ir para o café, considerando-se satisfeita.

O encontro fora marcado para as três horas, e ela pretendia aproveitar o tempo para comer algo, pois ainda não almoçara. Entrou no café minutos depois, e no mesmo instante uma expressão espantada tomou conta de seu rosto.

Sentada a uma mesa estava a mesma mulher que ela e Sebastian tinham visto no pequeno restaurante, semanas antes. Como era mesmo o nome dela? Ah, sim, Myra.

Jéssica ligou os fatos. Claro! Tinha sido depois daquela noite que seu romance começara a ruir. Será que Myra podia esclarecer ao menos uma das questões que Sebastian se negava a responder?

A intuição de Jéssica dizia que sim. Por isso, escolheu uma mesa ao lado daquela onde Myra se encontrava. Depois de fazer o pedido e tomar coragem, finalmente decidiu abordar a outra de maneira direta.

— Você se chama Myra, não é?

Virando a cabeça, a mulher encarou-a com espanto. Segundos depois, porém, pareceu lembrar-se do rosto de Jéssica e das circunstâncias em que a vira.

— Sim. E você é...?

— Jéssica. Jéssica Rawlins.

Myra sorriu de modo estranho, acomodando-se melhor na cadeira e cruzando as pernas.

— Lembro-me de tê-la visto uma vez... na taberna do Eddie. Se não me engano, você estava com aquele sujeito, o tal Sebastian

A maneira de falar da mulher aguçou ainda mais a curiosidade de Jéssica. Sem dúvida, ela não parecia gostar muito do "tal Sebastian". Qual seria o motivo?

— Sim — murmurou com cautela. — Você o conhece?

— Se eu o conheço? — O sorriso da mulher era venenoso. Algo em sua expressão deixava claro que era uma pessoa muito rancorosa. — Não o conheço, apenas... eu o odeio!

Ódio! Algo muito sério devia ter acontecido para provocar tamanha emoção.

— Entendo. Sebastian me disse que você trabalhou durante algum tempo na casa de Lucy...

— E voltou a contar aquela história do roubo, não é? — Myra indagou, convicta. — Aquela história que ele e Lucy inventaram para esconder a verdade...

Invenção? Então realmente Sebastian estava escondendo algo? Uma onda de náusea começou a tomar conta de Jéssica.

— Quer dizer que a história não é verdadeira?

— Claro que não é. Foi apenas uma invenção, para esconder o romance que os dois mantinham. Aliás...

— Boa tarde, Myra — Evie interrompeu, surgindo subitamente ao lado da mesa. — Vejo que está destilando seu veneno por aqui outra vez. Não tinha saído da ilha?

A interrupção brusca pareceu incomodar a mulher. Entretanto, ela recuperou a compostura rapidamente, e encarou Evie com um olhar feroz.

— Estou aqui apenas para visitar minha irmã.

Evie sorriu vagamente, e seus olhos faiscaram com uma intensidade perigosa.

— Espero que ela esteja bem — murmurou. — Agora, se me permite, preciso levar a srta. Rawlins para casa. Saudações para a sua irmã.

A autoridade da voz de Evie pareceu intimidar a mulher, que levantou-se sem olhar para o rosto de Jéssica e saiu rapidamente. Até mesmo a atmosfera do café parecia ter ficado mais tensa.

Jéssica permaneceu calada, sem saber o que pensar. Talvez tivesse sido sua última chance de descobrir tudo. Mas, apesar disso, já sabia o bastante.

— Por que agiu assim, Evie? — ela perguntou logo depois. — Eu estava só conversando com aquela mulher. Não há nada demais nisso, há?

— Criança — a cozinheira encarou-a fixamente —, deixe-me explicar uma coisa. Você *não* estava conversando. Estava apenas ouvindo as fofocas que aquela bruxa inventou. Posso assegurar isso. Ela é uma ladra mal-intencionada e rancorosa. Está tentando atingir as pessoas que a descobriram. Só isso.

O rosto de Evie parecia imperturbável. Falava com calma e clareza, como se quisesse salientar cada palavra. Alguma coisa em sua expressão, porém, impediu Jéssica de tocar novamente no assunto.

Além disso, concluiu ela enquanto caminhavam de volta para o carro, não devia esquecer que Evie era uma grande aliada de Lucy... e de Sebastian.

Durante o trajeto de volta, Jéssica tentou imaginar o que faria com a nova informação. Podia jogar a verdade na cara de Sebastian, dizer que já conhecia toda a história e esperar pela reação dele. Sim, dessa maneira ele não seria capaz de continuar escondendo o jogo.

Por outro lado, talvez fosse melhor não mencionar nada. A relação dos dois já estava irremediavelmente abalada, e uma discussão apenas transformaria seu último dia na ilha em um inferno.

Decidiu ficar calada. Afinal, tudo estava prestes a terminar; em dois dias voltaria à sua vida normal em Sídnei. Sua "vida normal"...

Subindo a escada da mansão, ela tentava se acostumar ao fato de retornar à agitação de Sídnei. A ideia lhe parecia cada vez mais estranha.

Repentinamente, lembrou-se, com uma certa dose de culpa, de que não fizera nenhum contato com o hotel durante todo aquele mês, para saber como as coisas andavam.

Entrou na sala de estar vazia e decidiu que era hora de corrigir aquele engano. Talvez dessa forma começasse a voltar à rotina. Discou o número do hotel e sentou-se em uma das poltronas.

— Hotel Grant, gerência. Mark Gosper falando.

— Mark, é Jéssica.

— Jéssica! Que bom ouvi-la! Não me diga que não vai voltar na segunda-feira... As coisas estão um caos por aqui. Eu *preciso* de você.

— Você *precisa* de mim? — ela repetiu, rindo. — Essa é nova. Eu é que sempre preciso desesperadamente de você.

— Nunca pensei que você trabalhasse tão duro até ficar sozinho por aqui — Mark lamentou. — Além disso, estamos sentindo muito a sua falta.

— É bom ouvir isso. Também estou com saudade. Aqui não há ninguém para me trazer uma xícara de café pela manhã. Tenho que pegá-la eu mesma.

— Pobre Jéssica... — ele zombou.

— Bem, eu não diria isso. Minha estada em Norfolk Island tem sido bem... interessante, para dizer o mínimo. — Ela sorriu com a própria hipocrisia. Mas não costumava comentar sobre sua vida pessoal no trabalho.

— Acho que você está se aborrecendo até a morte por aí — Mark comentou. — Tenho certeza de que não vê a hora de voltar.

— Bem, não é tão ruim. E logo estarei de volta. Sabe, eu...

Ao ouvir um som atrás de si, Jéssica virou-se, deparando com Sebastian. Ele a encarava com raiva, a expressão dura como pedra. Teria ouvido sua conversa com Mark e tirado alguma conclusão errada?

— Jéssica, você está me ouvindo? — Mark perguntou depois de um breve silêncio. — Alô! Alô!

Preocupada, ela voltou a atenção para o telefone.

— Estou aqui, Mark, mas preciso desligar. Desculpe, mas vejo você na segunda, está bem? Até mais. — Colocando o fone no gancho, ela levantou-se, olhando fixamente para Sebastian. — Era Mark, meu secretário. Achei melhor ligar para ele.

— *Secretário?* Um homem? — ele perguntou com sarcasmo. — Como você é moderna, hein?

— Não imagine coisas, Sebastian. Não sou eu quem esconde a verdade por aqui.

— Você não vai conseguir inverter nossa discussão. Entendi perfeitamente o que ouvi — ele atacou, avançando em sua direção com uma fúria que Jéssica nunca vira. — Agora responda: você tem um caso com esse... Mark?

— É claro que não! — ela negou, tentando manter-se calma. Mas não era fácil. — Você tem uma mente suja, não é mesmo?

— Não tente me enganar, droga! Apenas me diga a verdade! — Sebastian segurou-a pelo braço com firmeza, como se quisesse arrancar algum segredo à força. — Quantos homens já teve antes de mim? Ou vai querer que eu acredite que esse cara é um dos três sortudos que você mencionou outro dia?

Jéssica sentiu-se tremer violentamente. Como Sebastian podia fazer acusações tão sérias? Quem

ele pensava que era?

— Você está me machucando! Deixe-me ir!

— Tudo bem, vou deixar você ir — Sebastian concordou, com raiva. — Volte para o lugar de onde veio.

— É para lá mesmo que pretendo voltar, Sebastian — ela retrucou, enfrentando-o. — Não há futuro para uma relação com uma pessoa injusta e mentirosa como você.

Ele a encarou com uma expressão que mesclava fúria e desencanto.

— Que bela representação! Agora você é a vítima! E mesmo parecida com seu pai, Jéssica!

A última frase de Sebastian, dita de forma quase inaudível, soou como uma bofetada nos ouvidos dela.

— O que quer dizer? — ela perguntou, a voz trêmula. — Sebastian, o que você disse?

— Não disse nada, droga!

— Disse sim. Você nunca conheceu meu pai, mas acabou de dizer que... que... Oh, não! — lamentou, quando finalmente entendeu a verdade. — Não acredito nisso! Não! Minha mãe e o marido de Lucy... É horrível demais para ser verdade. E não *pode* ser! Quando nasci, já fazia mais de um ano que minha mãe deixara a ilha. Diga-me que não é verdade!

— Não posso fazer isso — Sebastian murmurou, visivelmente abalado.

— Mas como? *Como?*

— Bill continuou vendo sua mãe depois que ela foi embora. Sempre arrumava uma desculpa para enganar Lucy, e ia até o continente.

Jéssica sentiu o coração partir-se.

— Não acredito — sussurrou, balançando a cabeça. Sebastian a encarou fixamente.

— Acha que eu inventaria uma história dessas?

— Você... me disse que Lucy não havia lhe contado o motivo pelo qual minha mãe deixara a ilha. Você *mentiu.*

— Não exatamente. Lucy não me disse nada. Mas costumava falar quando estava inconsciente, sob o efeito da morfina, na fase terminal da doença. Eu apenas liguei os fatos.

— Então está bem! — Jéssica declarou, rompendo um breve silêncio. — Conte-me. Quero saber de tudo, com todos os patéticos e sórdidos detalhes.

— Não acho que seja uma boa ideia...

— Conte-me! Chega de mentiras!

— Está bem — ele concordou, passando as mãos nos cabelos, um gesto irritado. — Alguns dias antes do casamento, Joanne disse a Lucy que estava apaixonada por Bill, e que era correspondida. Disse inclusive que já havia dormido com ele. Lucy não acreditou, e Bill, obviamente, negou tudo, dizendo que Joanne não passava de uma adolescente problemática e ciumenta. Lucy a expulsou de casa, e Joanne partiu, devastada pelo ódio da irmã e pela traição do amante. Mas o caso não acabou aí. Bill sempre ia até o continente, e é óbvio que conseguiu convencer sua mãe a continuar o romance.

— Como você pode ter tanta certeza disso? — ela perguntou com voz fraca. — Por que acham que sou filha de Bill, e não do homem com quem minha mãe se casou?

— Porque você tem a cara de seu pai! Tem os mesmos cabelos, os mesmos olhos, a mesma boca. Lucy descobriu isso quando a viu. E foi por esse motivo que fugiu, chocada. Antes disso, pensava em você apenas como a filha de Joanne.

Jéssica continuou olhando fixamente para Sebastian, aturdida demais para falar. Não sabia de quem tinha mais pena. Se da mãe, por ser tão fraca e amar um homem como aquele, ou de tia Lucy, por ter sido tantas vezes enganada. Ou de si mesma, por ser filha de um canalha. Nunca se orgulhara de seu suposto pai, mas o verdadeiro era muito pior.

Sebastian, aparentemente arrependido pela revelação, tentou se aproximar novamente.

— Jéssica, estamos muito nervosos e...

— Não toque em mim! — ela advertiu, sentindo-se em frangalhos. — Vá embora! Não quero falar com você nunca mais. Não quero *vê-lo* nunca mais. Você não me ama. Não confia em mim. Acho até que nunca gostou de mim. Mentiu o tempo todo. E, pelo que sei, provavelmente seduziu minha tia pelas mesmas razões obscuras que o levaram a me conquistar. Por essa casa. Ou por dinheiro. Você é desprezível, Sebastian Slade, e eu o odeio!

Jéssica desviou o olhar, procurando não se contradizer. Sabia que amava desesperadamente aquele homem, mas não podia continuar vivendo com tantas desconfianças no coração. Bastavam os exemplos de sua mãe e de sua tia. Uma vida de mentiras, sabia, podia destruir qualquer pessoa.

— Vou colocar essa casa à venda assim que chegar a Sídnei — informou, fixando o olhar na paisagem que se avistava da janela. — E quero que saia daqui hoje. Que se dane o testamento, e você também!

— Jéssica, eu...

Quando ela se virou para encará-lo com um olhar furioso, Sebastian calou-se novamente.

— Nem sequer tente me convencer do contrário. Não perca seu tempo. Já conheci homens como você antes. Agora, vá embora!

Ele a observou por um longo momento, com uma expressão impenetrável, e então virou-se, saindo da sala.

Por um breve instante, Jéssica sentiu vontade de correr atrás dele, mas acabou correndo para o próprio quarto, jogando-se na cama e chorando como nunca havia chorado na vida. Suas lágrimas eram verdadeiramente sentidas, pois sabia que algo havia se quebrado dentro de seu coração. Tinha certeza de que nunca amaria um homem como amara Sebastian. Nunca.

Capítulo 15

— Más notícias? — Mark perguntou quando Jéssica desligou o telefone.

— Não. Apenas um problema de negócios. Mas onde é que estávamos?

— Estávamos discutindo sobre o que fazer com o grupo de turistas americanos que chega na semana que vem. Vão ficar apenas três dias. Acho muito difícil mostrar toda Sídnei em três dias.

— Concordo. Como eles nem sabem o que vão perder, acho melhor aproveitar o tempo da melhor maneira possível. Marque um cruzeiro pela baía no primeiro dia, um jantar à noite aqui no hotel e depois o espetáculo do Capitol Theatre. Ainda temos ingressos para o teatro, não é?

— Acho que não o bastante.

— Então esqueça e tente conseguir ingressos para outro teatro. Depois que voltar, já terei pensado no que fazer com o grupo.

— Certo, chefe. Você realmente sabe tomar decisões. E eu gosto disso. — Ele sorriu.

Jéssica observou-o afastar-se. Mark era um rapaz muito bonito... e homossexual. Se ao menos Sebastian soubesse disso antes de acusá-la de dormir com ele...

Sua mente voltou ao telefonema que recebera instantes atrás. Era uma ligação do advogado, informando que a venda da casa de Lucy fora concretizada no dia anterior, e que já estava tratando da assinatura do contrato.

Jéssica achou aquelas notícias muito deprimentes. Mas o que estava feito, estava feito, e ninguém poderia mudar.

A casa fora comprada por uma companhia chamada Futurecorp, e seu representante havia se recusado a dizer ao vendedor que planos tinha para ela. Mas, segundo o advogado, estavam dispostos a transformar o lugar em um grande *resort*.

No fundo, Jéssica desejava impedir a venda, mas estava muito abalada para poder pensar com clareza. Por isso, vendera a propriedade pelo melhor preço.

A oferta tinha sido realmente excepcional, e Jéssica consolara-se ao imaginar que, se não podia ser feliz, pelo menos seria rica. Agora, porém, perguntava-se que impulso insano a levara a fazer aquilo. Devia ter protegido a propriedade da família, a única coisa que a ligava às próprias raízes.

Lágrimas escorreram por seu rosto. Estava se abaixando para apanhar um lenço quando o telefone tocou.

— Jéssica Rawlins — atendeu.

— Jéssica, aqui é Michele, da recepção. Estamos com um pequeno problema com o hóspede que está na suíte presidencial. Ele ligou para cá e disse que quer falar com a gerente, mas desligou antes que eu pudesse perguntar qual era o assunto.

Jéssica suspirou.

— Tudo bem, Michele. Vou ver o que ele quer. Qual é o nome do hóspede?

— Sr. Slade.

O coração dela disparou. Não era um nome tão incomum assim, mas, de qualquer maneira, era

uma coincidência e tanto. Sentiu-se em pânico.

— Sabe qual é o primeiro nome? Ou, pelo menos, a inicial?

— Sinto muito. Ele pagou com o cartão de crédito de uma companhia.

O alívio de Jéssica foi imediato. Com certeza não se tratava de Sebastian. Tratava-se, isso sim, de outro sr. Slade.

— Certo, vou subir até lá e ver o que posso fazer.

Devia ser um problema banal, mas executivos de grandes empresas eram pessoas arrogantes e pretensiosas, que implicavam com qualquer coisinha.

Cerrou os dentes e levantou-se com relutância. Apesar de não gostar da tarefa, era obrigada a atender pessoalmente os clientes mais importantes.

Aliás, nada mais parecia atraí-la na vida que estava levando em Sídnei desde que voltara. Detestava tudo aquilo de que gostava antes da viagem. O vaivém, o barulho, as pessoas e até mesmo o cheiro da cidade a incomodavam.

Sentia falta das noites em que a brisa soprava na varanda da casa de Lucy. Saudade das colinas verdes e da baía Emily...

Respirou profundamente antes de apertar o botão de chamada do elevador privativo, que conduzia exclusivamente à suíte presidencial.

"Não posso continuar pensando nele", disse a si mesma, "senão vou acabar ficando louca!"

O homem era maquiavélico, ardiloso... capaz de usar truques sujos para obter vantagens. No íntimo, porém, não acreditava que ele tivesse sido amante de tia Lucy, como acusara naquele dia terrível. Estava irritada e nervosa, e não conseguia pensar com clareza. Mais tarde, chegara a ficar preocupada, achando que podia ter tirado conclusões precipitadas outra vez.

Mas, se ele a queria tanto, por que partira daquele jeito? Por que não tinha ficado para lutar por ela? Todas as dúvidas tinham se dissipado no dia seguinte, quando Evie a levara ao aeroporto.

Uma das pessoas que esperavam pelo vôo era ninguém menos do que Myra, que voltava para o trabalho, em Brisbane. Quando Evie afastou-se por um momento, Jéssica não resistiu e perguntou à moça o que *exatamente* a fizera pensar que Sebastian podia ter dormido com Lucy.

Myra contara que costumava acordar cedo para apanhar a roupa na lavanderia, e que vira Sebastian, uma manhã, sair pela porta da varanda do quarto de Lucy e ir para o dele. Isso acontecera antes de Lucy ficar doente, quando a mansão ainda recebia hóspedes.

Dadas as circunstâncias, Jéssica não via motivo para que Myra mentisse. Era Sebastian o mentiroso, concluíra, desconsolada.

A porta do elevador se abriu e Jéssica saiu, ajeitando o casaco enquanto andava pelo corredor. O valete, que servia exclusivamente a suíte presidencial, levantou-se da mesa que ocupava ao vê-la.

— Qual é o problema com o sr. Slade? — Jéssica perguntou.

— Problema? — O eficiente jovem franziu as sobrancelhas. — Ele não me disse nada sobre nenhum problema...

— Provavelmente quer que eu lhe arrume um parceiro de tênis ou coisa do gênero. Não se preocupe com isso. Apenas diga que estou aqui para vê-lo.

O valete meneou a cabeça e desapareceu por um momento.

— Ele está na sala de estar, tomando um drinque — o rapaz informou ao voltar. — Pediu para você entrar.

Jéssica ficou impressionada ao ver os ombros largos do homem. O cabelo castanho, curto, estava penteado com perfeição. De costas, olhando pela janela, ele tinha a silhueta delineada pela luz do crepúsculo.

— Como vai, sr. Slade? — ela cumprimentou em um tom impessoal, avançando na direção do homem. — Sou Jéssica Rawlins, a gerente. Como posso ajudá-lo?

O homem começou a se virar e a luz iluminou alguns fios dourados em seu cabelo. Jéssica prendeu a respiração, aturdida.

— Sebastian! — balbuciou, sentindo o corpo tremer.

Que diabos ele fazia ali? Por que estava vestido daquela maneira?

A princípio Sebastian permaneceu calado, e seus olhos azuis percorreram lentamente o corpo de Jéssica. Ela emagrecera muito desde que voltara de Norfolk, sete semanas antes.

— Olá, Jess — ele disse finalmente.

— Você... cortou o cabelo — ela murmurou, percebendo, apavorada, que Sebastian estava ainda mais charmoso.

Parecia frio e implacável naquele terno azul, de corte impecável. Muito mais do que o homem pelo qual se apaixonara.

Quando o vira pela primeira vez, na varanda da casa de Lucy, jamais imaginara que pudesse se transformar tanto. Nunca acreditara que ele fosse capaz de representar aquele papel.

Procurava entender os próprios sentimentos. Quais seriam? Desconsolo, desejo... Droga, sabia que ainda o amava. Pior, que sempre o amaria. Era uma verdade muito difícil de aceitar.

— O que você quer, Sebastian? — perguntou, com voz débil.

— Por que mentiu, fazendo-me vir até aqui?

— Eu não menti. Dei meu nome.

— Meias-verdades de novo? — ela indagou com escárnio. — Slade não é um sobrenome tão incomum. Você não deu seu primeiro nome. Como eu poderia saber de quem se tratava?

— Você devia ter desconfiado ao ver o nome de minha companhia na lista de hóspedes.

— Por quê? Eu nunca soube que você trabalhava numa companhia. Aliás, estou tomando conhecimento do fato neste exato momento.

— Não trabalho *para* uma companhia. Sou o *dono* dela. Chama-se Futurecorp. O nome deve ser familiar, pois imagino que seu advogado já tenha lhe telefonado.

Os olhos de Jéssica se arregalaram.

— *Você* é dono da Futurecorp?

— Sim, sou.

— Mas... desde quando? Quero dizer, quando você... bem...

— Fundei a empresa muitos anos atrás — Sebastian informou com frieza.

A confusão de Jéssica aumentou.

— Está me dizendo que é rico? Que sempre foi rico?

— Nem sempre. Apenas de alguns anos para cá.

— Quer dizer que não perdeu sua fortuna no mercado financeiro antes de ir para a ilha?

— Fiz alguns investimentos muito arriscados, mas não, não perdi todo o meu dinheiro. Ironicamente, as mesmas ações que me fizeram perder tanto aumentaram de valor enquanto eu estava em Norfolk. Engraçado, não acha? Minha negligência acabou me transformando num homem muito mais rico.

Realmente, era muito irônico. E tomava tudo mais confuso. Por que ele estaria ali? Por que não ficara em Norfolk Island? Por que não arrumara outra mulher? Um homem como ele não teria a mínima dificuldade em conseguir companhia.

— Tia Lucy sabia que você era rico? — ela perguntou, esforçando-se para assimilar os novos fatos.

— No primeiro ano, não. Ela pensou, como você, que eu fosse um gigolô. Achei melhor não contar a verdade, pois prefiro que gostem de mim pelo que sou, e não pelo que tenho. Só revelei a verdade quando já não havia a menor importância. Àquela altura, nossa amizade já era tão forte que sua tia nem ficou zangada comigo.

Quanto a Jéssica, estava *muito* zangada. E aturdida por aquelas revelações. Teve que apoiar-se no espaldar de uma cadeira para poder encará-lo, pois suas pernas estavam trêmulas.

— Bem, claro que ela não ficaria zangada, não é? Provavelmente estava muito satisfeita com o que você lhe oferecia. Assim como *eu* fiquei satisfeita! E não adianta mentir outra vez. Sei que dormiu com ela.

— Não, eu não fiz isso, Jess. Veja bem, sei que Myra lhe contou alguma coisa no aeroporto. Evie viu vocês duas conversando. Acredite no que digo: nunca fiz amor com Lucy. Nunca. Mas tenho que admitir que dormi no quarto dela uma noite.

Qual era a diferença? Fazer amor... dormir... Ele estava brincando com as palavras de novo!

— Foi no dia em que Lucy descobriu que estava com câncer, e quando aquele médico idiota contou sobre a traição de Bill. Ela ficou muito abalada. Precisava falar com alguém. Mas havia muitos hóspedes na casa, e por isso fomos ao quarto, conversar. Falamos até de madrugada, e ela me pediu que não a deixasse. Acabei adormecendo no sofá e só acordei na manhã seguinte. Não houve sexo. Juro.

Jéssica o encarava. A intuição lhe dizia que Sebastian falava a verdade. Mas não podia cometer o erro de dizer isso a ele.

— Por que eu mentiria para você? — ele perguntou com desânimo. — Se tivesse mesmo dormido com Lucy, não teria por que esconder. Ela era uma mulher adorável, mas nós não nos sentíamos atraídos. Lucy amou aquele canalha até morrer.

— Então por que você mentiu sobre seu dinheiro? — ela perguntou com voz fraca. — Só por causa de sua insegurança? Ou será que não confiou em mim, assim como fez com todas as mulheres que teve?

— Não estou tentando justificar minha conduta. Não vim até aqui para isso.

Ele sorveu um gole de bebida, e seus olhos pareciam sombrios. Quando voltou a erguer a cabeça para encará-la, simplesmente encolheu os ombros. O gesto só fez Jéssica ficar com mais raiva. Como podia gostar dele depois de tantas mentiras?

— Eu a amo, Jess. Mas no fundo eu não confiava em você. Posso notar isso agora. Infelizmente, eu havia passado por muitas experiências desagradáveis, por causa do poder afrodisíaco do dinheiro. É espantoso o número de mulheres que vendem a alma por um homem rico. Idade e aparência nem importam. É apenas um detalhe para mulheres assim. Acho que na verdade não entendo muito do jogo da sedução...

Jéssica sentiu-se um pouco culpada. Tirara conclusões apressadas. Como podia condená-lo se ela mesma não confiara em Sebastian, julgando-o um caçador de fortunas?

— Meu erro — ele continuou — foi achar que todas as mulheres bonitas eram como minha ex-esposa. Eu estava muito confuso, Jess. Enganei-me ao pensar que tinha mudado, que podia voltar a amar e confiar nas mulheres. Quase consegui isso com você... mas minha insegurança pôs tudo a perder.

Ela mantinha os olhos em Sebastian, admirando-o pela coragem de procurá-la e dizer tudo aquilo. Quantos homens seriam capazes de admitir os próprios erros?

— Você realmente comprou a casa?

— Sim.

— Por quê?

— Por dois motivos. Em primeiro lugar, para cumprir a promessa que fiz a Lucy e manter a casa conservada. Não podia deixar aquele lugar cair nas mãos de pessoas inescrupulosas, concorda?

O coração dela se apertou.

— Eu... não devia ter vendido. Me arrependi logo depois. Hoje, quando percebi o que tinha feito, me senti muito mal.

— Achei que isso aconteceria. Esse é o segundo motivo que me trouxe aqui... vim lhe dar a casa de volta. — Tirou um maço de papéis do bolso e os estendeu a ela. — A casa de Lucy é sua outra vez, Jess. Pode fazer o que quiser com ela.

— Mas você pagou uma quantia exorbitante pela propriedade! Não pode se desfazer dela assim!

— Considere isso uma compensação. Uma tomada de consciência.

Jéssica suspirou ao perceber o que havia por trás daquele gesto. Não era culpa, era amor!

Oh, sim, ele a ferira, mas durante um ataque irracional de ciúme. E escondera a verdade sobre Bill para protegê-la.

Muitas surpresas tinham acontecido nas últimas semanas, como a ligação que fizera para o pai. Ele confirmara a história que Sebastian lhe contara, dizendo ter descoberto que Joanne estava grávida de outro só depois de se casar. Confessara também que a obsessão dela em relação a Bill fora a causa de todos os seus problemas. O casamento de ambos fora uma tentativa desesperada de Joanne de provocar ciúme em Bill.

O divórcio foi inevitável, e depois disso Joanne entregara-se completamente à bebida, arruinando a própria vida.

Na verdade, aquela não era uma história muito edificante, mas saber a verdade provocava uma

estranha sensação de alívio em Jéssica. Quanto mais pensava, mais compreendia seus verdadeiros pais. Eles haviam sido pessoas covardes e perdidas. Nada mais do que isso.

Olhou para Sebastian e pensou na intensidade do sentimento que a ligava a ele. Mas... ainda a desejaria? Será que tentaria outra vez? Pelo modo como se comportava, não era bem essa a sua intenção.

— Não quero seu dinheiro — ela murmurou num impulso.

— Então o *que* você quer, Jess? Pode pedir qualquer coisa... É o mínimo que posso fazer para me desculpar.

Com passos hesitantes, Jéssica se aproximou dele, tomando-o pelas mãos.

— Eu... eu quero *você*. Só você.

Ele deixou escapar um suspiro. Depois abraçou Jéssica com força.

— Oh, Jess... Está dizendo a verdade? Me quer mesmo de volta?

— Para sempre, meu querido. A vida sem você é insuportável. E não posso culpá-lo inteiramente pelo que aconteceu. Também agi muito mal. Não devia ter dado ouvidos às fofocas, e muito menos julgá-lo, pensando sempre o pior. Também devia ter lhe contado mais sobre minha vida, sobre os relacionamentos fracassados que tive. Ao menos isso faria com que me conhecesse melhor.

— Você não precisa se explicar. Nem assumir qualquer culpa. Eu devia ter percebido que estava diante de uma mulher diferente desde o princípio. Peço desculpas pelas coisas horríveis que lhe disse. Perdoe-me, por favor.

Um peso parecia ter sido retirado do peito de Jéssica.

— Sim, querido. Claro que sim.

Sebastian meneou a cabeça, incrédulo.

— Deus do céu, eu não mereço você! Quase morri quando percebi a bobagem que fiz. Ainda bem que Evie me fez enxergar tudo com clareza. Se ela não tivesse me convencido... acho que preferia morrer.

— Oh, não diga isso!

— É verdade. Todos os dias eu ia até os rochedos e ficava olhando para o mar, lembrando uma coisa que Lucy me disse uma vez: que o verdadeiro amor não enxerga obstáculos, que é capaz de vencer tudo e todos. Foi por isso que decidi fazer essa última tentativa.

— Ainda bem que tomou essa decisão, meu amor — ela murmurou, abraçando-o.

— Eu a amo demais, sabe? Mal posso acreditar que estou tendo uma segunda chance. Beije-me, amor, beije-me.

Foi isso o que ela fez, e as semanas de sofrimento desapareceram de sua mente. A solidão finalmente terminara.

— Case comigo, Jess. Me dê filhos. Viva comigo para sempre.

— Sim, sim, sim!

— Aceita? De verdade?

— Claro. Mas...

— Mas? — ele repetiu, com preocupação no olhar. Jéssica olhou-o de relance, ensaiando um sorriso.

— Queria que fizesse uma coisa por mim.

— O quê?

— Podia deixar seu cabelo crescer outra vez?

— Não gosta dele desse jeito?

— Digamos que eu o prefiro um pouco mais longo... Além disso, não vai precisar mantê-lo curto quando formos para Norfolk.

— Quer dizer que vai abandonar tudo e viver comigo em Norfolk Island? Não irá se aborrecer? Veja bem, estou preparado para viver em Sídnei se for isso que quiser, Jess.

Ela sorriu.

— Sídnei é um belo lugar para visitar, mas acho que não gosto de viver aqui.

Tristan nasceu nove meses depois. Mais quinze meses e chegou Lucy, a filha caçula. Com o passar dos anos, porém, a família Slade ficou mais numerosa, perfazendo sete pessoas.

Os livros de Sebastian tornaram-se mundialmente conhecidos, e alguns chegaram a ser vendidos para o cinema. Eles ficaram ainda mais ricos, mas nunca mudaram o estilo de vida simples que levavam em Norfolk Island.

Jéssica ficava ocupada o dia todo, cuidando de Sebastian, das crianças, do jardim. Evie continuou visitando a casa, mais como amiga do que como cozinheira.

No décimo aniversário do casamento, Sebastian levou Jéssica para uma viagem ao redor do mundo. Ela gostou da viagem, mas ficou ainda mais feliz quando voltou para casa. Ligara-se demais àquela ilha, onde conhecera seu verdadeiro amor.

Sebastian era sua vida. Ele sabia disso, e retribuía esses sentimentos com uma paixão interminável. E... insaciável.

Fim